

Narrativas de Si

Organizadoras:

Patrícia Ap. Bioto • Rosiley Ap. Teixeira



Narrativas de Si



**Patrícia Ap. Bioto
Rosiley Ap. Teixeira
(Organizadoras)**

Narrativas de Si

Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Patrícia Ap. Boto; Rosiley Ap. Teixeira [Orgs.]

Narrativas de Si. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 209p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0747-6 [Impresso]

978-65-265-0911-1 [Digital]

1. Narrativas. 2. Relatos pessoais. 3. Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Práticas Educacionais. 4. Universidade Nove e Julho. I. Título.

CDD – 370/410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Patricia A. Bioto Rosiley Teixeira	
FRAGMENTOS DA MINHA HISTÓRIA: RESSIGNIFICANDO OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI	21
Andrea de Sousa Araújo	
INGRESSOS E PERCURSOS: O TRILHAR PELA EDUCAÇÃO E SEUS MUITOS INÍCIOS	35
Camila Soares da Silva	
TUDO NOVO DE NOVO...	45
Débora Nery Cirilo	
DEDICAÇÃO E ESFORÇO: SUPERANDO OS OBSTÁCULOS	55
Denise Pereira Pedro	
MEU MEMORIAL: CAMINHOS QUE ME LEVARAM A PESQUISA	61
Desiclei Mara de Oliveira Barrocal Mapeli	
A MÉTRICA DA FORMAÇÃO DE UMA PESQUISADORA TAL QUAL EM VERSOS BRANCOS	67
Eliane Duarte	
AS PAINAS DAQUELA PAINEIRA, A BICICLETA AZUL E O MERTHIOLATE VERMELHO	75
Gilson Borsato Batista	

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA	87
Juliane Barssalos da Cruz	
“TIA”, PROFESSORA, MESTRA EM EDUCAÇÃO: UMA TRAJETÓRIA DE AMOR, DEDICAÇÃO E HONRA!	93
Karin Pereira da Costa Maia	
TANTOS CAMINHOS... E TANTAS HISTÓRIAS...	97
Leila Cilene Silva Araújo	
MINHA TRAJETÓRIA E MOTIVOS QUE ME LEVARAM À EDUCAÇÃO	107
(Da parte sem arte da cidade de Embu das Artes para à Educação e Arte em todos os lugares)	
Leonardo de Melo Soares	
A AVALIAÇÃO ESCOLAR: HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS	123
Luciane Beck Sola	
A POTÊNCIA DA EDUCAÇÃO PARA TRANSFORMAR VIDAS	135
Maria Arivalda de Oliveira	
AVENTURAS DE IRENE	143
Patrícia A. Bioto	
MINHA ATUAÇÃO COMO DIRETORA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA GESTÃO COLABORATIVA: ESTRATÉGIAS EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	153
Roberta de Freitas Theodossiou	
NARRATIVAS DE SI E DOS OUTROS: FRAGMENTOS EM PEQUENOS ENSAIOS	163
Rosiley A. Teixeira	

PERCURSO FORMATIVO: SUPERAÇÃO COMO SINÔNIMO DE CONSTRUÇÃO	175
Sônia Rocha de Almeida Vieira	
REDUZIR AS LACUNAS DAS DIFERENÇAS, TRABALHANDO A DIVERSIDADE DE MANEIRA INCLUSIVA	189
Tiago Benedito dos Santos	
AS ORGANIZADORAS	199
OS AUTORES E AS AUTORAS	201

APRESENTAÇÃO

Patricia Ap. Bioto¹
Rosiley Teixeira

A ideia desse livro já tinha nascido há um bom tempo. Sempre que víamos as apresentações das dissertações de nossos orientandos e orientandas e as de outros alunos, pensávamos a mesma coisa: que material bom! Rende muitas publicações! Um dia precisamos fazer algo com elas, as trazer à tona. E esse dia chegou, agora em forma de livro, pois antes, elas já estavam disponíveis ao mundo nas dissertações depositadas na biblioteca da UNINOVE.

Ler uma a uma sempre foi uma experiência de aproximação e entendimento de tantas histórias, trajetórias, podíamos entender o caminho que os mestrandos e mestrandas foram percorrendo até chegar no mestrado e de onde vinham os temas de pesquisa. E algumas curiosidades também foram saciadas. E nós, cientistas, somos pouco curiosos!

Ter a oportunidade de ler muitas delas juntas, entretanto, é uma experiência bem diferente. Semelhanças nos saltam aos olhos, particularidades, processos, períodos da educação nacional reverberando nas famílias, nos alunos, nos professores e naqueles que foram nossos e nossas orientandos e orientandas é algo sem igual.

¹ Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara. Pós Doutora pela PUC-SP, EHPS. Doutora em História da Educação pela PUC-SP. Professora do Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da UNINOVE-SP. Pesquisa e publica sobre formação de professores, políticas educacionais e currículo. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores: contextos, epistemologias e metodologias. Vice-líder do Grupo de Pesquisa: Infância, Escola, Formação de Professores: estudos contemporâneos. Membro da Rede Internacional de Investigação - Ação Colaborativa Estreia diálogos e da Collaborative Action Reseach Network (CARN).

Muitos dos textos que estão aqui fazem parte ou são, na sua íntegra, a apresentação inicial que consta nas dissertações defendidas pelos autores dos capítulos, todos mestres ou mestrandos do Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho. Essas apresentações compõem as dissertações com o intuito de dar ao leitor das dissertações a oportunidade de conhecer um pouco mais do percurso de cada trabalho acadêmico. Por trás de cada dissertação há pessoas de carne e osso, com famílias, com histórias, com memórias, com desejos, com sonhos, com possibilidades e limites, que perdeu e que conquistou, que caiu e que levantou. Há lágrimas de alegria e de tristeza. Isso tudo tira um pouco a insipidez que um texto científico pode ter. Afinal de contas, um texto científico é escrito por uma pessoa, ao menos até agora.

As apresentações contribuem, também para que seja ressaltada a ligação do referido Programa de Pós-graduação com o ensino básico público, como um potencializador da educação pública e como uma iniciativa de oferecer condições de se pensar alternativas de reflexão, enfrentamento e proposição de possibilidades de mudar estados instaurados que não trazem mais o brilho nos olhos daqueles que lá estão, professores e alunos. É uma tentativa de criar “laços” onde “falta espaço” para a solidariedade.

Ler esses capítulos é uma porta aberta para diversas emoções e reflexões. Sugerimos que leiam cada um deles com calma, indo e voltando, mas que façam a experiência de ler alguns sem pausa para perceber os diálogos que estabelecem entre si.

O capítulo de Andrea de Sousa Araújo, “Fragmentos da minha história: ressignificando os caminhos que me trouxeram até aqui”, nos conta de uma professora, pesquisadora e mestre, que igualmente buscou, desde o início de seu percurso na vida e na escola, alternativas, estratégias, meios, caminhos, para dar respostas às suas necessidades e para realizar seus sonhos. Tal como as mães e outras tantas figuras, familiares ou não, que ajudaram as crianças no processo de aprendizagem no período

pandêmico, Andrea não desistiu de seu objetivo de estudar, de se desenvolver profissionalmente como professora. Mesmo num tempo em que a escola não parece ser mais, mas ainda o é, podemos afirmar, vista como uma instituição que pode oferecer oportunidades de aprendizagem, de crescimento, de fortalecimentos de condições para inserção social, não apenas como trabalhadores, mas como cidadãos, na acepção greco-romana da palavra e não neoliberal, Andrea foi e é professora. Educou crianças bem pequenas, pequenas, maiores, adolescentes e adultos, da Educação Infantil até a EJA. Filha de escola pública retorna à essa escola como professora concursada, com seus saberes validados pela sociedade. Vive na escola, experiências que até então não tinham feito parte de sua vida. Se abre para elas, as questiona, as ressignifica, lida com elas como pontos que contribuíram para seu aprendizado, para sua vida e para sua profissionalidade. Fala orgulhosa de seus pais que com certeza devem estar orgulhosos dela também, assim como o professora Delci, querida e saudosa, deve estar.

No segundo capítulo, de Camila Soares da Silva, “Ingressos e percursos: o trilhar pela educação e seus muitos inícios”, mais uma vez nos deparamos com uma mestre oriunda de escola pública. Diferentemente de Andrea, Camila não foi sempre educadora, desde o início de suas experiências profissionais, mas esteve na área da educação, como secretária de escola, o que lhe deu muita alegria, ela confessa. E a área continuou a lhe dar alegrias, a lhe suscitar a curiosidade e a lhe abrir portas. Coursou pedagogia, prestou e passou em concursos, se pôs a ensinar crianças e agora ensina professores. Ensina inclusive professores que nunca ensinaram, que é um traço de muitos professores que terminam suas graduações prestam concurso na referida rede e ingressam como professores. Como ela mesma coloca “O tema de investigação em foco não adentrou minha vida acadêmica sem antes ter afetado minha personalidade e profissionalidade”. Camila se refere a pesquisa que desenvolveu no mestrado e que eu, Prof. Patrícia Bioto, tive a grata oportunidade de orientar. Aluna dedicadíssima, séria, responsável, diligente,

perspicaz, corajosa, Camila fez uma pesquisa com aquelas, que como elas se tornaram professoras por certificação, mas que precisaram, por força da opção e das circunstâncias, se fazerem professoras de fato, lidando, aprendendo e entendendo os dificultadores e os facilitadores da docência.

A fé de Debora Nery Cirilo é contagiante. Ela acredita em si, acredita nas outras pessoas, acredita na educação, acredita num trabalho conjunto, acredita nos professores, nos alunos, nas suas famílias e na vida, em suas transformações, que acabam nos trazendo “Tudo novo, de novo”, como é o título de seu capítulo. No percurso do mestrado, Débora passou por muitas transformações, até de nome. Quando eu, Prof. Patrícia, a conheci, ela não era essa Débora que foi se revelando até o final do mestrado, o nome dela era outro. Mas as transformações fazem parte do caminho de Débora, assim como os aprendizados. O quanto ela deve ter aprendido vendo seu pai dar aula, sendo merendeira, agente de organização escolar, professora de creche, de ensino fundamental, de sala de recursos, formadora de outros formadores, mãe, mulher, mestranda e mestre em educação! Para acompanhar Débora é preciso ter um bom fôlego, como ela o tem, com tantos cursos, formações, experiências, desafios e vontade de continuar seguindo, aprendendo e contribuindo, dialogicamente, como a tertúlia que fez em seu mestrado.

O título do capítulo de Denise Pereira Pedro, “Dedicação e esforço: superando os obstáculos” nos indica a pessoa e a profissional com quem estamos entrando em contato ao lê-lo. Denise, assim como Andrea, Camila e Denise, é egressa de escola pública. Mas de forma diferente das colegas o desejo de ser professora não estava posto desde tenra idade. A vida lhe foi conduzindo, conforme expressa. E, uma vez que se pôs nesse caminho, enxergou nele uma função social, o que é importantíssimo, deve-se ressaltar, esse seu olhar e, obviamente, a educação em si. É perceptível pelo texto, e também em minha experiência, eu, Prof. Patrícia, como orientadora de mestrado de Denise, o quanto ela é dedicada e responsável. Assim se dedica ao

magistério, à função de formadora de professores na rede municipal de Santo André, e dessa experiência provém seu interesse de pesquisa e, por fim, sua dissertação que tem também uma importante função social.

Desiclei Mara de Oliveira Barrocal Mapeli, em seu capítulo, “Meu memorial: caminhos que me levaram a pesquisa”, nos traz tintas, sons, gostos, sentimentos que emergem de sua memória à nossa ao falar de sua infância. Das alegrias, das mudanças, do que aprendeu, das pessoas importantes, dos símbolos que compuseram seu imaginário e sua forma de ler, entender e agir no mundo. Escolhendo ser docente e gestora, Desiclei opta por plantar sementes de árvores das mais variadas espécies e de plantas de diversas formas, tamanhos e cores. Numa linguagem boa de acompanhar, ela compartilha suas memórias, tanto no seu texto neste livro quanto em sua dissertação, que compõem, num ato de coragem, a partir de uma perspectiva auto etnográfica, inédita para ela e para mim, mais uma vez, Prof. Patrícia. Esta também é uma forma de viver, com coragem, com abertura para o novo, com fé e esperança em si e naqueles que estão a trilhar um trecho do caminho a nosso lado.

Eliane Duarte não é professora, como ela mesma diz. Mas ela se dispôs a estudar professoras e nesse estudo, bem como no capítulo “A métrica da formação de uma pesquisadora tal qual em versos brancos”, muito nos ensinou a partir do muito que aprendeu. E que aprendeu com muita curiosidade, como a que lhe toma desde a primeira educação e que parece ser um traço familiar. Imagino crianças de olhos vivos, brilhantes, um mundo a sua frente, paisagens, animais, pessoas, acontecimentos, várias “experiências” lhes afetando. Eliane se deixou ser afetada ou será que sempre procurou ser mordida pelo bichinho da curiosidade? Cabe uma pesquisa sobre Eliane, quem sabe, para responder a essa pergunta, assim como ela fez para responder suas perguntas sobre outras professoras reflexivas, dispostas e comprometidas com um pensar reflexivo, composto por tons fortes e fracos, por movimentos intensos e delicados, todos igualmente importantes,

significativos, com lugar garantido da constituição da personalidade e da profissionalidade. Assim também imagino terem sido as experiências que afetaram Eliane e todos nós.

Gilson Borsatto, autor do capítulo “Arte de ser feliz: as painas daquela paineira, a bicicleta azul e o merthiolate vermelho”, nos encanta com o ritmo de sua escrita, com o tom carinhoso que usa para falar da sua infância, da sua família, dos cachorros, das escolas por onde passou e seus professores. Testemunha o que Eliane Duarte disse em seu capítulo sobre os ritmos da pesquisa. Gilson os percebeu. Não poderia conversar com os alunos por conta da pandemia. O que fazer? Pelo *Meet*? Um questionário? Planejou, planejou e nada aconteceu como ele planejou, mas aconteceu de uma forma que pareceu melhor que o planejado. As aulas voltaram por um tempo e rapidamente ele se organizou e conversou com os alunos. Ufa! Conseguiu. Tudo ficou como deveria ter ficado: lindo, amoroso, afetivo, atencioso, respeitoso e zeloso, como Gilson. É incrível quando escrevemos sobre quem tivemos a sorte de conhecer. Lendo o texto de Gilson o vejo, o ouço, sinto sua respiração. Ele tem um ritmo de respirar que mesmo pela tela do computador é possível acompanhar. É calmo, parece que está entrando no profundo do oceano onde tudo é cor, silêncio e vida. Vocês deveriam conhecer Gilson. Acho que muitos têm histórias parecidas com a de Gilson e talvez por isso muitos podem se reconhecer nele.

Em seu texto “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”, Juliane escolhe nos revelar como tem sido sua relação com o alfabetizar-se e o alfabetizar, formar-se e formar professoras alfabetizadoras. Nesse sentido, aborda a alfabetização como uma experiência que levamos para vida toda. Lembrou-se dos momentos tristes, traumáticos e vexatórios que viveu na escola e, sem dúvida, foi um sofrimento que marcou toda a sua vida. Entretanto, ainda que pareça contraditório, isso gerou sentimentos que perduraram por muitos anos, e tampouco foram desencadeadores de outras dificuldades. Ao contrário, superou as dificuldades, logrando êxito em cada obstáculo para, no fundo,

provar do que era capaz. Por fim, e nos diz logo nas primeiras páginas do texto que o importante é o agora; sua relação com o tema como formadora de professores. Uma experiência que a levou ao mestrado e lhe propiciou reler e rever o seu percurso formativo.

Karin Maia em seu capítulo “ ‘Tia’, professora, mestra em educação: uma trajetória de amor, dedicação e honra!” nos fala orgulhosamente de seu percurso, dos desafios que superou, da resiliência que desenvolveu, dos aprendizados que construiu. Mas fala também de seus incômodos, de suas inconformidades: a forma de ser professora eventual, as incoerências na formação de professores e gestores, a dificuldade de mudar estruturas administrativas de órgãos de governo. Junto a tudo isso ela nos lembra de que acabamos de atravessar uma pandemia que assolou vidas. E, nesse contexto, ela se pôs a fazer o mestrado, a perseguir seus sonhos, a investigar e a buscar novos caminhos. Ela foi sendo forte ao longo do caminho e ao final dele não poderia ser alguém diferente do que foi em todo o percurso, com amor, dedicação e honra.

Leila Cilene tem muitas histórias e ela nos conta em seu capítulo nesse livro. Histórias de uma professora, de uma coordenadora, de uma pesquisadora. Histórias de quem acredita na educação, de quem acredita em si, no que faz e nas outras pessoas. Logo no seu primeiro parágrafo ela coloca: “[...]os saberes estão além dos textos e das palavras, se encontram nas pessoas, nos territórios, nas heranças culturais”. Essa é Leila, mais sábia do que quer parecer mas sempre generosa, disposta e pró-ativa. E tais disposições, com certeza, ela deve ter desenvolvido e usado nas várias funções que desempenhou como educadora. E são também essas disposições que ela trabalha com seus pares quando estão em momentos formativos pois ela percebe que todos podem aprender com todos, desde que seja significativo, como coloca um autor que ela cita na epígrafe do capítulo. Me pergunto: poderia ser diferente? Poderíamos aprender com quem não admiramos, com alguém que não respeitamos, que não nos desperta, com quem percebemos que não tem nada a contribuir como nossa vida? Eu penso que não. Somos seres de

vontade, de movimento. Estar no mesmo lugar não é se movimentar. Leila só se deixa ficar no mesmo lugar pois percebe que tem o que construir, o que aprender, compartilhar e ensinar.

“Minha trajetória e motivos que me levaram à educação” é o capítulo de Leonardo de Melo Soares. Leonardo tem raízes, as reconhece, parte delas, mas não fica apegado a elas. De forma poética vai nos contando de sua vida, algo inédito e único nesse livro. O projeto que apresentou no processo seletivo para ingresso no mestrado já estava em forma de verso. São os vários Leonardos falando. Ele se mostra como multifacetado. Já exerceu várias profissões, já esteve em vários lugares, já conviveu com muitas e diferentes pessoas em contextos diversos. Mas fica a sensação de que esse é o traço do Leonardo, no singular. Ele é assim, inquieto, sempre à procura de algo, indo conforme a vida se lhe apresenta, mas opta sempre por ir, não fica, não fica estagnado, não se conforma, se vira, se revira e vai. Na nova empreitada, no mestrado, quer continuar o trabalho que faz na escola como diretor, mostrando os desafios sociais que chegam à escola todos os dias em meio a sua principal função que é ensinar. Escola não é posto de saúde, não é centro de apoio psicossocial, não é conselho tutelar, não é posto odontológico, não é bazar de roupa e material escolar, embora ela tenha feito essas coisas ao longo dos últimos anos, com erros e acertos, ajudando ou não na tarefa de educar (apenas novas pesquisas poderão dar a medida dessa relação).

Quando Luciane Beck Sola vai tratando das experiências escolares que a afetaram, notadamente as que dizem respeito a avaliação do rendimento escolar do aluno o que salta aos olhos é um grau de consciência dos elementos que cercam o tema que, pode-se afirmar foi se desenvolvendo no entremeado composto por sua vida familiar, pelas escolas em que esteve como aluna, professora e gestora, pelo contexto social e pelas marcas que tudo isso produziu nela. Nota-se um certo tom de tristeza em suas palavras junto a uma prosa concatenada, justificada teoricamente. Talvez toda essa teoria lhe tenha ajudado a entender o que se passou com ela e com seus colegas em todos aqueles longos e

difíceis anos de escolarização excludente, classificatória, punitiva. Luciane, em seu primeiro curso superior teve a oportunidade de fugir dessa lógica, desse modelo de escola e dos sentimentos que são gerados por essa experiência escolar. O curso de letras em uma renomada universidade pública parece ter lhe dado um novo fôlego, uma nova forma de ler e entender o mundo, mais crítico e propositivo. Esse parece ser o fundamento da escola que ela quer ajudar a construir como gestora.

Ouvi a risada de Maria quando terminei de ler seu texto. E Maria ria gostoso, nós duas ríamos, pois eu, Prof. Patrícia, tive o privilégio de ser sua orientadora de mestrado. Mas, não, Maria também sabia ser séria e sabia reconhecer seus limites e superá-los. Como está na epígrafe que abre seu texto, de Freire, é no reconhecer dos limites que podemos criar modos de superá-los. É a tão falada consciência, aquela clareza sobre uma situação que por vezes parece maior do que realmente é. Em sua infância essa clareza não estava presente e me pergunto se está em alguma criança. Pelos teóricos do desenvolvimento infantil ela leva uns anos até despontar, amadurecer, ser reconhecida, exercitada e ir crescendo, operando e nos ajudando a sermos quem somos, a agir, a escolher. Mais velha, Maria pode fazer escolhas conscientes. Ela optou por ela, sempre a melhor escolha, e depois optou pelas filhas. Optou por seus alunos, em quem se via e assim, redimia e recriava a infância. Optou por seus pares professores ao participar com eles de um processo formativo que deu origem à sua dissertação de mestrado. Foi bom demais ter conhecido Maria, ter escrito junto com Maria, ter rido com Maria e ter superado tantas coisas. "Simples assim!"

Ficou tão bonito que eu, eu mesma e Irene escrevemos! Gostei de ler meu capítulo! Foi um belo exercício. Talvez o primeiro de muitos outros sobre outras pessoas nessa trajetória de constituição do ser professor e pesquisador. Há uma frase que Eliane Duarte me apresentou que diz que o que interessa é amar e mudar as coisas. Eu concordo. Isso deveria interessar a todos o tempo todo. Não que possamos amar a perfeição e ainda há que se considerar que se cada

um quiser mudar o mundo a sua maneira será mais fácil desconstruir do que construir, mas se o horizonte for um só, a tarefa até que pode dar certo. E isso está no meu texto, nas reflexões acerca de meu trabalho como orientadora de mestrado. Eu caminho com as orientandas (uso no feminino pois são na esmagadora maioria, mulheres), vou um tanto a frente, mostrando por onde eu acho que devem ir, por onde não devem ir e, de maneira geral, tem dado certo. E vamos amando e mudando o mundo que podemos, que está a nossa frente. Imagine se todos fizessem isso?

Ler o que Roberta de Freitas Theodossiou escreveu sobre “[sua] atuação como diretora escolar na perspectiva da gestão colaborativa: estratégias em um Centro de Educação Infantil da rede pública do município de São Paulo”, nos mostra como uma dificuldade pode se tornar uma potência. Roberta aponta logo no início do texto que tinha dificuldade na escola, como aluna, a realizar tarefas e trabalhos em grupo e em resolver conflitos. E serão essas as coisas que ela mais exercita sendo diretora de um Centro de Educação Infantil da rede parceira da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O trabalhar juntos, o colaborar, o ouvir, o falar, o traçar planos comuns, o compromisso que cada professor, gestor, pai e mãe assumiram deram vida a uma escola com cultura colaborativa. A trajetória e a atuação de Roberta nesse processo se fizeram fundamentais, o que acabou dando origem a sua dissertação de mestrado e, quiçá, a sua tese de doutorado e a tantos outros trabalhos acadêmicos. Mas não só trabalhos acadêmicos, o trabalho de Roberta e de seus pares impacta e impactará vidas, mudou, muda e mudará realidades, com amor. A elas todas deve importar mais o amor e o mudar o mundo do que tolas teorias, fantasias e o algo mais, como diria o poeta Belchior.

O capítulo da professora Rosiley Teixeira, “Narrativas de si e dos outros: fragmentos em pequenos ensaios” é de natureza teórica. A autora expõe seu entendimento acerca do tema das narrativas a partir da perspectiva de diversos autores. Vai nos dando a conhecer os autores com os quais dialoga. Coloca, também,

os passos que foi dando em seu percurso de autora de textos narrativos e de obras acerca da temática. Desta forma é, por conseguinte, uma incentivadora de memórias de escolarização e de práticas escolares. Entende que pesquisar é “[...] uma, dentre as muitas possibilidades de lutar por um mundo melhor ao qual a humanidade tem direito” do que não podemos discordar.

Sônia Rocha de Almeida Vieira em seu capítulo “Percurso formativo: superação como sinônimo de construção” foi um pouco desobediente, considerando o que disse sua mãe, sobre não contar certas coisas de sua vida para as pessoas. Com certeza algumas, ou muitas coisa, Sônia não contou. Mas o que contou foi muito bonito. Contou da escola presente em sua infância que era como a escola de muitas cidades pequenas do interior do país, multisseriada, com uma professora que é a merendeira, a faxineira, a diretora e a dona da escola. Contou de uma família que se muda de cidade para que os filhos estudem. Contou também de seu amor e companheirismo pelas colegas de turma que tinham dificuldades de aprender. Por suas palavras bem colocadas é possível sentir o medo das crianças perante a roda da tabuada e a hora da leitura, assim como se pode sentir a maldade dos professores e a sensação de prazer e poder que os acometia em maltratar as crianças. Demorou para Sônia ser professora de escola, mas essa foi uma decisão muito forte em sua vida. A fez mudar de rumo mas ela é boa de tomar o rumo de sua vida em suas mãos, algo que começou a fazer aos oito anos quando decidiu qual era a sua escola. E seguiu decidindo o rumo da sua vida, procurando se aperfeiçoar para ser a profissional que desejava e que sentia que era necessário onde ela está. Espertamente Sônia mais que sobreviveu, ela viveu, ela vive e vive ensinando e aprendendo.

Tiago Benedito dos Santos não quis ficar na zona rural de Santo Antonio do Pinhal sem conseguir a ajuda que precisava para lidar e superar suas dificuldades. Também não quis ficar sem ter como buscar seus sonhos. Se hoje volta à região onde nasceu, o faz com olhos orgulhosos, satisfeitos e agradecidos por tudo que experienciou, pelas pessoas que encontrou, pelas conquistas que

efetuou, pelas mãos que ofereceu a tantos que pediram sua ajuda, quer em palavras quer em olhares. Ele declara que via o amor nos olhos dos alunos e que escolhe contribuir positivamente com eles e com a educação. Há algumas frases no texto que são marcantes: “A aprendizagem está muito fictícia, com um roteiro muito melhor que as cenas”, na escola “[...] falta laço, falta espaço”, “Experimentei emoções na educação que nenhuma outra profissão me ofertou. Já vi a fome de perto, em estômagos que não eram o meu. Já briguei com o *Bullying*, com o preconceito, com o racismo, com o abuso sexual, com a falta de educação, com o medo, com a dor, com o desprezo”. São frases, trechos fortes. Trazem à tona, a luz e as trevas da educação e do homem. Como ele diz, “falta laço, falta espaço”. Falta o laço que aproxima e falta espaço “pras” coisas boas. Mas Tiago não desistiu de buscar os laços e de fazer os espaços. Até bate na mesa quando precisa. Mas, não só bate na mesa, ele estuda, compartilha, estende a mão, abre o coração.

E isso se pode dizer de todos os autores deste livro. Todas e todos abriram seus corações, estenderam suas mãos. Elas estão dadas umas às outras construindo uma obra tão bela, emocionante, que nos faz refletir, que nos faz imaginar, que nos sonhar, que nos faz questionar. Mas acima de tudo, ousa-se dizer, nos faz acreditar mais na luz do que nas trevas, nos faz acreditar na força daquilo que nos é comum, na força do comum. São muitas vidas diferentes, mas há traços comuns. Acredito, e não acredito sozinha, que a transformação, a felicidade e um mundo melhor está nas mãos de cada um e de todos nós, juntos.

FRAGMENTOS DA MINHA HISTÓRIA: RESSIGNIFICANDO OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

Andrea de Sousa Araujo¹

Se o cotidiano lhe parece pobre, não o acuse:
acuse-se a si próprio de não ser muito poeta para
extrair dele as suas riquezas
Rainer Maria Rilke

Nasci em 1976, durante o regime militar no Brasil. Filha de pais que migraram do interior de Minas Gerais para São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Minha mãe cursou até a antiga 4ª série do Primeiro Grau. Não chegou, na época, a prestar o concurso de admissão. Para as mulheres da classe trabalhadora, o nível de instrução alcançado por minha mãe, era o suficiente. Ela não teve a oportunidade de continuar os estudos, mas sempre me incentivou a seguir em frente e buscar meus objetivos. Meu pai, resiliente e perseverante, realizou o sonho de terminar o antigo Segundo Grau e entrou na faculdade de Direito, porém não conseguiu finalizá-la. Anos depois, passou no vestibular para o curso de Psicologia, que conseguiu concluir dois anos antes que eu terminasse minha primeira graduação. Exerceu a profissão por algum tempo paralelamente ao trabalho em uma metalúrgica. Seu orgulho foi receber um diploma universitário e, mais tarde, ver que

¹ Bacharel em Comunicação Social. Licenciatura em História e Pedagogia. Pós-graduação em Sociologia da Cultura e Metodologia do Ensino de História. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Atua como professora de Educação Básica na rede pública estadual de São Paulo e na rede municipal de Santo André.

a filha também conquistou um certificado, porém muito mais jovem e com mais tempo para usufruir dessa “conquista”.

Estudei todo o Ensino Básico em escolas públicas estaduais no município de Diadema, na Grande São Paulo, cidade considerada a mais violenta do Brasil nas décadas de 1980 e 1990². Meus pais sempre atribuíram muito valor à educação. Lembro-me bem das cobranças relacionadas às boas notas e ao bom comportamento. Para eles, notas e disciplina eram essenciais para ser um bom aluno e, conseqüentemente, ter um futuro melhor. É claro que esse pensamento estava muito ligado ao contexto social e histórico da época em que viviam e que passaram pela escola. Naquele contexto, ela era a única possibilidade de ascensão social. E era justamente a ascensão social o objetivo que meus pais esperavam que a escola pudesse permitir a seus filhos.

Assim como eu, meus dois irmãos menores também frequentaram instituições públicas de ensino. Quando eu tinha aproximadamente 12 anos, meu irmão mais novo ingressou na Educação Infantil em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) para a qual eu o levava todos os dias. A sua professora, a querida e saudosa Delci, deve ter enxergado em meus olhos a curiosidade e o interesse por aquele espaço de conhecimento. Começou, então, a me solicitar para ficar na escola durante o período de aula de meu irmão e ajudar com tarefas como rodar atividades no mimeógrafo, recortar papéis, produzir cartazes e até participar de saídas pedagógicas. Ir ao zoológico com as crianças me deixou memórias maravilhosas que guardo até hoje. Acredito que foi ali, incentivada por aquela professora, que iniciei minha trajetória na educação.

Quando cursava a antiga sétima série, o governo do Estado de São Paulo criou um projeto de educação integral para a formação

² “O município de Diadema nas décadas de 1980 e 1990 era composto por justiceiros que ditavam as leis locais do poder da vida, e os policiais usavam os mesmos métodos privados, listas de execuções eram encontradas na cidade, mortes ligadas ao tráfico de drogas em escolas públicas, toque de recolher em escolas”. (MARCHIORI, 2011)

de professores das primeiras séries do Ensino Fundamental. O Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) tornou-se uma grande oportunidade para meninas como eu, pois, ao fim do curso, já tínhamos uma habilitação para o trabalho. Em 1989, prestei o “vestibulinho” para o CEFAM, ingressando em 1990. O curso acontecia em período integral. Na parte da manhã, tínhamos aulas teóricas e, à tarde, de metodologia. A partir do segundo ano, no período vespertino, fazíamos estágio em escolas públicas ao menos uma vez por semana. E tenho certeza de que essa experiência, ainda durante o curso de Magistério, foi essencial para ampliar meus conhecimentos sobre a relação entre teoria e prática em sala de aula. Lembro-me com alegria de quando, em uma sala de alfabetização, a professora me convidou para ajudar em uma peça de teatro com fantoches para as crianças. A sensação de contar histórias para aqueles pequenos pela primeira vez nunca irá se apagar da minha memória. Foram quatro anos de muito aprendizado e novas e significativas experiências. Formei-me em 1994.

No ano seguinte, comecei a dar aulas em uma pequena escola particular próxima de casa. Dava meus primeiros passos como professora na Educação Infantil. Era uma escola pequena, de bairro, mas o aprendizado foi enorme e precioso. No mesmo ano, prestei um concurso público para o cargo de professor de Educação Infantil, em uma rede municipal de educação, e qual não foi minha alegria ao conseguir ingressar no magistério público municipal aos dezenove anos de idade. Iniciei na Educação Infantil, em uma creche em um bairro afastado, periférico e esquecido pelo poder público. Era um grupo de crianças que tinham entre três e quatro anos, com narizes sempre escorrendo e os sorrisos mais largos e luminosos que já tinha visto.

Naquela creche, eram frequentes os casos de violência policial e doméstica. Quantas vezes ouvi das crianças que elas faltaram à escola porque “a polícia” havia entrado em suas casas e “bagunçado” tudo. Além disso, os casos de violência doméstica eram frequentes. Não só no sentido da violência física e psicológica,

mas também quanto aos cuidados básicos de higiene e alimentação. Para mim, uma menina de dezenove anos, aquela realidade familiar era muito distante, apesar de sempre ter estudado em escolas públicas. Era quase impossível acreditar e aceitar que uma mãe não se preocupasse com esses cuidados básicos. Hoje, consigo perceber que, na maioria dos casos, não se tratava de uma questão de falta de preocupação das famílias para com seus filhos, mas sim de oportunidades ou possibilidades. Ademais, eu tinha um conceito de que as famílias eram formadas por pai, mãe e filhos. Ao me deparar com “formatos” de família tão diferentes dos que acreditava serem os “normais”, percebi que precisaria aprender muito sobre aquelas relações familiares e rever inúmeros pré-conceitos.

Com a mente e o coração de uma professora novata, acreditava que minhas ações teriam o “poder” de mudar a realidade dura e precária daquelas crianças. Acho que tinha a melhor das intenções, porém, aos poucos, descobri que, para garantir educação de qualidade, em bairros periféricos como aquele, as lutas seriam muitas e constantes.

Depois de alguns anos, removi-me da creche e passei a trabalhar em uma escola municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF), na rede de Santo André. Era o início da implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) e, com as alterações sobre as competências e o orçamento no financiamento do Ensino Fundamental, muitos municípios iniciaram o processo que ficou conhecido como “municipalização”, passando a oferecer não somente vagas para turmas de Educação Infantil, mas também para o Ensino Fundamental do primeiro ao quinto ano do Ciclo I. Naquele ano, foi-me atribuída uma sala de Educação Infantil Ano Final (5 anos). No entanto, em meados de abril, ela foi reclassificada como turma de primeiro ano do Ensino Fundamental e, desse modo, ingressei na categoria de professora alfabetizadora. Precisei aprender, ainda sem muito conhecimento e sem muitos recursos, as teorias e metodologias com foco no processo de alfabetização.

Nesse contexto, as relações com as famílias deixaram de estar centralizadas nos cuidados básicos com as crianças e passaram a se refletir nas questões pedagógicas. Senti novamente que era preciso rever conceitos e práticas. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 4º, sinaliza o compartilhamento das responsabilidades entre família, comunidade e Poder Público, no que diz respeito à manutenção dos direitos das crianças. Sendo a educação um desses direitos, poderíamos dizer que a família deve auxiliar no desenvolvimento escolar de seus filhos e filhas? No entanto, como essas famílias, muitas delas analfabetas e sem vivência escolar, poderiam ajudar as crianças?

Para refletir sobre essas dúvidas, fui em busca de formação, sempre com a intenção de melhorar minha prática. Acreditando que o processo comunicativo é de fundamental importância nas relações humanas, fiz um bacharelado em Comunicação Social. Hoje sou muito grata por ter feito o curso, pois tenho consciência de que um bom professor é aquele que, além de conhecimento teórico e metodológico, consegue se comunicar com seus alunos. Depois, fiz as licenciaturas em História e Pedagogia. Ambas trouxeram reflexões pertinentes, que me fizeram repensar minha prática educativa. Na pós-graduação, cursei “Globalização e Cultura – Sociologia da Mudança” e “Metodologia do Ensino de História”; dois cursos extremamente importantes para aprofundar meus conceitos sobre a necessidade de uma educação de qualidade com vistas ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa ou menos desigual. Além disso, sempre participei de muitos cursos, palestras e seminários ligados ao tema da Educação, com destaque ao PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), promovido pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com instituições de Ensino Superior e governos estaduais e municipais.

No ano de 2005, prestei um novo concurso público, para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e me efetivei também como professora PEB II, lecionando as disciplinas de Ciências Humanas nas escolas estaduais, do sexto ano do Ensino Fundamental Ciclo II ao Ensino Médio. Essa experiência me trouxe

outra dimensão da importância das relações familiares para o desenvolvimento dos alunos e alunas, bem como das relações da escola com a comunidade. Ao perceber que muitos alunos do Ciclo II do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio apresentavam dificuldades extremas no processo de escrita, leitura e interpretação, sendo que vários poderiam ser considerados analfabetos funcionais, comecei a me questionar cada vez mais sobre a eficácia da escola como instrumento de emancipação dos sujeitos. Como as nossas crianças, que não conseguiam decodificar a língua escrita, poderiam interpretar e compreender a sociedade na qual estavam inseridas? De que modo as famílias dessas crianças avaliavam seu próprio papel e o da escola enquanto instrumento de desenvolvimento social? O desejo de me especializar nessa questão tão essencial e importante para a educação só aumentava.

Naquele momento de conflitos com a prática educativa, decidi me aventurar pelas salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas quais vivenciei as teorias de Paulo Freire. Nelas também tive contato com as delícias e dificuldades de lecionar para um grupo muito peculiar. Muitos alunos e alunas da EJA têm um desejo enorme em aprender, mas vários de nós, professores, ainda não conseguimos trazer para a sala de aula linguagens e metodologias que atendam às necessidades específicas desses cidadãos, que tiveram o direito à educação roubado por muitos anos. Além disso, muitos deles eram pais e mães de meus alunos e alunas do Ensino Fundamental e Médio, e traziam, em seus discursos, a dificuldade de serem ouvidos pela escola como seres que tinham significado e participação na vida escolar de seus filhos e filhas. Minhas dúvidas e angústias sobre o papel transformador da educação e a gestão democrática ganharam, então, um novo capítulo.

E assim continuei seguindo, entre salas de aula de todos os níveis da Educação Básica, cada uma com seus desafios e possibilidades. E é aqui que retorno ao ano de 2020, no qual uma pandemia matou milhares de pessoas em todo o mundo e, para assegurar a vida, as aulas presenciais foram interrompidas de um

dia para o outro. A sala de aula foi, até aquele ano, um elemento cotidiano fundamental na minha vida. No entanto, com a suspensão das aulas presenciais, precisei modificar minha rotina, minha prática, meus conceitos e, mais uma vez, a forma como enxergava a educação, em poucos meses. Foi doloroso para mim, como sei que foi igualmente difícil para muitos dos meus colegas de profissão. Não sabíamos o que fazer para manter o processo educativo, e isso nos causou um vazio inexplicável. Uma rede social de troca de mensagens passou a ser a nossa sala de aula, assim como um espaço de terapia, no qual trocávamos ideias, angústias e novas experiências.

No entanto, a rotina não mudou somente para os professores; as crianças e suas famílias também tiveram de se adaptar. Receber roteiros de estudo, atividades e tirar dúvidas pelo celular não era uma prática escolar até então. Quando as aulas síncronas começaram, a escola invadiu a casa das crianças. Muitos pais, mães, irmãos e avós deixaram seu lugar de familiares para se transformarem em tutores ou em auxiliares dos professores nesse novo modelo de ensino. E as crianças que não podiam contar com a ajuda de um adulto, como fizeram?

E foi justamente nesse momento, de busca de respostas e de novas possibilidades, que a minha pesquisa “Reorganização do cotidiano familiar em tempos de pandemia: táticas de mães para a aprendizagem dos filhos” ganhou vida... e se transformou no projeto de pesquisa enviado à Universidade Nove de Julho, na tentativa de ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES).

Diante desse cenário de incertezas, minha pesquisa se propôs a compreender se (e como) núcleos familiares, que possuíam em sua composição crianças em idade escolar, matriculadas na Educação Básica em escolas públicas estaduais e municipais, localizadas no município de Santo André, região metropolitana do Estado de São Paulo, precisaram adaptar o cotidiano familiar,

atendendo a um modelo de ensino que exigiu novos tempos, espaços, meios e modos de aprender.

Como objetivos específicos, procurei identificar quais foram as adequações realizadas no cotidiano familiar a partir da suspensão das aulas presenciais e início do ensino remoto e verificar quais foram as táticas utilizadas pelas famílias para se adequar à nova rotina de estudos que, até então, era de competência escolar. Os sujeitos desta pesquisa foram as mães das crianças, mulheres que se tornaram responsáveis por auxiliar os filhos e acompanhar a realização das atividades escolares durante o ensino remoto.

No campo metodológico, o estudo, de cunho qualitativo, fez uso dos retratos sociológicos (LAHIRE, 1997, 2004). A metodologia, ao tratar os sujeitos em escala individual, nos permitiu verificar quais as disposições implicadas nas táticas formuladas pelas famílias pesquisadas para atender às demandas do novo modelo de ensino. Como instrumento de coleta de dados, utilizei a entrevista biográfica.

Para iniciar os estudos, foi imprescindível o acesso a aportes teóricos. Uma vez que a literatura sobre a temática era quase inexistente, devido ao ineditismo da situação, consideramos essencial a busca por artigos e relatórios de pesquisas elaborados ao longo do período pandêmico, bem como por teses e dissertações de temas próximos, que pudessem auxiliar na compreensão do estudo. Para tanto, recorreremos à BDTD³, à Capes⁴ e à Scielo⁵, além de matérias veiculadas em diversos meios de comunicação.

Para fundamentar a pesquisa, utilizei, como referencial teórico, as concepções de cotidiano, táticas e estratégias de Certeau (2014), pois constatei que examinar as práticas cotidianas pressupõe entender que os sujeitos apresentam diferentes “maneiras de fazer”, de acordo com os lugares que ocupam nas relações sociais, nas quais o homem simples e ordinário apropria-

³ Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações.

⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁵ *Scientific Electronic Library Online*.

se das táticas. A partir da abordagem do ciclo de políticas e atuação de Ball, Maguire e Braun (2016), procurei conceituar as relações entre política e prática e como todos os sujeitos envolvidos nas esferas escolares são produtores de políticas.

Utilizando como referência os estudos de Santos (2010), dialoguei com os sujeitos a partir da sociologia das ausências e das emergências, procurando identificar as experiências colocadas como ausentes, tornando-as presentes, trazendo a diversificação e a multiplicação dos conhecimentos. Lahire (1997, 2004), me proporcionou a possibilidade de analisar as disposições, como esquemas de ação, que resultam em princípios geradores de práticas e se refletem em crenças, em formas de agir e pensar, e constituem as ações do sujeito.

A fundamentação da família enquanto instituição social que reflete e também é reflexo das mudanças ocorridas na sociedade — e que, por esse motivo, é essencialmente uma construção humana — foi importante na compreensão da organização familiar como processo de reflexo do cotidiano da vida social. Vale ressaltar as modificações no conceito de família e na estrutura familiar e, também, o papel das mulheres na sociedade contemporânea, corroborando o acúmulo de atividades atribuídas às mães, sujeitos interlocutores neste trabalho.

Utilizando documentos públicos, por meio da lei de acesso à informação, disponíveis em *sites* e plataformas digitais, tais como leis, resoluções, orientações e normativas, tanto da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo quanto da Secretaria Municipal de Educação de Santo André, coletei dados para discutir as estratégias pedagógicas formuladas pelo poder público, em caráter emergencial, para suprir a lacuna provocada pela ausência das aulas presenciais. Nesse sentido, pude concluir que ambas as redes pesquisadas, cada qual com sua especificidade e aporte financeiro, organizou estratégias de suporte pedagógico aos estudantes. No entanto, a maneira como esses instrumentos foram ressignificados em cada unidade escolar pelos profissionais da educação, pelos

estudantes e pela comunidade escolar foram divergentes, conforme a realidade e a diversidade dos contextos.

Os resultados da pesquisa me permitiram comprovar que as famílias precisaram readequar as práticas cotidianas a partir da suspensão das aulas presenciais e organizar táticas que se configuraram com o início do ensino remoto, de acordo com as diferentes maneiras de fazer. Entre elas, destacamos: reorganização dos espaços da casa para atender às necessidades de todos os moradores; divisão ou acúmulo de atividades relacionadas ao trabalho dos responsáveis; adequação dos horários de estudo, de modo que cada criança tivesse acesso aos equipamentos necessários para a realização das atividades; busca de informações e aprendizado sobre as novas tecnologias de informação e comunicação para auxiliar no acesso às aulas remotas; pesquisa e retomada de conteúdos escolares com a finalidade de explicar aos filhos; e utilização de materiais pedagógicos diversos.

No caso das famílias pesquisadas, verificamos que todas elas possuíam condições econômicas para adquirir ou manter recursos e instrumentos tecnológicos que permitiram às crianças o acesso às atividades enviadas pela escola durante o ensino remoto. Além disso, também foi possível identificar, nas três famílias, formas de investimento pedagógico com o objetivo de que os filhos continuassem aprendendo e se desenvolvendo, mesmo durante a suspensão das aulas presenciais.

No entanto, vale ressaltar as fragilidades do presente estudo, no que se refere à limitação da amostra pesquisada. É fato que muitas famílias não tiveram condições econômicas, estruturais e cognitivas de auxiliar as crianças no período. Portanto, seria importante analisar como se configurou, na prática, esse processo em outras famílias, especialmente naquelas com menor poder aquisitivo ou outras configurações familiares.

Quanto à relação entre família e escola, pudemos observar percepções contraditórias. Em diversos momentos da entrevista, as mães, enquanto sujeitos da pesquisa, questionaram as estratégias utilizadas pela escola durante o ensino remoto, alegando que não

foram eficazes e trouxeram prejuízos para o desenvolvimento pedagógico das crianças, colaborando para o distanciamento entre as duas instituições. Entretanto, em outros momentos, afirmaram que os responsáveis passaram a valorizar o espaço escolar, e que os professores são sujeitos fundamentais na construção do processo de aprendizagem dos alunos, evidenciando a importância e a valorização da escola enquanto instituição.

Sendo assim, o desafio dos profissionais da educação, neste momento pós-pandemia, além das questões relacionadas à defasagem dos nossos estudantes, é buscar formas de incentivar as famílias a participar das atividades escolares e de aproximá-las do processo educativo dos filhos. É preciso, a todo momento, ressignificar a escola como espaço de relações sociais, afetivas e de construção de conhecimento, promovendo a reflexão e a criticidade.

Dessa forma, compreendendo o ineditismo dessa situação no contexto da educação mundial, bem como o cenário atípico provocado pela mudança nas formas de ensino, o estudo justificou-se pelo interesse de oferecer aos profissionais da educação dados que possam auxiliar na identificação das estratégias formuladas pelo poder público, a fim de dar continuidade ao processo educacional durante a ausência das aulas presenciais, e das táticas formuladas pelas famílias no intuito de garantir a participação de seus filhos e filhas nesse processo.

Pela relevância dos saberes revelados nesta pesquisa, propomos a socialização dos resultados. No entanto, ao realizar essa proposta dentro de um complexo universo de relações, em especial, o de uma Secretaria Estadual de Educação e o de uma Secretaria Municipal de Educação, uma série de elementos precisam ser considerados. Ainda que tais elementos exijam uma reflexão por parte de todos os envolvidos no processo, esta última pode se iniciar no campo das micropolíticas que se configuram nas unidades escolares.

Assim, compreender como algumas famílias se adequaram ao ensino remoto foi uma tentativa de compreender os caminhos

realizados para que o ensino não deixasse de acontecer e, de certa maneira, uma forma de continuar a existir como profissional da educação. Partilhar esses saberes é mostrar, aos meus colegas de classe e a toda a sociedade, que o nosso trabalho continua vivo, atuante e necessário.

Referências

ARAUJO, Andrea de Sousa. **Reorganização do Cotidiano familiar em tempos de pandemia: táticas de mães para a aprendizagem dos filhos**. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, UNINOVE. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/3119/2/Andrea%20de%20Sousa%20Araujo.pdf> . Acesso em 15 fev. 2023.

ARAUJO, Andrea de Sousa *et al.* **Adequações dos espaços escolares em tempos de pandemia**. In: ROGGERO, Rosemary (org.). Caixa de Pandora: práticas sociais de gestão educacional e de gestão escolar em tempos de pandemia. 1. ed. São Paulo: BT Acadêmica, 2021.

BALL, Stephen J.; Maguire, M.; Braun, A. **Como as escolas fazem políticas: atuação em escolas secundárias**. Trad. Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARCHIORI, Thaise. **O papel dos municípios na segurança pública:** relações entre CONSEG e administração municipal (1985-2008). 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/88745>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.

INGRESSOS E PERCURSOS: O TRILHAR PELA EDUCAÇÃO E SEUS MUITOS INÍCIOS

Camila Soares da Silva¹

Iniciei minha caminhada na educação primeiramente como aluna, sempre de escola pública, acreditando nesse ambiente como espaço de conhecimento e, portanto, de resistência e engrandecimento.

Uma professora marcou minhas ideias relacionadas aos estudos quando, após uma reunião de pais, disse à minha mãe que enxergava em mim possibilidade de trajetória acadêmica. E eu nunca mais me esqueci disso!

As circunstâncias sociais me fizeram adentrar o mercado de trabalho muito cedo, aos dezessete anos. E as mesmas circunstâncias não me possibilitaram acessar a universidade logo após o ensino médio.

Em 2008, assumi, por meio de concurso público, um cargo na área administrativa e, para minha alegria, passei a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação. Em 2009, casei-me e até cheguei a acessar uma vaga para um curso superior tecnológico na Fatec. Naquele momento, para mim, os critérios eram gratuidade e proximidade de minha residência, porém o curso não atendia às minhas expectativas, apesar de ser de altíssima qualidade. Embora tenha desistido dele, o desejo de estudar nunca saiu de mim.

Em 2012, mesmo ano em que fui mãe, tive a oportunidade de conhecer pessoas e profissionais incríveis, com a mudança da

¹ Graduação em Pedagogia. Pós-graduação Lato-sensu em Neuropsicopedagogia e Educação Infantil pela Universidade São Luis. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Santos. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho - SP. Atua como professora na rede pública de ensino, Educação Básica.

gestão municipal. A apreensão por acompanhar a transição de governo logo deu lugar ao prazer de me ver com uma equipe muito comprometida com a educação e imbuída numa busca incessante por garantir uma educação de excelência.

Em um primeiro encontro informal com minha, então gerente e hoje amiga, lembro-me do momento em que ela perguntou sobre minha formação. Jamais me esquecerei da minha sensação ao responder, assim como das doces palavras que me foram ditas sobre nunca desistir e nunca parar de estudar: “A educação é libertadora!”

Essa mesma equipe oportunizou-me excelentes vivências na área da educação, e uma delas foi participar de uma palestra realizada pelo Professor José Eustáquio Romão, que me encantou e avivou o meu sonho e desejo pelo conhecimento. Assim, dentro de minhas possibilidades, cursei uma licenciatura em pedagogia e, ainda durante a graduação, prestei um concurso público para a vaga de professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na mesma prefeitura, afinal o certificado seria cobrado apenas no momento da convocação, caso ela viesse a acontecer.

Para minha surpresa e alegria, fui classificada e passei a acompanhar os chamamentos públicos pelo jornal; minha expectativa, misturada ao receio pela novidade, aumentava conforme as chamadas aconteciam. Em 2018, fui chamada a assumir o almejado — e, ao mesmo tempo, temido — cargo de professora, no qual ingressei como substituta. Foi exatamente a partir dessa vivência — enquanto professora ingressante, na condição de substituta — que passei a refletir sobre as diversas questões vivenciadas por esse profissional durante sua peculiar prática docente.

De modo geral, acessar esse lugar como primeira experiência, recém chegada da formação inicial — na qual não se tem oportunidade de vivência a contento —, e exercer um papel com possibilidades de demandas tão diversas foi angustiante. Justamente diante de tal contradição e ao observar a falta de um

trabalho gerido adequadamente, identifiquei uma possibilidade de pesquisa acadêmica.

Vislumbrando que essa divergência pudesse se tornar resposta ou ao menos iluminar o caminho, na qualidade de proposta de gestão educacional tanto para minimizar o déficit da formação inicial como para qualificar os processos político-pedagógicos presentes diariamente na escola — e, portanto, trazendo benefícios à sociedade como um todo —, no ano de 2020, participei do processo seletivo para cursar o mestrado profissional. Para minha alegria, fui contemplada e iniciei meus estudos e minha vida de pesquisadora em gestão e práticas educacionais, na linha de pesquisa e intervenção “gestão educacional”.

No primeiro semestre, cursei as disciplinas obrigatórias, entre elas “Fundamentos da gestão educacional”, na qual tive oportunidade de realizar diversas leituras e ricas reflexões acerca da relação entre história e sociedade, compreendendo os seus impactos na formação dos sujeitos. Isso favoreceu a compreensão da necessidade de contextualizar o meu objeto de pesquisa, identificando diferentes conceitos e agregando análises de elementos presentes nas práticas sociais e escolares.

Nessa disciplina, foi bastante marcante o trabalho realizado para compreensão da chave de leitura, o que favoreceu meu entendimento sobre a estrutura da escrita acadêmica, otimizando a compreensão dos textos. Por conseguinte, fez todo sentido enxergar o mestrado como uma etapa para alfabetização em pesquisa. Ainda na referida disciplina, desenvolvemos uma pesquisa empírica, tendo, como instrumento de coleta de dados, um roteiro desenvolvido por José Carlos Libâneo (1994). Na sequência, fizemos um exercício de análise de dados utilizando o referencial teórico trabalhado. Essa análise da escola pesquisada foi feita a princípio individualmente e, depois, em grupo, com mais dois colegas de turma. Nesse momento, delimitamos a escrita sobre recursos financeiros no contexto da pandemia.

A outra disciplina obrigatória cursada no primeiro semestre foi “Metodologia da pesquisa e da intervenção”, fundamental para

estruturação do projeto de pesquisa. Nela, refletimos sobre os passos necessários à construção de um projeto que atendesse aos referenciais teóricos e aos procedimentos metodológicos e técnicos. Isso favoreceu minha compreensão a respeito do meu próprio objeto e tema, auxiliando-me a esculpi-lo mais detalhadamente de forma técnica.

Participei, ainda, de seminários temáticos da linha de pesquisa e intervenção “gestão educacional”, na qual entramos em contato com bibliografias sugeridas pelos diferentes professores. Entretanto, passamos a realizar as leituras já com a chave de leitura e com a lente dos nossos objetos e, então, promoveram-se discussões diversas e ricas. Nesse espaço de trocas, contamos com a contribuição de todos os professores.

Os encontros semanais com o orientador foram fundamentais para promover e aprofundar a reflexão mais específica a respeito da minha pesquisa, desenhada e delimitada a cada novo encontro.

No segundo semestre, tive a oportunidade de participar do “Seminário de formação e trabalho”, ministrado pela professora doutora Patrícia Boto, que muito contribuiu para o amadurecimento do meu projeto de pesquisa por meio das leituras propostas e das ricas reflexões. Ademais, participei do seminário “*Media Education*”, sob a orientação da professora doutora Márcia Fusaro. Nessa disciplina, desenvolvida em parceria com a Florida *International University* (FIU), pude interagir com colegas tanto da Uninove quanto da FIU — com estes últimos em inglês —, o que tornou o exercício reflexivo a respeito de questões globais ainda mais desafiador. Esse processo favoreceu grandemente as relações e percepções a respeito de assuntos globais, bem como oportunizou-me o exercício de outro idioma de forma contextualizada e reflexiva.

Vale ressaltar que participei do módulo internacional em um momento histórico memorável, de comemoração ao centenário do patrono da educação brasileira. Além disso, fiz parte do “XXII Fórum Paulo Freire”, ocorrido na França, de 13 a 17 de setembro de 2021. Na ocasião, apresentei o andamento da minha pesquisa para todos os

integrantes da linha de pesquisa LIPIGES e recebi valiosas contribuições, que me ajudaram a ampliar meu olhar de pesquisadora, bem como a repensar a relevância do tema pesquisado.

Apresentei também a pesquisa realizada na disciplina “Fundamentos da Gestão”, intitulada “Recursos financeiros e outros recursos na escola durante a pandemia da Covid-19”, no “I Webnário PUC”, ocorrido 23 de outubro de 2021. Ademais, participei da escrita de um artigo coletivo, que tratava da implementação das políticas relacionadas à inclusão digital, cujo título é “Novas perspectivas trazidas pela pandemia: políticas, tecnologia e inclusão digital”.

Ao participar do “Seminário de formação e trabalho”, percebi que havia uma relação de afinidade teórica muito grande com a professora doutora Patrícia Bioto e, por esse motivo, solicitei troca de orientação.

Ao longo do primeiro semestre de 2022, tive oportunidades de aprofundar minha pesquisa, por meio da leitura de textos e relatórios indicados pela professora, bem como da revisão dos referenciais teóricos já estudados. Essas ações contribuíram muito para o avanço de minha pesquisa, apesar do contexto pandêmico que impactou sobremaneira todos os aspectos das nossas vidas, trazendo angústias e preocupações imensas, e da guerra da Ucrânia, cujo cenário trouxe indignação, tristeza e muita dor. Foi também nesse período — e nesse contexto — que recebi o convite para atuar como assistente pedagógica na rede municipal de Santo André; conseqüentemente, pude dar continuidade às minhas observações, a partir de outro ângulo.

No segundo semestre de 2022, atuando como assistente pedagógica e com foco na pesquisa de campo, foi possível desenvolver um trabalho de mentoria com novas professoras chegadas à escola onde trabalho. De fato, foi uma grande felicidade receber essas profissionais, que passaram a compor o quadro da instituição em virtude da aposentadoria de duas docentes, bem como da saída de uma professora que assumiu função gratificada de vice-diretora e de uma professora substituta no período da

tarde. Essa experiência muito contribuiu para minha pesquisa acadêmica e prática profissional.

Ainda nesse período, escrevi, em parceria com a colega Máira Siqueira Silva Soares, um capítulo para o livro “Narrativas de práticas”, organizado por minha orientadora Patrícia Biotto, no qual relatamos a prática de professoras substitutas no contexto da pandemia, e outro capítulo para a obra “Contextos, culturas, cotidianos”, coordenado pela querida professora Rosemary Roggero. Foram duas ricas oportunidades de reflexão, pesquisa e troca.

Além disso, submeti o andamento da minha pesquisa ao “XXI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino”, ocorrido em Uberlândia (MG), assim como ao “Congresso Internacional Movimentos Docentes”, que se deu virtualmente no mês de outubro. Ainda sobre as apresentações, nesse mesmo semestre, participei do “II Webinário: A vez e a voz dos professores”, organizado pela PUC-SP, no qual versei sobre um dos capítulos publicados.

Em todos esses momentos, pudemos, por meio de nossas pesquisas, anunciar possibilidades, caminhos e estratégias e denunciar as condições, precarizações e desafios próprios à docência, mas especialmente aos professores iniciantes, em ambientes que favoreceram imensamente a troca e a partilha, de maneira a tecer relações entre nossas pesquisas, ampliar as possibilidades metodológicas e mesmo o repertório acadêmico.

Confesso que vivenciar o ingresso na função de assistente pedagógica também me fez experienciar o que minha pesquisa aponta, ou seja, os vários ingressos e inícios na profissão docente. Em suma, foi uma oportunidade profissional e formativa de grande valia, pois, ao mesmo tempo que promoveu consideráveis desafios, apresentou possibilidades, num momento ímpar de minha vida, para minha pesquisa de mestrado.

Vale destacar que todo este trilhar acadêmico foi determinante para a delimitação do meu objeto de pesquisa. A princípio, o pré-projeto apresentado trazia a intenção e desejo de falar sobre os desafios próprios aos professores substitutos, entretanto ao solicitar autorização para realização da pesquisa obtive uma

devolutiva não favorável, indicando a inexistência do professor substituto. Este “não” muito me provocou. A partir daí muitas leituras, orientações, diálogos e seminários me ajudaram a esculpir o meu objeto, que foi se voltando, então, a olhar o ingresso docente, os desafios e possibilidades deste momento da carreira, entendendo que a substituição era uma condição, que os professores ingressantes vivenciavam.

A dissertação defendida – “Condições de ingresso à docência na rede municipal de Santo André: desafios dos professores iniciantes e proposta de integração colaborativa” - teve, então, como objeto as condições de ingresso à carreira docente na rede municipal de Santo André. O interesse pelo assunto teve origem nas contradições que vivenciei quando do meu ingresso como professora, tendo em vista as tensões e complexidades próprias desse momento do ciclo profissional. Na fase em que transitamos de alunos para professores, temos de lidar com as complexas implicações dessa condição e com todos os seus enfrentamentos para o nosso desenvolvimento profissional.

O tema de investigação em foco não adentrou minha vida acadêmica sem antes ter afetado minha personalidade e profissionalidade. É certo, então, afirmar que ele seja fruto das inquietações que minhas experiências como professora substituta, recém ingressada e advinda da formação inicial ainda sem experiência prática, me proporcionaram.

Em Santo André, a contratação de educadores se dá por meio de concurso público; ao assumir o cargo de professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental, o profissional passa pelos procedimentos próprios à admissão, entre eles exames médicos e entrega de documentação pessoal. Posteriormente, participa da escolha de classe e, nesse momento, a ele são atribuídos um período de trabalho, uma escola e uma turma em caráter de substituição, para cobrir afastamentos médicos, licenças gestante/maternidade, licença de pessoas que assumiram função gratificada, exonerações e/ou licença sem vencimentos. Em alguns casos, podem lhe atribuir a vaga sem uma sala específica em determinada escola e, nessa

condição, ele pode ser transferido para outra escola, se houver necessidade.

Assim, ao ingressar como docente na rede municipal de ensino de Santo André, a atuação ocorre inicialmente na condição de substituição por um tempo não determinado, pois tal situação só se altera quando do processo de lotação — isto é, a atribuição de uma escola fixa. Vale ressaltar que isso ocorre todo fim de ano, de acordo com as movimentações funcionais, tais quais: ampliação de turmas, aposentadorias e exonerações.

Quando assume uma turma específica, ainda como substituto — ou seja, sem a atribuição de uma escola fixa —, o professor desenvolverá seu trabalho para atendê-la. Em outras palavras, organizará toda a documentação pedagógica, realizará o planejamento, conduzirá as aulas, fará registros reflexivos, elaborará e conduzirá as reuniões com famílias, enfim, desempenhará todas as atribuições de um educador, independentemente de ter ou não experiências anteriores.

No caso de assumir uma vaga sem sala atribuída, as demandas são diferentes, uma vez que as documentações solicitadas não são as mesmas, e o educador não tem a responsabilidade de conduzir reuniões com famílias. No entanto, atuará conforme a necessidade da escola, podendo substituir faltas previstas e imprevistas, realizar atendimentos individualizados ou a pequenos grupos e/ou apoiar alguma turma devido a alguma necessidade pontual. Esse trabalho é organizado pela gestão escolar, a depender das experiências do gestor, bem como de seus conhecimentos teóricos e práticos, além das necessidades da instituição.

Em ambos os casos — e independentemente da condição assumida —, é no momento do ingresso que emergem os enfrentamentos complexos, as descobertas e as incertezas. É nesse contexto — e sob tais condições — que se é preciso descobrir caminhos para a sobrevivência profissional e o desempenho da função docente.

Dessa forma, a pesquisa buscou verificar quais são os aspectos relacionados à complexidade da entrada na profissão docente, os

desafios e adversidades encontrados durante o percurso inicial dos professores, assim como quais são as possibilidades para realização de formações que ocorram em trabalho, no ambiente escolar, de maneira colaborativa.

Referências

- BIOTO, P. Aparecida. **Narrativas de Práticas**. São Paulo: Dialética, 2023.
- CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (org.). **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1995. p. 155-191.
- FULLAN, M.; HARGREAVES, A. **Por que é que vale a pena lutar?** 11.ed. Porto: Porto Editora, 2001.
- GATTI, B. Formação de professores no Brasil: Características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v.31, 9 1355-1379, out.-dez.2010.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2017.
- LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública: Pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1994.
- NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, v.47, n.166, p.1106-1133, out./dez.-2017.
- ROGGERO, R. (org.). **Caixa de pandora: práticas sociais de gestão educacional e de gestão escolar em tempos de pandemia**. São Paulo: Acadêmica, 2021.
- ROGGERO, R.; MIGUEL, C. M. (org.) **Contextos, culturas e cotidianos: Experiências de gestão da educação básica desde a pandemia de Covid-19**. São Paulo: Pontes, 2022.
- SILVA, C. S. **Condições de ingresso à docência na rede municipal de Santo André: desafios dos professores iniciantes e proposta de integração colaborativa**. 2023. 230f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) – Programa de Pós-graduação em

Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) - Universidade Nove de Julho, *campus* Santo André, São Paulo, 2023.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TUDO NOVO DE NOVO...

Débora Nery Cirilo¹

Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas
ninguém nasce pronto. A vida é para quem é
corajoso o suficiente para se arriscar e humilde
o bastante para aprender.
(LISPECTOR,1998)

Falar sobre quem sou e o porquê de estar aqui neste lugar me remete a lembranças de infância. Uma infância privada de muitos “luxos”, mas feliz com tudo o que me foi proporcionado pela minha mãe, dona de casa, e meu pai, metalúrgico e professor por 10 anos. Lembro-me que uma das minhas brincadeiras favoritas era escolinha e, claro, eu sempre queria ser a professora. Passava horas e horas brincando no quarto com as amigas, revezando quem seria a professora e usando o espelho como lousa. Tive momentos em que me senti professora de verdade, isso aconteceu quando por alguns dias ajudei uma colega mais nova a compreender multiplicação e divisão simples. Tudo era apenas uma brincadeira para mim e com o tempo ela foi diminuindo até que já não brincava mais de escolinha e nem de qualquer outra coisa.

Com a chegada da adolescência, e meu pai dando aulas de elétrica no SENAI, tive uma experiência mais “profissional”, pelo menos era assim que eu me sentia quando ajudava meu pai a

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (SP) e em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos (SP). Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos (SP) e em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela Universidade Cândido Mendes (MG). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES) pela Universidade Nove de Julho (SP). É professora de educação infantil e ensino fundamental da rede pública de ensino de Santo André- SP.

corrigir as avaliações de seus alunos ou preencher o Diário de Classe marcando a letra C de compareceu ou F de faltou. Ajudar meu pai era uma das coisas que mais me dava alegria, mais ainda quando ele podia me levar junto com ele para a escola. Eu ficava encantada assistindo suas aulas, vendo meu pai ser o professor de todos aqueles alunos, que na sua grande maioria eram adultos.

O tempo foi passando e eu estava crescendo, meu pai já me perguntava o que eu queria ser na vida, mas eu não fazia ideia, pois eu era curiosa e queria para a minha vida tudo o que fosse novo e me interessasse um pouco mais. Meu pai vendo que eu não conseguia me decidir, me inscreveu no curso Técnico de Química no SENAI, ele dizia que era uma área muito boa e que eu teria um futuro promissor. Então lá fui eu cursar durante três anos e meio, em período integral um curso que foi escolhido para mim, mas não por mim.

Me formei Técnica em Química, tive a oportunidade de trabalhar em indústria e no próprio SENAI, realizando análise de alimentos, mas eu me sentia muito infeliz por passar tanto tempo dentro de um laboratório sozinha, então para a tristeza do meu pai não segui nessa área. Em seguida, conhecendo um pouco do curso de graduação que minha prima fazia, me apaixonei à primeira vista pela fisioterapia e lá fui eu me aventurar na área da saúde. Não demorou muito para esse amor ser interrompido e por motivo de força maior precisei trancar o curso, faltando pouco para concluir. O tempo passou e nunca mais consegui voltar para o meu primeiro amor, decidi que não iria me aventurar em mais nada, afinal já estava casada e com um filho para cuidar. Era como se eu não pudesse me dar ao luxo de sonhar, de investir em mim novamente, eu era mãe e esposa e essas deveriam ser minhas prioridades.

Aos 25 anos me vi diante de uma oportunidade, trabalhar como merendeira em uma escola do município de Santo André, resolvi aceitar e encarar a mudança na vida profissional, já que na ocasião eu trabalhava num escritório. Bem, hoje posso dizer que foi minha melhor escolha, pois encontrei novamente o amor e me reencontrei como pessoa. Descobri então que esse amor era maior

que qualquer coisa e fazia me sentir viva e, melhor ainda, que eu podia fazer a diferença na vida das pessoas.

Eu me sentia feliz de ser merendeira, de estar com as crianças, com os professores e demais funcionários. Era um ambiente que eu me sentia confortável, sentia que estava onde devia estar há muito tempo. Muitas situações me marcaram nesse período, como quando uma professora encostou no balcão da cozinha e me perguntou por que eu estava como merendeira e não tinha estudado, já que eu, aparentemente, parecia ser inteligente. Respondi, com toda a educação, que foi uma escolha e que eu já havia feito alguns cursos, mas ainda não havia me encontrado.

Continuei trabalhando como merendeira, mudei de escola algumas vezes e após um ano comecei a cursar Pedagogia. Não vou dizer que foi fácil, principalmente acumulando a dupla jornada de quem tem filho, marido e casa, mas pior que isso era não ter apoio do meu companheiro que dizia que eu já tinha passado da idade e não deveria perder tempo e dinheiro querendo ser professora.

Fiquei por dois anos trabalhando como merendeira e me despedi dessa função quando passei num outro concurso e assumi o cargo de agente de organização escolar em uma escola do estado de SP, ainda no município de Santo André. Lá eu fiquei mais próxima da equipe gestora e administrativa e pude aprender um pouco da dinâmica escolar em relação às reuniões pedagógicas, planejamento das atividades, conversas com famílias, situações de conflitos, acolhimento às crianças em situação de vulnerabilidade social e tantas outras situações. Essa vivência me fazia sentir cada dia mais confortável naquele ambiente.

Como agente de organização escolar fiquei por dois anos até que fui convocada para um novo cargo novamente na prefeitura de Santo André. No cargo de ADI – Agente de Desenvolvimento Infantil, também conhecido como auxiliar de sala, conheci o universo da creche, em que o atendimento é de 0 a 3 anos.

Foi uma grande novidade para mim, pois até então eu não tinha tido um contato tão próximo com as crianças e nem seguindo a rotina da sala de aula. Nesse cargo fiquei por três anos e posso

dizer que foi um período de muito aprendizado por ter a oportunidade de trabalhar 8h diárias com professoras muito experientes. O ambiente da creche foi o que mais me senti pertencente até então, tanto que estava decidida que, quando fosse convocada para assumir o cargo de professora, escolheria creche. Isso porque na prefeitura de Santo André, onde fiz o concurso e aguardava ser chamada, o professor ingressante fica como substituto de outros professores que estão ocupando um cargo de função gratificada, como diretor, coordenador, assistente pedagógico, entre outros, assim é possível escolher se quer substituir em creche ou EMEIEF (Escola municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental I).

Após a conclusão do curso de Pedagogia, a ansiedade em conquistar uma oportunidade como professora era grande, e depois de três deliciosos anos, de muitas aprendizagens, parcerias, amizades e histórias para contar, chegava a minha vez de ser a “prô”.

Em dezembro de 2013, finalmente o sonho chega em minhas mãos e para minha surpresa não chegou sozinho. Recebi na mesma semana três telegramas de convocação para o cargo de professora em redes municipais da região do Grande ABC, no estado de São Paulo. Fiz minha escolha e, em fevereiro de 2014, assumi minha primeira sala de aula como professora titular no município de Santo André e como substituta da escola em São Bernardo do Campo.

Trabalhar de manhã com uma turma da pré-escola, à tarde como substituta e com duas noites na semana para reunião pedagógica, não deu muito certo, pois nessa época eu já tinha mais um filho que estava com apenas 3 anos e sentia muito a ausência da mãe. Desta forma, optei por ficar somente em Santo André, já que era mais perto da minha casa e eu já conhecia um pouco por ter trabalhado anteriormente em outros cargos.

Ao final de 2014, mudei de função e de escola, passei a trabalhar na sala de recurso multifuncional como professora do AEE – Atendimento Educacional Especializado. Fiquei por dois anos trabalhando com a Educação Especial na perspectiva inclusiva. Confesso que essa experiência me modificou como pessoa, por estar

tão perto de pessoas que lutam diariamente pelos direitos de seus filhos com deficiência. Eu via como era difícil a inclusão, de fato, de algumas crianças com questões mais severas, e como poucos profissionais, realmente se dedicavam a fazer o melhor por aquelas crianças. Quando encontrava professores dispostos, esbarrávamos na falta de estrutura e apoio para sala de aula, enfim, foi uma experiência muito boa e aprendi bastante, mas ainda pouco do que preciso aprender sobre o tema “Inclusão de Pessoa com Deficiência”.

No final do meu segundo ano como professora de sala de recursos, fiz um curso de certificação de formadores e fui convidada a trabalhar como formadora num curso à distância de formação para professores. Sei que vou parecer repetitiva, mas de novo eu estava em um universo novo e que pude aprender mais ainda.

No ano seguinte, decidi voltar para a sala de aula regular, uma vez que fui atuar na formação de gestores, de todas as regiões do Brasil em redes públicas de ensino municipais e estaduais, tomando muitas horas do meu dia. Agora o desafio era um pouco maior, já que eu tinha que ir até a cidade para passar toda a trilha do curso de maneira presencial.

Durante quatro anos tive a oportunidade de conhecer gestores, professores, alunos e escolas com dinâmica e organização diferentes do que até então eu conhecia. Esse período foi um dos que mais aprendi dentro da educação.

Foram quatro anos desenvolvendo essa atividade em paralelo com a sala de aula até que por questões de saúde precisei desacelerar. Na verdade, desacelerei só um pouco, pois em seguida assumi a função de PAEI – Professora Assessora de Educação Inclusiva, mais uma vez estava atuando no Departamento de Educação Inclusiva, mas de uma outra perspectiva.

Nesse novo cargo eu realizava o acompanhamento de crianças com deficiência em algumas escolas. Isso incluía apoio ao professor no momento de planejamento das aulas, orientação para os cuidadores que davam apoio nas escolas, acompanhamento das terapias que os alunos faziam, muitas conversas com famílias,

equipe gestora e profissionais da saúde, sempre visando o desenvolvimento desses alunos na sala de aula regular.

Durante esse período veio a pandemia do COVID-19 e o que era difícil no dia a dia da escola, ficou ainda mais com o ensino remoto. Dois anos se passaram e claro que tivemos alguns ganhos, mas as perdas foram muito maiores e no retorno ao ensino presencial nos deparamos com uma realidade modificada. Eram pais, alunos, professores com muita insegurança, além das dificuldades de interação e socialização que os alunos apresentavam, mas precisávamos correr contra o tempo e assim foi. Aos poucos tudo foi se normalizando, contudo, era um novo normal, acredito que jamais será como antes. Em partes isso é positivo, já que a escola precisava passar por algumas atualizações.

Todas essas experiências me fizeram pensar sobre a educação, mas principalmente me fizeram refletir sobre a minha formação inicial e permanente e, é aí que começa minha motivação para a pesquisa no Mestrado.

Entrar numa sala de aula pela primeira vez e ficar diante de 30 crianças de 4 anos, não foi muito fácil, era extremamente desconfortável, mas eu contava com uma AP - Assistente Pedagógica, em algumas redes de ensino conhecida como coordenadora, que me ajudava bastante, porém eu ainda tinha dificuldades para conseguir estudar e me tornar uma professora melhor, mais capacitada. Minhas dúvidas eram muitas e eu ficava me perguntando o tempo todo sobre como compreender a maneira que os alunos aprendem, como identificar a real necessidade de cada um, qual o melhor jeito de planejar uma aula que seja interessante para os alunos, como conduzir conversas difíceis com algumas famílias, etc.

Eu aguardava ansiosa as reuniões pedagógicas semanais (RPS), porque acreditava que minhas colegas, muito mais experientes, poderiam me ajudar ou então que tivéssemos encontros formativos e assim eu poderia aprender novos caminhos para superar os desafios que encontrava na sala de aula. Ilusão a minha, pois essas reuniões, que aconteciam uma vez por semana,

com três horas de duração, eram quase sempre informativas e raramente conseguíamos discutir entre os pares e suprir nossas necessidades formativas.

Quando sobrava algum tempo podíamos então fazer o planejamento da próxima semana em conjunto com a parceira de ano/ciclo. Nos anos seguintes, mesmo em escolas diferentes, percebi que esta é uma característica da rede e que a formação permanente de professores, para acontecer na RPS, dependiam muito da AP e de como ela entendia seu papel como formadora de formadores.

Após ter concluído duas Licenciaturas, duas Pós-Graduações *Latu Sensu* e mais outros tantos cursos, sete anos depois de me formar pedagoga, me vi diante de mais um desafio, que foi, por meio do Mestrado, pesquisar sobre a formação permanente de professores.

Quando iniciei o curso tive muita dificuldade com as leituras sugeridas, porém não me esqueço quando uma das professoras disse um dia para nossa turma que nós estávamos em alfabetização acadêmica e que aos poucos nos apropriaríamos dessa nova linguagem. Ela estava certa e aos poucos fui compreendendo um pouco mais até que, com muito esforço e mais o apoio da minha orientadora, que é uma pessoa que admiro muito pela sua paciência e humanidade, consegui concluir minha pesquisa.

Minha pesquisa, como disse, era sobre a formação de professores e minha intenção era propor uma estratégia formativa, denominada “Tertúlia Dialógica Pedagógica”, estratégia que pudesse ser colocada em prática nas RPS das escolas, assim o grupo daquela unidade escolar poderia ampliar seu conhecimento teórico enquanto discutiam questões daquele contexto escolar.

Pude realizar minha pesquisa com algumas professoras, da mesma rede que atuo, que na ocasião, ocupavam cargos como professora de educação infantil, professora de sala de recursos, diretora, assistente pedagógica e professora assessora de educação inclusiva. Essa experiência me fez ter mais certeza do quanto é necessário estarmos sempre estudando e nos qualificando para que, em sala de aula, possamos realmente fazer o nosso melhor.

Ao concluir o Mestrado fiquei mais um ano atuando como professora de Educação Inclusiva e mais uma vez assumi um novo cargo. Atualmente, estou como assistente pedagógica em uma creche e posso dizer, com muita certeza, que mais uma vez estou em processo de aprendizagem. Hoje estou aprendendo a fazer uma gestão democrática com a participação de todos os segmentos, gestão de pessoas, de processos, de tempo, de clima escolar, acompanhamento pedagógico aos professores, parceria com as famílias e muitas outras atribuições do cargo.

Uma das coisas que mais me ajuda hoje em dia é o fato de eu ter tido a oportunidade de passar por tantos lugares na educação. Isso me possibilitou ter um olhar mais humano e mais cuidadoso com todos os funcionários, alunos e famílias com quem convivo hoje.

Quando converso com as merendeiras, com os auxiliares de sala, com o pessoal da secretaria e com os professores sempre me lembro que já estive naquele lugar. Me lembro o quanto essas pessoas podem contribuir para o bom andamento dos processos da escola e também com o desenvolvimento dos alunos.

Hoje eu vejo toda equipe, da creche que estou, como educadores e tento mostrar para cada um deles a importância que têm na trajetória escolar das crianças, seja no sorriso de bom dia, na refeição feita com carinho, no cuidado diário às suas necessidades, no afeto e no carinho que desenvolvem sua função.

Posso estar errada, mas acredito que estar na educação não é para qualquer um, é para aqueles que tem coragem de se doar diariamente em benefício do outro.

Amanhã não sei onde estarei e nem me preocupo com isso, uma vez que tudo na minha vida foi acontecendo sem muito planejamento, meu impulso era o de aprender mesmo me arriscando muito, foram muitas escolhas, boas escolhas. Escolhas essas que sempre me colocaram diante do novo, de novos aprendizados, muitas possibilidades e mais experiência.

Agora é seguir em frente com a certeza de que é possível fazer diferente e fazer sempre melhor.

Referências

CIRILO, Débora Nery. Tertúlia Dialógica Pedagógica e a formação permanente de professores. 251f. 2022. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) - Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2943/2/D%C3%A9bora%20Nery%20Cirilo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DEDICAÇÃO E ESFORÇO: SUPERANDO OS OBSTÁCULOS

Denise Pereira Pedro

Para dar início ao diálogo que pretendo promover entre o leitor e o objeto de minha pesquisa, necessito apresentar **a trajetória que me trouxe à pesquisa em questão, em nível pessoal e profissional.**

Ser estudante de escola pública propôs diversas contribuições na construção de minha identidade e em minha formação acadêmica na infância e adolescência, mas por outro lado também me marcou e, infelizmente, trouxe-me defasagens, as quais tento superar até os dias de hoje. Entre elas, posso destacar problemas relacionados à leitura e interpretação, produção de texto, coerência e coesão textual, além de questões relacionadas à resolução de situações-problema e operações de multiplicação e divisão, entre outros.

Hoje, não tenho vergonha de falar sobre este fato da minha vida, pois ele foi motivador, em diversos momentos, para a análise e reflexão das escolhas profissionais que realizei até aqui e superação constante desta condição em minha vida.

Diferente de muitos que se apresentaram na área da educação e relataram que desde muito cedo já almejavam estar lecionando, eu não tive, de início, esta pretensão. Em meio ao seio familiar, muitos estímulos foram dados para que eu tivesse cursado direito.

Acredito que fui escolhida a traçar esta trajetória na educação. Muitas decisões partem de nossas escolhas e muitas outras também nos levam a entender que nossa escolha é guiada por algo maior que nós mesmos. Mas hoje entendo que, por mais que não planejasse, **encontrei função na sociedade e vivo por meio dela e sem dúvida tenho satisfação em realizá-la.**

Logo no início do ano 2006, com apenas 18 anos, ingressei no curso de pedagogia na Faculdade Anchieta, localizada no

município de São Bernardo do Campo, em São Paulo. Para que pudesse seguir nos estudos, necessitava de investimento financeiro, arcando com as mensalidades e custo do curso pelo meu próprio trabalho. Por este fato acima mencionado, realizei a graduação concomitante com o exercício do magistério na função de estagiária, auxiliando os professores da Escola de Educação Especial Paulista, no primeiro ano da graduação.

A graduação foi o primeiro passo sob a perspectiva da emancipação do pensamento. Anteriormente, havia experimentado o que Paulo Freire chama de educação bancária. Então, tive oportunidade, na graduação, de libertar a minha mente, de tal maneira que, depois disso, as asas, então não utilizadas anteriormente com tanto vigor, criaram vida própria em uma mente que tinha sede pelo conhecimento. Conheci a definição da práxis na faculdade e comecei a usar da teoria para a reflexão crítica da prática vivenciada. Deparei-me com diversas dificuldades já mencionadas acima e comecei uma luta incessante para superá-las.

Logo nos primeiros anos da docência, eu fui professora na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Santo André e Mauá, onde busquei estudar os processos avaliativos realizados nesta instituição e que me promoveu o meu primeiro trabalho acadêmico (TCC) de finalização do curso de pedagogia.

Sempre demonstrei determinação na busca por estratégias que pudessem melhorar a qualidade na educação. Mergulhava de cabeça em tudo que realizava. Criei objetivos profissionais, pois não bastava ser professora. Necessitava promover uma educação de qualidade em minha sala de aula. Hoje, posso afirmar que era isso que eu buscava em minha trajetória.

Confesso que lecionar como professora na educação especial me propôs um olhar aguçado, para que assim eu pudesse entender e reconhecer as diferenças nas salas de aula. Sempre tinha em vista que havia muito o que aprender. A cobrança incessante sobre dar o meu melhor estava presente em todas as minhas ações e me frustrou em diversos outros momentos.

Já na prefeitura de Santo André, podia a cada dia perceber que o movimento de busca pelo conhecimento era essencial para a prática desenvolvida. Encontrei-me na etapa do ensino fundamental I, principalmente no ciclo de alfabetização, mas também lecionei na educação infantil.

Os cursos, como do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), foram essenciais para a minha práxis. Sem um curso de formação continuada específico para minha atuação na etapa de alfabetização, não seria possível finalizar o ano letivo atendendo os objetivos planejados para a minha turma com êxito – o que me trouxe muita satisfação e sentimento de dever cumprido.

Não posso deixar de comentar que compartilhei empaticamente o mesmo sentimento que ainda está presente no cotidiano das escolas onde lecionei. É aquela necessidade incessante de atingir 100% dos alunos nas salas. Vejo que essa era e ainda é a tentativa incessante de gerenciar as atribuições dos professores, como se os mesmos fossem obrigatoriamente responsáveis por toda a educação dos alunos.

No ano de 2013, prestei mais um concurso público na rede municipal de Santo André. Com isso, foi me oportunizado trabalhar em diferentes escolas da rede e com olhares e práticas vivenciadas de maneiras diferentes. O que me chamou atenção nestas situações foi o fato do não alinhamento da linguagem das diferentes escolas em relação à formação dos professores, o que acarretava mais uma vez um distanciamento entre as ações e os planos de formação para os docentes da rede.

De fato, e sem julgar, sempre tive a curiosidade em saber como ocorria a formação das formadoras. Como ocorria este processo entre as assistentes pedagógicas e os assistentes pedagógicos da nossa rede? Depois de um tempo, guardei meus anseios para um momento posterior; eu mesma nem havia imaginado, na época, que passaria pelo mesmo, posteriormente.

Em meio a quatro anos lecionando na rede, algumas professoras e gestoras vinham me sinalizando, por conta do meu potencial, para exercer a função como assistente pedagógica; mas,

na época, eu me questionava que estava apenas há 10 anos no magistério e não me via preparada para assumir este cargo. Visto que não era uma possibilidade real naquele tempo, comecei também a relacionar qual o nível de exigência para atuação deste profissional. Quais seriam as atribuições para desempenhar tal função? Em meados no ano de 2016, recebi formalmente a proposta da secretária de educação e aceitei o novo desafio.

Ser assistente pedagógica na escola em que eu atuava como professora não foi tarefa fácil, mas me senti reconhecida pelo fato de que a grande maioria do grupo de professores, gestores, funcionários da escola, crianças, famílias e comunidade escolar sempre me apoiavam e retornavam com *feedbacks* positivos.

Mas isso só foi o começo. Agora, uma função com atribuições diferentes daquelas que realizava anteriormente me fazia refletir todos os dias e sobre a responsabilidade de cada ação que realizava.

No fazer da profissão, estas ações só reafirmavam a ideia de que o profissional que atua com formação de professores precisa ter um espaço para estudar definido na sua rotina diária, pois senão o mesmo é consumido pelas demandas do imediatismo, presentes no cotidiano das escolas. Em diversos momentos, foi-me exigido estar à frente dos professores, sendo cobrado como o par mais experiente. Estas, entre outras situações desafiadoras, ainda se fazem presentes no desempenho da função da(o) assistente pedagógica(o), principalmente frente ao grupo de professores. Muitos professores recorrem ao assistente pedagógico como aquele que pode dar as respostas ou até mesmo a receita pronta para o problema apresentado.

O que volta ao contexto inicial deste diálogo, no qual me projetei a pensar sobre como qualificar as formações de professores para que, conseqüentemente, pudéssemos entender a escola como espaço de mudança na realidade de vida das crianças provenientes das escolas públicas.

Comecei a analisar o espaço onde esses docentes estão inseridos; os facilitadores e dificuldades que os mesmos enfrentam no seu dia a dia; o tempo que é destinado para a formação destes

professores; a qualidade e organização deste tempo nas reuniões pedagógicas semanais, pois a organização deste tempo, muitas vezes, vê-se tomada pelos informativos da secretaria de educação ou até mesmo na organização das ações internas da escola e não na efetiva formação de professores, que tem foco no desenvolvimento profissional.

Sabemos que a formação de professores não é solução de todos os problemas relacionados à educação, porque em análise teríamos diversos fatores que envolvem possibilidades de melhorias e outros que não promovem qualidade no ensino. Mas, em outro ponto, consigo perceber que, dentro das possibilidades de mudanças no cenário da educação, a(o) assistente pedagógica(o) pode favorecer e até mesmo trazer possibilidades de mediação para as ações de formação dos docentes nos coletivos das escolas.

Particularmente, pensar em educação, com vistas à possibilidade de transformações, é o que reafirma nosso fazer e motiva a continuarmos na luta constante pela educação, mesmo em meio aos desafios enfrentados nos cotidianos escolares e o pouco investimento de políticas públicas nas escolas municipais.

Em meio aos seis anos em que estou desempenhando a tarefa como assistente pedagógica, eu me vi a enfrentar diversos desafios, que me motivaram a buscar mais estratégias de formação de professores, e que os mesmos pudessem de fato fazer sentido aos docentes das escolas pelas quais passei.

No ano em que realizamos o início dos diálogos na rede municipal de Santo André, para a construção do Documento Curricular, em meados de 2017, surgiram disparadores para a reflexão sobre a qualificação das ações dos formadores. Com isso, foi levantado o questionamento quanto à legitimidade do processo, tanto em nível democrático quanto participativo.

Consegui notar que, por fim, esta ação ocorreu por representatividade de escolas, o que reforçou a ideia da obrigatoriedade das ações que envolvem um coletivo, causando e criando resistência sobre as ações de formações subsequentes. O

termo sobre a referida “obrigatoriedade” permeou por um bom tempo os espaços formativos das escolas.

A problemática, quando à falta de uma ação democrática que promovesse a participação de todos neste processo de implementação do currículo andreense, causou inquietações e motivou as reflexões acerca da qualificação dos planos formativos, além do questionamento quanto à concepção e modalidades de formação de professores da rede municipal de Santo André, visto que o documento curricular não menciona nenhum capítulo destinado a essa temática.

A partir deste contexto, prestei o processo seletivo no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) na Universidade Nove de Julho (Uninove), no ano de 2020, a fim de continuar a busca constante pelo conhecimento e que de fato pudesse contribuir com minha prática, colocando-me em uma posição de pesquisadora do programa de pós-graduação *stricto sensu*, reafirmando o compromisso e a responsabilidade devida. Com a aprovação no programa, agradeço à universidade e aos professores do programa, em especial à professora Patrícia Bioto, pela oportunidade.

Quero, por fim, definir meu perfil de pesquisadora, ao longo do programa, na Linha de Pesquisa e Intervenção em Gestão Educacional (Lipiges), ter mais clareza e me apropriar das referências que embasaram minha dissertação de mestrado. Pretendo aprender e contribuir, de alguma maneira, com profissionais que desempenham a função de assistente pedagógica, como faço hoje, no ano de 2022, e com os trabalhos acadêmicos, além de, por meio de pesquisa-formação, contribuir, de alguma maneira, com os profissionais que participaram deste processo e com a educação em todos os sentidos.

MEU MEMORIAL: CAMINHOS QUE ME LEVARAM A PESQUISA

Desiclei Mara de Oliveira Barrocal Mapeli ¹

Apresento a narrativa sobre o entrelaçamento entre meu percurso de vida, minha formação, e minha atuação profissional até a motivação para a minha pesquisa de Mestrado intitulada “Minhas veredas: experiências contributivas para a formação colaborativa de gestores escolares”. Essa apresentação foi incorporada à pesquisa ao que chamei de memorial, haja vista que esse trabalho se trata de um estudo do meu percurso formativo e profissional.

Estar neste lugar me remete a lembranças do passado, vivências e reflexões sobre o presente, na projeção de expectativas com vistas para o futuro, na concretização de um sonho: realização do mestrado. As experiências pelas quais eu vivi, suas relações e conexões com as pessoas – da família, da escola, do trabalho e de todos os lugares por onde estive – levaram-me a me constituir como pessoa e profissional, na busca pela compreensão e transformação da realidade em que me incluo, e em que se incluem as pessoas e as instituições com as quais estive e onde estou.

Lembro-me, como se fosse hoje, da minha terra natal, Londrina, no estado do Paraná, e de São Paulo, para onde mudamos ainda na minha infância, lugares em que, em casa e na igreja, passei a ter meus primeiros contatos com a leitura e a escrita, por meio da escuta de histórias contadas por minha mãe, antes mesmo de eu ter frequentado a escola.

¹ Bacharel em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas e Licenciatura Plena. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). U Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo. É professora da rede pública de ensino, Educação Básica, Santo André- SP.

Em casa eu brincava de escolinha com minha irmã mais velha e meu irmão mais novo. Quanta criatividade, aventura e imaginação! Saudade é o sentimento que exprime a nostalgia de momentos mágicos como aqueles. Que gostosura eram as nossas brincadeiras, nas quais nos envolvíamos sem a noção de o tempo passar. Líamos lindas histórias, passávamos muitas lições aos alunos imaginários, na lousa improvisada nos móveis e paredes de nossa casa.

A minha mãe tinha tanta paciência e serenidade... Até hoje, não entendo de que poço ela extraía tamanho equilíbrio, ao ver a porta da geladeira, dos armários e até mesmo as paredes passarem por lousa. Quanto aos seus belos livros de receitas e de métodos de costura, transformarem-se nos cadernos dos alunos. Nestes, ficaram registrados, até os dias de hoje, os conceitos dos alunos: "C" de certo, "X" de errado, ótimo, parabéns e as notas de zero a dez. Brincávamos também de secretárias e médicas, só porque tínhamos que escrever muito. Quase sempre, e em todas as brincadeiras, estávamos com papéis e canetas nas mãos.

Minha infância foi regada de brincadeiras de faz de conta, descobertas, e cercada de pessoas de todas as idades em nossa casa, lugar onde recebíamos muitas visitas de pessoas itinerantes, que encontravam em nosso lar o aconchego para a acolhida, escuta e, muitas vezes, em busca de um conselho, diante de uma situação difícil que estavam enfrentando. Sempre estive envolta em situações como essas no aprendizado, no relacionamento, na partilha, hospitalidade e socialização, com pessoas de perto e de longe que chegavam em nossa casa em busca de apoio, a fim de seguirem suas vidas.

Em quase todas as férias escolares, viajávamos à cidade de Londrina no estado do Paraná, minha terra natal, para visitar meus avós, tios e primos. Nesse tempo, minha infância foi regada de experiências incríveis, com as brincadeiras, o contato com a natureza e o aconchego da família. Conhecia alguns animais domésticos, plantações, como cafezais, algodoeiro, milho, planta da vassoura, frutos, hortaliças, pois frequentava muitos sítios e

chácaras. Meus avós e tios eram agricultores e lidavam com plantações e culturas do gênero.

Desde criança, em contato com o campo, aprendi muitas coisas; dentre elas, nomear e reconhecer hortaliças, legumes, plantações, bem como animais e árvores frutíferas. Sempre que possível, passava minhas férias naquele lugar, andava a cavalo, observava tudo e a todos e, às vezes, ajudava na rotina dos afazeres com vacas, porcos, galinhas. Às vezes, sentia medo de ser atacada por alguns desses animais, mas sentia muita felicidade e curiosidade de conhecer e lidar com todas as experiências que aquela oportunidade poderia me oferecer. A percepção que tenho da criança que fui é a de uma criança sensível, curiosa e corajosa. Facilitada pelo meio rural em que estava inserida a minha família, eu ia explorando o mundo ao meu redor e, aos poucos, experimentando os encantos da vida.

Observava tudo o que meus pais, meus avós e tios faziam, ao lidarem com as coisas. Gostava muito de observar o processo do preparo do frango caipira, desde seu abate, limpeza e cozimento. Observava tudo. Era uma experiência extraordinária ver e tocar nos órgãos internos da galinha ainda mornos, após o abate e limpeza. Também a colheita de hortaliças, legumes e frutas eram momentos de muito aprendizado. Havia muitas mangueiras carregadas do fruto mais doce que poderia existir. Eu vivenciava uma escola na prática e na experiência.

Aos cinco anos de idade, em 1983, recém-chegada à cidade de São Paulo, para onde viemos por motivo de trabalho dos meus pais, ingressei na pré-escola. Foi um desafio enorme para mim, ter de fazer novas amizades, conviver com tantas crianças que corriam o tempo todo pelo pátio durante a merenda escolar. Usávamos, como uniforme escolar, a camiseta branca, o *short* e o conguinha vermelhos. Frequentei aquela escola por um ano e meio, um semestre daquele ano e o próximo ano por completo até poder ingressar na 1ª série do ensino de primeiro grau. Com sete anos de idade, ingressei em outra escola e lá estudei até concluir meus estudos na 8ª série do primeiro grau. Ao concluir meus estudos no

ensino de primeiro grau, ingressei em uma escola pública de segundo grau no município de São Caetano do Sul, no ABC paulista, onde iniciei e concluí o curso profissionalizante para o magistério, que durou quatro anos.

Eu estava certa de que todas as dificuldades pelas quais eu havia passado no ensino primário e as que eu estava passando no segundo grau, com as disciplinas e a interação com os professores que as ministravam, estavam me impulsionando a ser uma professora que olhasse para os meus alunos no sentido de conhecê-los e compreender suas dificuldades em relação a seus saberes e não saberes, a fim de que pudessem aprender e, ao mesmo tempo, eu pudesse olhar para o meu profissional enquanto professora e para o meu processo de ensino, para que a aprendizagem dos meus alunos se consolidasse. Estudei muito no colégio, para que eu pudesse superar minhas limitações com as disciplinas, e concluí meus estudos de habilitação para o magistério ao final do ano de 1996. Em 1997, ingressei no ensino superior, a fim de cursar o Bacharelado em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas e Licenciatura Plena, área essa do conhecimento para a qual eu tinha muita inclinação.

Sempre tive preocupação com as crianças e com os envolvidos com o processo educativo, desde os professores e os gestores, os quais devem ter o compromisso com a aprendizagem dos alunos pautados na reflexão de como as propostas curriculares são desenvolvidas e na construção de uma escola que seja um lugar onde todos participam, colaboram, são ouvidos e decidem por um projeto em comum. Uma escola em que há muitos desafios e problemas a serem superados, como em toda escola, mas, sobretudo, um lugar onde há espaço para a escuta, para o diálogo, para proposições, para a colaboração e o respeito entre todos que a compõem.

Pesquisar sobre a formação de gestores me faz remeter às minhas vivências e anseios adquiridos ao longo da minha carreira profissional, na busca e na construção do conhecimento e da mudança. Este conhecimento me permite entender a escola como

uma das instituições e organizações em que sobressai a interação entre as pessoas, para a promoção da formação profissional e, sobretudo, humana. As fortes características interativas, que diferenciam a escola das empresas convencionais, instigam-me em função de alcançar os objetivos educacionais não distantes dos muitos desafios, movida pelas expectativas das possibilidades que a ela podemos propor. Isto é o que permeia minha pesquisa.

A questão da gestão sempre permeou meus fazeres na educação. Há algum tempo, digo que a maior parte de minha experiência profissional no magistério tem sido no campo de atuação na gestão. Muitas têm sido as inquietações sobre a formação de gestores escolares. Como estudante de pós-graduação, especificamente no mestrado, e durante a minha trajetória enquanto diretora, passei a observar e a investigar as questões relativas aos fazeres dos gestores escolares e sua formação para sua atuação dentro de suas atribuições.

Para melhor compreensão desse caminho que percorri, ao longo do tempo, no exercício de minha função enquanto diretora escolar e em contato com meus pares, a importância da formação dos gestores, quais questões foram levantadas para a pesquisa e os meus interesses científicos no meu trabalho de pesquisa, no mestrado profissional, o qual intitulei “Minhas Veredas: experiências contributivas para a formação colaborativa de gestores escolares”, apresentei elementos da minha trajetória profissional, que mais interessam para este fim.

Referências

MAPELI, Desiclei Mara Barrocal. **Minhas veredas**: experiências contributivas para a formação colaborativa de gestores escolares. Dissertação (Mestrado em Curso) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo, 2023.

A MÉTRICA DA FORMAÇÃO DE UMA PESQUISADORA TAL QUAL EM VERSOS BRANCOS

Eliane Duarte¹

Neste título, sugiro a comparação da formação de uma pesquisadora aos versos brancos. Eles são diferentes dos versos livres, que não possuem métrica e são compostos por normas criadas pelo próprio poeta. Os versos brancos, como os livres não possuem rima, mas apresentam uma métrica. Uma pesquisa não possui um ritmo constante. Assim como um poema tem sílabas tônicas fortes e sílabas tônicas fracas que definem sua métrica, a pesquisa tem sua tônica forte como a coleta de dados e a sua tônica fraca que pode ser a análise dos dados, ou talvez, os estudos correlatos. Essas ações não são mais ou menos importantes, elas dão um certo ritmo à pesquisa e lhe facilitam o entendimento e a apreciação. Cada pesquisa, como os versos, tem sua métrica de composição.

Em narrativa do meu percurso até o Mestrado Profissional, não posso deixar de confessar que meu maior desafio é não ser professora na prática. Como refletir sobre a reflexão sobre prática, se não estou nela? Entrei no mestrado como uma estudante que tem curiosidade pelos professores. Para entender este processo empenhei-me no esforço de constituir-me pesquisadora, condição que ainda se constrói. Assim, pude me aproximar do olhar das professoras e aprender com a experiência delas. Como elas também

¹ Mestre em educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais na Universidade Nove de Julho SP (2023). Especialista em Pedagogias da Infância -Fundamentos, Metodologias e Procedimentos pela Universidade Nove de Julho SP (2021). Graduada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho São Paulo (2020). Graduada em Ciências Sociais, pelo Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas RS (2010). Pesquisa sobre Formação de professores: Contextos, epistemologias e metodologias. Pesquisadora integrante do GRUPEFP da Universidade Nove de Julho.

estão no processo de suas pesquisas, consegui a partir desta perspectiva, equiparar nossas posições. Vou contar como e porque, escolhi pesquisar sobre a constituição do pensar reflexivo de professoras que pesquisam suas próprias práticas profissionais.

Quando entrei na escola, confesso que não achei interessante. Era um pouco tenso. Muitas regras novas e ajustes na minha visão do mundo que resultaram em uma mudança no meu comportamento. Esta situação me levou a achar que sempre estava fazendo algo errado. Eu tinha muita dificuldade em entender o mundo diferente do que eu compreendia através da minha vivência. Tudo era mais importante do que eu vivia, no dia a dia. Coisas do passado através das disciplinas de história, matemática, as palavras que eu não entendia o significado e as informações que não se conectavam. Não fazia muito sentido. Mas estar na escola era importante. Ficar brincando ou conversando com os amigos e amigas era considerado perda de tempo.

Minha primeira experiência de vestibular, foi para seleção do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas no Rio Grande do Sul. Prova dissertativa dividida em dois dias incluindo redação. Passei!

Cinco anos de um misto de felicidade e tensão. As discussões, as apresentações de seminário e as conversas nos intervalos das aulas são fragmentos que compõe um mosaico lindo das lembranças dos tempos da faculdade.

Fazendo uma reflexão profunda sobre meu percurso formativo, identifiquei que ele foi transpassado pela curiosidade, como herança da infância, o estudo na escola e o início dos estudos universitários.

As diversas experiências foram se constituindo no que Bernard Lahire (1997), indicou como “razões do improvável”, expressão que aparece no título do seu livro sobre sucessos escolares nos meios populares. O improvável era eu chegar ao Mestrado. Quando iniciei o primeiro semestre, já cursava uma Especialização em Educação Infantil. Conduzi por um período de seis meses os dois estudos simultaneamente. Na especialização,

minha turma era formada, em sua maioria, por alunas oriundas da mesma instituição e que tinham acabado de sair da graduação em Pedagogia. Uma pequena parte delas, já trabalhando como professora. Esta convivência me provocava cada vez mais curiosidade pelas experiências da profissão.

Jorge Luís Larrosa Bondía, em um artigo sobre a experiência, oferece um olhar encantador para defini-la:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (BONDÍA, 2002, p. 21)

O curioso sempre breca diante de uma experiência vivida pelo outro e que lhe chama a atenção. É como se ele estivesse sempre em busca de ser *tocado* por algo diferente. É impossível quase nada acontecer no dia de um curioso com o espírito aberto. Inicialmente, resisti muito a ideia de estar no mestrado, mas como sou curiosa me permiti uma imersão nos diálogos sobre os textos das disciplinas. Lia repetidamente os textos, como os métodos de estudo que praticava no Ensino Fundamental. Mas o que acontecia era que eu os decorava e não os entendia. Aos poucos fui reaprendendo a ler. Foi uma espécie de letramento. Algumas perguntas que minha orientadora me ensinou formaram um caminho para o diálogo com o autor. Com quem ele está falando? Para quem ele está falando? E contra quem ele está falando?

De repente eu comecei a entender. E as ideias começaram a fazer sentido.

Observei que entre meus colegas do curso de especialização e do mestrado, havia uma distância grande ao modo como se relacionavam com o conhecimento. As que estavam na especialização, achavam muitas informações irrelevantes, enquanto as mesmas informações para as colegas do mestrado provocavam reações que desencadeavam um turbilhão de

associações livres. As colegas do curso de especialização atuavam em média pouco mais de 2 anos em sala de aula, somente duas há mais de 10 anos. E as colegas do mestrado, em média possuíam 10 anos de tempo de trabalho e algumas um tempo maior. Muitas delas já haviam atuado em sala de aula, na função de coordenação pedagógica e direção da escola. Percebi que a quantidade maior de experiências vividas no ambiente escolar pelas colegas com mais tempo de trabalho, possibilitavam a elas uma reflexão com estrutura diferente das colegas, com menos tempo de atuação no magistério. As mais experientes associavam a prática e a teoria com mais clareza e traziam muitos exemplos com situações reais. As dúvidas e as respostas se formavam a partir de hipóteses mais complexas, envolvendo relação professora-aluno, pais e professores, poder público e legislação.

Seria possível todos terem o mesmo aprendizado passando pelo mesmo caminho? Se pensarmos a partir de Larrosa Bondía (2002, p. 02), “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca...]”, a resposta será não! E teremos que incluir na nossa reflexão o *sentido da experiência* para cada indivíduo.

Observei na convivência com professoras em formação continuada fora da escola, que o significado e o tipo do conhecimento variam em cada fase de formação. Na fase inicial o conhecimento das técnicas e práticas em sala de aula é mais valorizado pelo professor. Na fase em que o professor já pode ser considerado como experiente, o conhecimento sobre as técnicas para ensinar encontra-se introjetado e minha hipótese é de que esse parece ser o momento mais favorável para pesquisar quais os gatilhos que acionam práticas do pensar reflexivo, criando oportunidades de transformar esse conhecimento da prática em conhecimento “válido” ou científico. Transformando-o em um intelectual produtor de conhecimento da própria profissão. Invertendo o fluxo do processo de formação desse conhecimento, tal qual, ele ocorre hoje. Segundo Dewey (1980, p.83) educação é “[...] uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta, e a nossa aptidão para dirigirmos o curso

das experiências subsequentes.” A partir desta definição de educação em Dewey, me foi possível associar que o professor que pesquisa sua prática, ao sistematizar conhecimentos oriundos da reflexão sobre essa prática, está aumentando sua aptidão para dirigir o curso de suas experiências subsequentes. Na acepção de Dewey (1959, p. 47) “[...]A curiosidade assume um caráter definidamente intelectual quando, e somente quando, um alvo distante controla uma sequência de investigações e observações, ligando-as umas às outras como meios para um fim [...]”.

Ou seja, o professor que pesquisa sua prática, permite-se a oportunidade de, talvez, encontrar um novo *sentido*; quando se propõe a observar como se formam (em que instância e quem determina os significados naturalizados das práticas de formação do aluno e também do professor. Vivencia experiências profissionais diferentes dos colegas que estão no mesmo ambiente de trabalho. A pesquisa parece devolver a curiosidade ao professor. Uma curiosidade aprimorada, instrumentalizada e que dá origem a perguntas que buscam o *sentido* e não só a resposta.

Dewey (1959) relaciona alguns precedentes de como se perde a curiosidade, onde ele diz que “[...] A menos que se efetue a transição para um plano intelectual, a curiosidade degenera e evapora-se [...]”. Segue comentando:

Alguns a perdem na indiferença ou descuido; outros, em frívola loquacidade; muitos escapam a esses males para cair num duro dogmatismo, igualmente fatal ao espírito de maravilha. Alguns se deixam aprisionar tanto pela rotina que se tornam inacessíveis a novos fatos e problemas. Outros conservam a curiosidade somente quanto ao que concerne à sua vantagem pessoal na carreira escolhida. (DEWEY, 1959, p. 47)

Passar pelo mesmo caminho não produz em todos o mesmo aprendizado da experiência. O que faz diferença à experiência é que esta cause algo que lhe passe, que lhe aconteça e que lhe toque.

Quando fui aceita no Programa do Mestrado Profissional, pela generosa condução e direcionamento de minha orientadora, optei pela linha de pesquisa “Intervenção em Gestão Educacional” (LIPIGES), me tornando membro do grupo de pesquisa sobre formação de professores (GRUPEF). Nesta linha, as relações entre teoria e prática provocam muitas questões de pesquisa. Optei por pesquisar o processo de constituição do pensar reflexivo do professor. Guiada pela problemática, presente no artigo de Giovanni (2003) “Quais as reflexões que podem e devem permanecer estruturadas em relação a formação de professores? Seja na formação inicial, formação continuada ou ao próprio exercício da profissão?”

No início desta narrativa dissertativa sobre meu percurso formativo, mencionei que ao me aproximar do olhar das professoras pude aprender com as experiências delas. Com seus relatos do cotidiano da gestão escolar, pude identificar a sua complexidade e algumas causas de insucessos de alunos que antes eu percebia como simples incapacidade individual. Esse universo escolar que é orbitado pelos professores, estudantes, familiares e políticas públicas não é para “amadores”, quem escolhe ser professor precisa estar atento a autoformação.

Ouvindo os relatos e acompanhando algumas pesquisas das colegas do mestrado foi possível perceber no processo que, ao envolverem seus colegas como participantes da pesquisa, elas promoveram um ensaio de práticas de formação na dimensão coletiva. Contribuindo para uma nova cultura de formação de professores.

Apesar de todo processo experimentado de formação da dissertação, não consigo me perceber como uma pesquisadora. Minha curiosidade apesar de intensa, ainda fica tímida. Quando perguntam qual minha atividade eu respondo: estudante.

Assim aconteceu meu encontro com meu objeto de pesquisa. E iniciou-se minha formação como pesquisadora.

Como em um poema branco sem rima, mas com métrica. A métrica, palavra que eu me apropriei para explicar, representa um

conjunto de medidas utilizadas para orientar o projeto de pesquisa. Na poesia, a métrica é o recurso para medir um verso através da sonoridade das palavras, das chamadas sílabas poéticas, e não pela divisão silábica gramatical. Quando buscamos respostas em entrevistas ou conversas é muito importante se portar como quem está buscando as sílabas poéticas. Porque a sílaba poética é diferente da sílaba normal da escrita. Ela é definida pelo que se ouve e não pelo que está escrito. Entre os dados de um questionário preenchido solitariamente pelo entrevistado e uma conversa gravada, escolho sempre o segundo. O ritmo das palavras e o silêncio, para mim, são mais reveladores de dados do que a grafia. Alguns pesquisadores dominam a aplicação do recurso da métrica da pesquisa e conseguem conversar com os autores através das leituras. A métrica dos versos possui regras específicas para ser aplicada. Assim como uma pesquisa tem os passos que ditam seu ritmo.

Posso dizer aos que ainda não se aventuraram na pesquisa e gostam de versos que ela precisa ser apreciada como uma composição com sílabas gramaticais e sílabas poéticas. Tem ritmo certo para ser lida.

Por isso

É muito mais interessante

ouvir o pesquisador

“declamar” sua pesquisa.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15. fev. 2023.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959.

DEWEY, John. **Experiência e Natureza**. Trad. Otávio Rodrigues Paes Leme. In: CIVITA, Vitor (ed.). Dewey. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Cap. 1, p. 3-28. (Os Pensadores).

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. Trad. Ramon Américo Vasquez; Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

AS PAINAS DAQUELA PAINEIRA, A BICICLETA AZUL E O MERTHIOLATE VERMELHO

Gilson Borsato Batista¹

A Arte de Ser Feliz

Cecília Meireles (1987)

Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia ser feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre, com um balde, e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz. Às vezes, abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes, encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz. Mas, quando falo dessas pequenas

¹ Graduação em Desenho e Plástica, pela Faculdade Euclides da Cunha (FEUC). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo. Atua como Professor e Vice Diretor de Escola na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. E-mail: gilsonborsato@yahoo.com.br

felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

De uma família de lavradores de São José do Rio Pardo, interior de São Paulo, sendo o terceiro filho de um total de quatro, nascia eu, em agosto de 1984, em meio a todas as dificuldades de uma vida simples, porém cheia de muito acalento. Tive uma infância de criança que aprontava, caía, ralava os joelhos, brigava com os irmãos, mas tinha neles grandes companheiros para as bagunças. Grandes lembranças das quedas da bicicleta azul com garupa, a qual eu sempre ocupava e sempre caía; a cada tombo uma bronca e para curar os ralados, o verdadeiro “merthiolate”, aquele que demorava um mês para sair da pele e muitos banhos de arnica para ajudar na cicatrização.

Desse tempo, eu me recordo com nostalgia da casa de colônia em que morávamos – lugar simples, cheio de pequenos mimos, como um pé de paineira bem em frente à porta da cozinha e que, em determinada época do ano, os frutos amadureciam e soltavam as painas, que chamávamos de neve e até serviam para fazer travesseiros; do outro lado, na porta da sala, uma imensa mangueira, que sobrevive e conta a história daquele lugar até hoje, diferente da paineira que não existe mais. O piso da casa era de “vermelhão”, o qual minha mãe *dava um duro danado* para deixá-lo brilhando, o que acontecia, principalmente aos finais de semana, pois durante a semana estávamos cuidando das plantações.

Figura 1 – A casa de chão vermelho.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Tudo era uma brincadeira para mim e meus irmãos. Todos os dias, um grande piquenique, pois levávamos marmitas para a lavoura e sempre tínhamos o horário do café da tarde. Nesses momentos simples, porém, cheios de expressões e cuidados demonstrados em cada gesto, faz-me recordar que acontecia sob uma barraca, a qual geralmente minha mãe montava com lençóis e pequenos galhos tirados da mata, um momento de ludicidade aprendida pelo mundo, mas nesse momento sem a noção de a estar praticando. Era nosso refúgio nos momentos de cansaço, juntamente com os cachorros, vistos como parceiros e protetores.

Mudamos desse sítio e fomos para outro, onde as atividades dos meus pais eram as mesmas, porém estávamos em um local centralizado, com fácil acesso a tudo. Nesse momento, fui matriculado na antiga pré-escola, Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau (EEPSG), Professora Sylvia Portugal Gouveia de

Sylos, escola rural, recordo da sala de aula, do cheiro de material novo, da primeira mochila e lancheira, do contato com os novos colegas, das brincadeiras e da socialização que ali existia. Logo na primeira série do extinto primário, tendo como professora Dona Zezé, comecei a ser alfabetizado e, no final desse ano, já estava lendo frases curtas e todos os dias havia as cantigas matinais, além do professor de Educação Artística, duas vezes, na semana, recém-formado, que marcou muito essa história escolar, com aulas dinâmicas, nas quais cantávamos, desenhávamos, dançávamos, sempre com uma relação muito harmoniosa e rígida, porém uma doçura impregnada em cada “não” falado ou gritado com aquela voz de locutor de rádio.

A professora Ana me chamava a atenção, pois havia a audição da leitura de cada aluno, individualmente, por ela, atrás da porta. Isso causava estranheza; talvez fosse uma forma de resguardar o aluno nesse momento. E a merenda da escola servida em pratos azuis pela janelinha da cozinha. Nesse período, era somente sopa que serviam. No mesmo ano, mudamos para a cidade, porém meus estudos continuaram na escola rural. Eu e meu irmão acordávamos muito cedo para pegar o transporte que passava pelos sítios e fazendas para levar para a escola. Sempre sentávamos no primeiro banco, o mais disputado, e, na volta para casa, as crianças no ônibus, não podiam ver uma plantação sendo irrigada que corriam todos para pôr a cabeça para fora da janela para serem molhados. Foi um ano pesado, porém, acabávamos nos divertindo quando nossa mãe nos deixava ficar no clube, ao lado da escola. Um dia, perdemos o horário do ônibus escolar da tarde. Em um belo momento, apareceu um caminhão “pipa” para abastecer a escola com água. Foi nossa carona de retorno para a cidade e, ao mesmo tempo, uma aventura.

Da terceira série, em meados dos anos 90, tenho somente como lembrança a professora Beth. Da quarta série, já em outra escola (EEPSC, Professora Stella Couvert Ribeiro), recordo da professora Maria Amélia, sempre muito exigente, rígida. Confesso que tive medo dela. Só de chamar os alunos pelo nome já era um

susto enorme, porém, foi de grande valia para a conclusão do meu antigo primário. Já da 5ª à 8ª séries, foram anos que passaram rápidos. Lembro que em alguns anos a educação física era feita no contraturno, com saudades da época do grêmio estudantil, das ações que planejávamos na escola, visando à melhoria de alguns aspectos que incomodavam os alunos, tais como: a montagem do laboratório e da sala de informática.

Sr. Flávio, bibliotecário ou professor readaptado, não sei ao certo, incentivava-nos a ler. Sempre com a sua bengala, sugeria as leituras. Muitas vezes, fui para a biblioteca devolver os livros e para ele assinar a ficha de devoluções; sempre ocorria um breve bate-papo sobre a história ou estória. Após algum tempo, ele se aposentou e a biblioteca ficou às moscas e foi desativada. Essa escola marcou muita minha trajetória escolar, por meio de simples gestos, como plantar uma árvore no Dia da Árvore. Quando passo por lá, após 25 anos, e a vejo; floresce um sentimento de que aquela escola de assoalho de madeira e corredores de cerâmica vermelha foi realmente significativa nessa trajetória em construção e reconstrução.

Iniciei meus estudos no Ensino Médio na Escola Estadual Professora Laudelina de Oliveira Pourrat, nos anos 2000, frequentando a primeira série no matutino. Quando iniciamos o novo ciclo, tudo mudou. Foram perceptíveis as alterações do ciclo, o número de professores, as formas de tratamento muito diferentes do Ensino Fundamental. E um detalhe, ainda existia aulas de Psicologia com o professor Rubens, do carro Variante azul, cujas aulas eram verdadeiros bate-papos agradabilíssimos; e as aulas de Arte da professora Luci, sempre algo diferente, respeitando a subjetividade da arte de cada aluno, a voz meiga e afável e uma afetividade que não tinha fim. Foi nesse ano que decidi seguir meu caminho pela arte, pois sempre tive grandes professores artistas que viraram minha referência: Arioswaldo, Dona Cidinha, Angélica, Leda e Luci.

Nessa escola, participei de vários projetos, como o grêmio estudantil, o Projeto Literário da Nestlé, Viagem pela Literatura², e o que me trouxe maior satisfação e realização era tocar na fanfarra da escola. Os ensaios eram realizados duas vezes durante a semana, no período noturno, todos os sábados à tarde. Era sempre uma angústia esperar os dias de ensaios e as apresentações. Éramos em torno de 100 alunos, engajados nesse projeto, no qual o protagonismo juvenil era realmente posto em prática e cada um se empenhava ao máximo para que o resultado coletivo fosse um verdadeiro show, que durou para mim de 2000 a 2002 – belos tempos, belos dias, belas lembranças.

Em 2001, solicitei o remanejamento para o período noturno, pois acabava de ser inserido no mercado de trabalho. Fui trabalhar em uma ONG, gerida pelas Irmãs do Monte Calvário, que arrecadavam fundos e doações para a Santa Casa local, da qual elas tinham a condução da parte religiosa e também a equipe de enfermagem. Fui muito bem acolhido e, durante os dois anos de convivência, aprendi muito sobre questões humanas, o carinho que cada irmã, ao seu modo, demonstrava pelos pacientes e pelas pessoas que ali estavam, seja na alegria ou na dor. Madre Maria Madalena, com toda a sua doçura, e Irmã Maria Cecília, a motorista da “turma”.

Logo em 2003, ingressei no ensino superior no curso de Desenho e Plástica, inicialmente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), de São José do Rio Pardo; logo em seguida, o nome foi alterado para Faculdade Euclides da Cunha (FEUC), dada a grande influência do patrono na cidade. Foram três anos intensos de muita aprendizagem, conhecendo todos os estados da arte, as subjetividades e as dicotomias proporcionadas, as apresentações que aconteciam do nada e viravam um evento na faculdade, enfim um estudante de artista. E quem foi meu

² Fundação Nestlé Brasil lançou em 1999, o Concurso Cultural Viagem NESTLÉ pela Literatura, destinado às escolas de Ensino Médio. O concurso teve sete edições: de 1999 a 2006.

professor nos três anos de curso? Aquele professor lá do primeiro ano do extinto primário, professor Arioswaldo, sempre com o seu humor característico e os melhores dias eram aqueles de avaliação dos trabalhos práticos, uma verdadeira encenação para dizer ao aluno que estava péssimo o trabalho; mas ele entendia a subjetividade da arte. Os demais marcaram e ajudaram na minha formação e cabe aqui o registro: professora Lurdinha, uma enciclopédia de História da Arte; professor Jaime, um verdadeiro ator, professor e desenhista; professor José Renato e a sua busca incessante pela perfeição dos alunos nas aulas de Desenho Geométrico; e professor Wladimir, um camaleão multifuncional. A todos, o meu sincero respeito. No segundo ano da Faculdade de Arte, fui convocado para servir o Exército. Foi um ano maçante em que eu me dividia entre trabalho, estudo e Exército. Recordo-me das aulas de Educação Físicas, as quais eram divertidas, porém era exaustivo correr pelas ruas logo às cinco horas da manhã com o tradicional uniforme físico do exército (regata branca por dentro do calção verde exército, com o calçado preto e meia branca até a canela) e cantando cantigas militares.

No ano de 2004, por falta de recursos financeiros, fui desligado da Congregação Religiosa Irmãs do Monte Calvário e no ano seguinte surgiu a oportunidade de pôr os pés pela primeira vez em uma sala de aula. Foi meu início na Educação. Substituí uma licença por 30 dias, em 2005. Foi a primeira experiência, com ideias que, muitas vezes, não eram adequadas para a sala de aula, ora dada a complexidade, ora a falta de experiência. Nesse ano, concluí a graduação em Desenho e Plástica e, no ano seguinte, já estava novamente em uma outra graduação, a de Educação Física, e na sala de aula, tanto na pública como na particular; aos finais de semana estava no Programa Escola da Família, devido à bolsa de estudos da faculdade. Foi mais um ano corrido, de muito trabalho e aprendizagens.

Já em São Paulo, em 2008, com a cara e a coragem e uma mala vermelha, iniciava mais um ciclo da vida: o rompimento do cordão umbilical para tomar as minhas próprias decisões. E o destino quis

que eu fosse para uma escola gigante na Zona Norte, nomeada Escola Estadual Senador Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, com 35 salas de aulas por período, um ambiente vasto e instigante, devido à diversidade de público. Em um determinado período do ano, consegui mais aulas em uma outra escola na Zona Leste, a Escola Estadual Oswaldo Catalano, com um público eclético. Apesar da escola se situar em um bairro de classe média alta, os alunos que ali frequentavam vinham do extremo Leste, um alunado totalmente diferente da outra escola, onde o que me chamava a atenção era que a questão da diversidade de gênero era muito bem trabalhada na escola, e os alunos, independentemente da orientação sexual, tinham um respeito mútuo, o que não havia na escola da Zona Norte.

Como professor de Arte na Escola Estadual Gustavo Barroso, nosso universo de pesquisa, já com uma vasta experiência de conteúdo, práticas, públicos, posso afirmar que durante estes anos consegui desempenhar tudo que planejei com os alunos. Por meio da relação, desenvolvia vários projetos, desde produções de desenhos, pinturas, dança, música, vídeos, animações, curtas-metragens, sempre respeitando os limites de cada aluno e trilhando caminhos para que todos atingissem os objetivos, cada qual com as suas especificidades.

Passei por todos os níveis ou ciclos ou modalidades de ensino, desde o Fundamental, ciclo I até a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a coordenação pedagógica do Ensino Fundamental da Unidade Escolar, com foco na aprendizagem, a vice-direção, na qual estou até os dias atuais, desempenhando ainda algumas intervenções na questão da aprendizagem, resolvendo os conflitos gerados na escola e também fora dela, sempre com muito diálogo e audição das angústias que acabam afetando as relações e a aprendizagem de alguns alunos. Tal conduta de trabalho se deu, pois sempre fui tratado, pelas escolas por onde passei na minha formação, com muito respeito e diálogo e nada mais justo que retribuir para a escola pública, da qual sou herdeiro, o mesmo tratamento afetivo, respeitoso e zeloso.

Nos últimos tempos, tenho refletido acerca de algumas questões que estão me incomodando muito. Como os alunos enxergam a escola, o ambiente educacional, o ambiente de convivência, ou seja, como percebem a escola? E minhas dúvidas e aflições não param por aí. Questiono-me: Quem são esses alunos que frequentam e estão nesse espaço de opiniões e visões discentes subjetivas? De onde vêm, para onde vão e quais as suas expectativas em relação à escola e à vida? Com essas indagações em mente, senti a necessidade de me aprofundar nos estudos dessas questões e, por meio de uma professora da escola na qual trabalho, fui informado do processo seletivo para o Mestrado da Uninove. Imediatamente, fiz a inscrição no site, fiz o pré-projeto, o processo seletivo, a arguição oral e estou formado Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Desde março de 2020, os desafios foram grandes para conciliar dois cargos na Secretaria Municipal Estadual de Educação, o Mestrado na Uninove e uma pandemia. Tive apenas uma semana de aulas presenciais no programa, em março, e na semana seguinte já estávamos no ensino telepresencial – um desafio para todos, pois não tínhamos a vivência desse estilo de aula. Confesso que a pandemia me ajudou nesse sentido, de poder participar das aulas remotamente, pois, caso contrário, o deslocamento até a Universidade levaria um tempo considerável. Então, foram tardes de grandes trocas de conhecimentos, difíceis, doloridas, porém que foram necessárias para a minha formação.

Juntamente com as dores prazerosas das tardes das terças, quartas e quintas, uma semente de preocupação brotava, pois precisava dos alunos para desenvolver a minha pesquisa. E onde estavam? Estavam todos no ensino remoto. Dessa forma, tive que pensar novamente de que forma conseguiria conversar com esses alunos. Pensei em um formulário e planejei. Pensei em entrevistas via plataformas virtuais e planejei. Em um breve retorno dos alunos para a escola, devido à melhoria dos índices de transmissão do coronavírus, deixei tudo de lado e montei outro esquema de perguntas e respostas, mas, um mês depois, as escolas

suspenderam as aulas presenciais novamente e lá vou eu repensar, pois precisava da coleta de dados para escrever a dissertação.

Passando a segunda onda da pandemia, timidamente, os alunos começaram a retornar para a escola e nesse momento colhi quase todas as informações de que precisava. Foi um salto gigantesco. Tive que agir rápido. E as respostas dos alunos me surpreenderam, pois foi exatamente como eu penso, como eu vejo e vivencio.

Agendada a banca de qualificação e sendo aprovado, foi correr para atender as solicitações da banca e prosseguir com os estudos, pesquisas e rodas de conversas para finalizar o texto. Confesso que não foi fácil, porém o aprendizado, as trocas de conhecimentos abriram meus olhos para os estudantes, para entendê-los e suas atitudes, e mais ainda: botei fé nas suas percepções, que são reais, realistas e verdadeiras.

Cabe nesta apresentação referência à professora Rosiley, que marcou a minha trajetória acadêmica sendo minha orientadora. Foram muitas tardes de quintas-feiras, nas quais eu voltava da escuridão com as suas orientações, pois em muitos momentos me sentia perdido, e seus conselhos foram primordiais para a conclusão desta dissertação. Foi um tipo de aspersão d'água, pela janela aberta e sobre o jasmineiro quase seco. Foi um ritual que gerou pequenas felicidades. É dessas simples e pequenas felicidades que eu digo que faz o coração ficar feliz e o jasmineiro florescer, atraindo borboletas duas a duas, os pardais, os marimbondos, os gatos, tudo isso diante da janela. É preciso aprender a olhar para conseguir ver essas pequenas felicidades. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino, e eu... Feliz!

Referências

BATISTA, Gilson Borsato. **Escola pública**: todas as gentes cabem lá! com a palavra, os estudantes. 132f. 2022. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) - Programa de Pós-graduação

em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/3071>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MEIRELES, Cecília. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

Juliane Barssalos da Cruz¹

Meu interesse pela temática “formação e práticas pedagógicas de alfabetização e letramento” remete à minha infância, pois me lembro que enfrentei muitas dificuldades no processo de alfabetização e, infelizmente, os professores que tive, na época, não contribuíram para a minha aprendizagem.

Lembro-me de momentos traumáticos e vexatórios que passei com apenas sete anos, eu estudava em um colégio estadual, localizado no município de Santo André, com um número grande de salas. As crianças que não tiravam as notas acima de 5,0 eram encaminhadas para uma sala especial, localizada nos fundos da escola, em um contêiner. Todos que não conseguiam se alfabetizar na primeira série, eram considerados com “alguma categoria de transtorno ou dificuldade” e, ao final do ano letivo, a vivência de situações de baixo rendimento escolar acarretavam a reprovação.

Lamentavelmente, eu vivi esta situação de fracasso, rompi com a expectativa da família em relação aos bons resultados escolares e sem dúvida foi um sofrimento que marcou uma fase em minha vida. Entretanto, ainda que pareça contraditório, isso não me gerou sentimentos que perduraram por muitos anos e, tampouco, foram desencadeadores de outras dificuldades. Ao contrário, superei essa pressão social, lutando pela minha

¹ Graduada em Letras e em Pedagogia em Gestão Escolar (2004). Pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Institucional. Pós-graduação Lato Sensu em Alfabetização e Letramento. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo. É gestora da rede pública de ensino, Educação Básica, Santo André- SP.

autoestima, logrando êxito em cada obstáculo para, no fundo, provar a todos que eu era capaz.

Hoje, prefiro recordar os bons momentos que desfrutei no ginásio, dos ensaios de festividades no anfiteatro da unidade escolar, dos passeios e excursões, dos desfiles com suas belíssimas fanfarras que se apresentavam em espaços públicos, em datas cívicas comemorativas, das festas juninas e da participação da minha mãe, sempre presente na escola.

Inclusive, fui incentivada por ela a cursar o extinto magistério ofertado pelo Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), de São Bernardo do Campo, as aulas aconteciam em período integral, com auxílio de bolsas e, ao finalizar o curso de quatro anos, estava apta para lecionar na Educação Infantil e/ou no Ensino Fundamental.

Após o magistério, em 1993, tentei ingressar na faculdade de Educação Física, já que meu pai recém-aposentado, na época, não tinha condições de custear meu sonho, que era fazer Fisioterapia ou Terapia Ocupacional. Não tendo recursos financeiros, resolvi primeiro, iniciar minha caminhada profissional como professora para custear a faculdade do meu interesse, posteriormente.

Foi então que no mesmo ano, comecei a lecionar em uma escola privada para duas turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. O currículo da escola priorizava desenvolver as habilidades utilitaristas necessárias ao uso da leitura e escrita. Lembro-me de que a maioria das salas era organizada em fileiras e eu gostava de trabalhar com os alunos em duplas e roda, algo inusitado naquele ambiente escolar. Como as crianças iam bem no processo de alfabetização, nunca fui advertida.

Assim, aos 19 anos, tive minha primeira experiência profissional, que me despertou a paixão por alfabetizar. Ao observar o avanço daquelas crianças no decorrer do ano letivo, acompanhar o processo da escrita e leitura das primeiras palavras, defini ser isso que queria para a minha vida profissional: alfabetizar! Fiquei três anos na escola Coterra, Coterrinha e, logo resolvi ingressar na faculdade para realizar o curso de Letras.

Conclui o curso, em 1999, e recebi o convite para trabalhar em mais duas escolas particulares, lecionando para turmas de Educação Infantil, final e primeiro ano do Ensino Fundamental. Ao terminar o curso de Letras resolvi fazer Pedagogia, pois, a cada dia, fui me identificando mais como professora.

Ingressei, via concurso público em 2008, como professora de Educação Básica na Prefeitura Municipal de Santo André. Na época, exigia-se, para o ingresso na atividade, apenas a formação de nível técnico (magistério), mas eu já havia finalizado a graduação de Pedagogia em Gestão Escolar (concluída em 2004), e minha primeira especialização *lato sensu* – Psicopedagogia Institucional.

Motivada a estudar para compreender como a criança aprende, desenvolve-se no processo de alfabetização, fiz outra pós-graduação em Alfabetização e Letramento. Na ocasião, causou-me muita inquietação ver um número expressivo de alunos que findaram o terceiro ano do Ensino Fundamental sem domínio das habilidades básicas de leitura e escrita que lhes possibilitasse compreender o que liam e comunicar-se com clareza e, portanto, posicionar-se crítica e autonomamente diante do que lhes era comunicado por essa via.

Por meio do estudo de alguns autores, durante a especialização, ficou mais claro porque alguns alunos apresentam tantas dificuldades. Muitas vezes, há uma ideia controversa de como se aprende a ler e escrever, resultando em uma preocupação exacerbada com o ensino da gramática. Porém, sabe-se que essa prática não garante o desenvolvimento de todas as habilidades necessárias para a conclusão dessa etapa. Prova disso é que o aluno lê, redige, mas, em muitos casos, não compreende a sua escrita, tendo muitas dificuldades em comunicar-se via gêneros textuais. Não raras vezes, observamos alunos capazes de flexionar substantivos em número e gênero, separar sílabas, classificar quanto à tonicidade, dentre outros domínios operacionais da gramática, contudo, apresentam dificuldades em inferir informações em um texto lido. É preciso que se pense em uma

aprendizagem significativa que mobilize saberes autorais voltados para a leitura e escrita, caso contrário continuaremos com resultados que indicam um percentual elevado de analfabetos funcionais, decorrentes de uma escola que produz não leitores e não escritores.

Ao finalizar minha especialização, tive conhecimento de uma política de ação, por parte do governo federal. Tratava-se de um investimento feito por meio do Ministério da Educação (MEC) para a formação continuada de professores, oferecendo cursos em parceria com os Estados, Municípios e as Universidades Estaduais. Com uma estrutura organizada em nível nacional, lançava-se, neste momento, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), implantado em todo o país, inclusive na região do ABC Paulista, local no qual foi desenvolvida esta pesquisa.

Tive oportunidade de realizar, como cursista, todas as formações do PNAIC, ofertadas aos professores alfabetizadores do município de Santo André. O PNAIC é um programa federal cujo objetivo é apoiar os professores que atuam no ciclo de alfabetização a planejarem as aulas e de modo articulado usar os materiais e as referências curriculares e pedagógicas ofertados pelo MEC, garantindo a alfabetização de todas as crianças até os oito anos.

Motivada com o aprendizado das formações, percebi o quanto ela favoreceu o processo de alfabetização dos meus alunos de forma lúdica e significativa, por meio da reflexão nos princípios do programa, no farto conhecimento de materiais e no exercício das intervenções. Eu demonstrei tanto envolvimento nas formações, que recebi o convite da Secretaria da Educação para participar do processo seletivo e ser formadora local do PNAIC, no município de Santo André. Como formadora, observei as dificuldades apresentadas pelas cursistas em relação aos seus alunos para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Notei como os materiais do PNAIC e as intervenções propostas pelo programa permitem avanços significativos no processo de alfabetização.

A descontinuidade do programa ocorreu em 2018, mas a necessidade de continuar aprendendo e aprofundar meus

conhecimentos, levaram-me ao mestrado. Nele, tive a oportunidade de cursar disciplinas que corroboraram com minhas reflexões acerca da formação continuada do professor e sua importância para a valorização do magistério e para a prática docente (no dia a dia, em aula), disciplinas que me fizeram ir além dos meus “achismos”, do senso comum.

Atualmente, encontro-me como gestora de uma Escola Municipal em Santo André e observo haver uma ideia controversa de como se aprende a ler e a escrever, o que me motivou para a escolha do objeto pesquisado: verificar as contribuições do PNAIC na formação continuada e melhora da prática docente dos professores alfabetizadores que participaram das formações do program

a.

Referências

CRUZ, Juliane Barssalos da. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC):** Formação continuada e práxis docente. Dissertação. (Mestrado em Curso) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/3122/2/Juliane%20Barssalos%20da%20Cruz.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

“TIA”, PROFESSORA, MESTRA EM EDUCAÇÃO: UMA TRAJETÓRIA DE AMOR, DEDICAÇÃO E HONRA!

Karin Pereira da Costa Maia¹

A alegria não chega apenas no encontro do
achado, mas faz parte do processo da busca. E
ensinar e aprender não podem dar-se fora da
procura, fora da boniteza e da alegria.
(FREIRE, 2009, p. 142)

Para dar início a esse trabalho, vou contar parte da minha trajetória profissional que trouxe à tona a necessidade de buscar respostas aos inúmeros questionamentos que foram surgindo no exercício da docência, impulsionando-me a investigar as práticas do cotidiano escolar e seus atores, por intermédio da pesquisa.

Em 1998, ainda enquanto estudante de Pedagogia, tive a experiência como professora eventual na rede estadual, no ensino fundamental nos anos iniciais e nos anos finais, no período noturno com jovens e adultos. A cada dia eu constatava que não era daquele jeito de lecionar que eu queria atuar como professora, ou seja, apenas reproduzindo os conteúdos programáticos deixados pelo professor titular da sala. E nesse ano de trabalho como eventual, usei transformar as aulas em debates, com temas que proporcionaram experiências reais e despertaram a curiosidade dos estudantes.

¹ Graduada em Pedagogia. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo. Professora Coordenadora de Gestão na Secretaria Municipal de Jandira. São Paulo.

Após 2 anos, surge uma oportunidade na rede particular de ensino, num bairro da zona Oeste de São Paulo, no Jardim Bonfiglioli, e ingressei na sala de aula como professora na Educação Infantil, pré-escola e junto com os pequenos estudantes que me nomearam "Tia Karin", aprendi muito sobre os espaços de ouvir e falar, o imaginar, o criar, o brincar, o descobrir, com alegria, apesar das carências afetivas que aqueles pequenos carregavam, pela ausência da família que os mantinham na escola em período integral. Foi uma maravilhosa experiência a descoberta do valor que tem uma professora na vida de uma criança, e nessa relação do ensinar e aprender, as inquietudes foram surgindo, iniciando um processo de busca por ações transformadoras no contexto escolar.

Contudo, surgiram os questionamentos a respeito de alguns aspectos como: 1) da qualidade do que é proposto aos estudantes; 2) do espaço que a escola dá (ou não) para o desenvolvimento integral da criança; 3) do perfil dos professores; 4) dos planejamentos contextualizados ou conteudistas.

Após quatro anos de vivência na rede particular, ou seja, em 2004, ingressei, por intermédio de concurso público na rede municipal de ensino, concomitantemente, na rede estadual, ambas em Carapicuíba-SP, como professora titular de sala, atuando no Ensino Fundamental.

Em 2007, surge uma nova oportunidade, concurso público para cargo com função designada à Secretaria Municipal de Educação. Vi uma porta que poderia encaminhar-me a outras descobertas e respostas às minhas indagações sobre o trabalho da comunidade escolar e os diversos papéis que desempenham. No ano de 2008, ingressei na Secretaria Municipal de Educação de Jandira-SP, com o cargo de Professora Coordenadora de Gestão Escolar. Nesse novo cenário, conheci o trabalho de formação continuada proposto aos gestores escolares, aos docentes e aos profissionais de apoio, desenvolvido pelos formadores da Secretaria Municipal de Educação de Jandira (SMEJ), a qual passei a fazer parte, iniciando um trabalho com o programa intitulado Programa de Orientação e Acompanhamento à Gestão Escolar

(POAGE), que orienta os diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos para a construção no Projeto Político Pedagógico (PPP); implementação do Conselho Escolar, como também o desenvolvimento de diferentes modelos de planejamentos estratégicos, como por exemplo, a Matriz *Swot* (*Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats*), ou Análise FOFA (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças), com o objetivo de refletir sobre a prática do universo escolar com todos que lá atuam, não para mantê-la, mas transformá-la, mostrando aos sujeitos o quão protagonistas são de suas ações.

O trabalho de “formadora”, traz consigo a necessidade de autoavaliação contínua, pois remete a uma reflexão das propostas discutidas, elaboradas e apresentadas aos profissionais da educação, seu impacto, o que de fato é consolidado e nesse movimento de autoavaliar a prática, fui impulsionada para além do espaço de formação. Notei que é necessário estar junto, observar, ouvir os sujeitos, quais sejam, os gestores, os docentes, funcionários e pais ou responsáveis pelos estudantes, a respeito daquilo que só eles podem responder como de fato acontece, quais usos fazem das formações que participam e avaliar a eficácia das temáticas ofertadas. Os anos de experiência como formadora, quatorze anos, não responderam às indagações, pelo contrário, os questionamentos aumentaram à medida que surgiam novas propostas e outras análises dos contextos. Porém, não passava pela minha cabeça o que mais poderia ser feito e o sentimento de formações baseadas na mesmice em sua formatação, continuava lá, ainda que buscando sempre a qualidade nas propostas ao público atendido.

Para complementar o que foi explanado da minha história profissional até o momento, passarei a narrar como cheguei até o mestrado. Começo então aqui um novo capítulo da história da minha trajetória, em que praticar a resiliência foi uma ferramenta de sobrevivência, num momento em que o mundo entra em pânico, a humanidade está em choque, fomos assolados por uma pandemia, o novo coronavírus - COVID 19, que nos tirou o convívio com as pessoas; a todo momento as notícias anunciavam

mortes, portas fechadas, desequilíbrio emocional, medos e inseguranças.

Contudo, o improvável aconteceu, pois eu sequer havia cogitado, a possibilidade em tempos “normais”, ou seja, antes da pandemia, de entrar no mestrado e, nesse contexto, onde cada um estava confinado em sua casa, trabalhando remotamente, recebi um compartilhamento no grupo de trabalho, sobre o edital do processo seletivo para o mestrado profissional da Universidade Nove de Julho (Uninove). Fiz a inscrição e dali para frente deu-se o *start* que faltava, algo novo renasceu no meu coração, a vontade de seguir em frente com os estudos para aprofundar o conhecimento sobre o trabalho colaborativo na escola e ao pesquisar sobre o tema, me apaixonei e defini como objeto de estudo da pesquisa: A cultura colaborativa na escola.

Em abril de 2021, ingressei no mestrado profissional em educação da Uninove, para aprender a ser uma pesquisadora, adquirindo outras aprendizagens e aprofundando conhecimentos teóricos. Ir além do que se vê atuando numa Secretaria de Educação, afirmo que "tomar distância" da escola, da sala de aula, abriu-me o olhar por meio de prismas intrigantes e com grandes desafios e as oportunidades de reflexão com os professores e gestores, os debates e estudos para oferecer qualidade nas formações e o pensar juntos, ações qualitativas para a aprendizagem de todos os estudantes, é o que me mantém viva, ainda que com cansaços eminentes, a busca por respostas aos questionamentos supracitados me motivam a não desistir.

Referências

MAIA, Karin Pereira da Costa. **Do Trabalho Colaborativo à Cultura Colaborativa na Escola: “fato” ou “fake”**. Dissertação. (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE). Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo, 2023.

TANTOS CAMINHOS... E TANTAS HISTÓRIAS...

Leila Cilene Silva Araujo¹

[...] Não aprendemos com qualquer um. Para aprender, necessitamos, de certa maneira, sentir-nos identificados com aquele que nos ensina.
(DOWBOR, 2008, p.61-62)

Falar sobre minha trajetória e como aqui cheguei, rememorar meu percurso enquanto profissional e pessoa que hoje sou, é realmente algo que me toca e me impulsiona a acreditar cada vez mais na educação. Tantos caminhos e tantas histórias, mas nesta caminhada uma das certezas é que estamos em constante aprendizado e os saberes estão além dos textos e das palavras, se encontram nas pessoas, nos territórios, nas heranças culturais.

Nesta minha trajetória, aprendi que pessoas são capazes de mudar realidades, perspectivas e histórias de vida, somos o que somos, pois vivemos em sociedade, pois aprendemos e nos constituímos uns com os outros.

A mesma sociedade que nos provoca mudanças, muitas vezes, também, tende a busca de homogeneizar pessoas, histórias e culturas. E, no meio destas incoerências e desafios que é viver e aprender entre diferentes, que escolhi persistir, traçar rotas e caminhos que me levassem a moldar a pessoa que hoje sou, alguém que mesmo com inúmeros obstáculos, desafios e até indiferenças, busca por intermédio da aprendizagem colaborativa, do abrir-se a escuta e a conhecer o outro, ser cada dia melhor, melhor do que sou, melhor a mim e com quem convivo cotidianamente.

¹ Pedagoga. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo. É professora da rede pública de ensino, Educação Básica, Santo André- SP.

Minha trajetória na educação não começou quando nela ingressei como educadora, mas sim, quando me vi como aprendiz, me lembro bem que este caminho nunca se fez sozinho, sempre com alguém com quem compartilhei, com quem aprendi ou acabei provocando algum saber.

Ah! esta minha caminhada, foram tantas e diferentes parcerias que me fizeram ir e vir, aprender, mudar, desequilibrar, equilibrar, viver conflitos, romper barreiras e viver diferentes experiências, ora por parcerias de laços familiares, ora por professores, gestores, técnicos, mas, muitas vezes, por pessoas que me inspiraram, me reconheci e identifiquei em seus escritos, tais como Paulo Freire, a quem tive o privilégio de conhecer em Diadema, lá em 1994, quando iniciei nesta rede municipal, entre outros que moldaram a profissional que me constitui...

Lembro me bem da Professora Sonia, uma negra linda de sorriso largo, minha primeira professora, minha primeira inspiração, a identificação em ver uma profissional, negra como eu, foi mágica, inesquecível, experiência de empoderamento. Não só pela cor daquela pessoa, mas foi no olhar diário, o acolhimento e principalmente por ter sido a pessoa que desde muito cedo me ensinou a lidar com os preconceitos e com alguns dos desafios que eu já enfrentava e que me perseguiriam muitas vezes na minha trajetória.

Foi desde a educação infantil, como estudante, que me encantei com os livros que me inspiram até hoje, mas foi exatamente nesta etapa que aprendi a me encantar pelas pessoas, por quem elas são e como podem nos apoiar, nos tornar melhores, pois são as pessoas que escrevem os livros, inventam as histórias, nos fazem chorar, rir, emocionar...

Do ensino fundamental tenho poucas memórias, mas as que realmente me tocaram e guardo até hoje são as de professoras como "Rosa," mulher empoderada, forte que um dia fez uma escrita no meu caderno que carrego até hoje como inspiração, nas linhas ela me dizia assim: "Sou o que sou, não o que querem que eu seja, sou mais uma personagem desta peça chamada Vida" (autor

desconhecido). Não foi só uma frase, mas um ensinamento que carreguei para vida, que eu poderia ser alguém com escolhas, ser protagonista da minha história.

Dowbor (2008, p.66) diz que: “[...] educar é marcar o corpo do outro”, e foi nesta busca que aos 16 (dezesesseis) anos, ingressei no CEFAM (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério).

Nos estágios de observação e docência foi onde tive a certeza de que não era apenas uma profissão que eu desejava ter, mas seria a realização de um sonho, um desejo que me tocou ainda mais forte naqueles momentos, mas que me conduzem até hoje, de tocar e ser tocada pelo outro, provocar mudanças, deixar marcas e ser marcada por cada pessoa com quem eu me deparo nesta trajetória.

Logo ao final do magistério em 1994, ingressei na prefeitura de Diadema como professora de Educação Infantil, rede de ensino que atuo até este ano de 2022.

No meu primeiro ano em Diadema, foi quando conheci Freire, foi extremamente lindo e marcante, e com os princípios que ouvi naquele dia procurei seguir minha docência, pautada no desejo de mudanças, na busca de que minha prática tocasse meus educandos, que minha ação educativa fosse realmente significativa para as crianças, jovens e adultos com quem atuei.

Vivi nesta municipalidade a criação do seu currículo pautado nos princípios freireanos, contando com a participação de toda comunidade escolar, foram muitos os momentos de trocas e discussões até sua elaboração, uma proposta curricular que busca a qualidade social da educação.

No início dessa trajetória, posso dizer que foram inúmeros os momentos de formação continuada, que ocorreram em pequenos grupos, nos espaços escolares e fora dele, na troca com profissionais de outras escolas e até mesmo de outras redes de ensino. Todos estes momentos foram fundamentais para a constituição da profissional que hoje sou. Como destaca Freire: “[...] Na formação permanente da educadora, é indispensável a reflexão crítica sobre os

condicionamentos que o contexto cultural têm sobre nós, sobre a nossa maneira de agir, sobre nossos valores.” (FREIRE, 1998, p.108).

Os saberes docentes que me eram necessários não estavam relacionados somente a “conteúdos”, mas também sobre o contexto social dos meus educandos, sobre o que realmente era significativo, buscando sempre uma prática pautada na função social das aprendizagens. Para isto foi necessário desde muito cedo desenvolver capacidades de ação-reflexão e ação.

Em 2001, ingressei concomitantemente na Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, no mesmo ano em que concluo minha faculdade de pedagogia, vivi nesse período dois grandes desafios: a escrita do meu trabalho de conclusão de curso e a vivência num outro tipo de proposta educativa.

Na faculdade, meu olhar estava na busca de questões que fariam sentido na vida das minhas crianças, meu foco era a pesquisa por algum tema que remetesse à importância da participação da família junto a escola, no entanto, fui conduzida pela busca de temáticas que estivessem mais ligadas as práticas que eu estaria realizando no dia a dia da escola, encantada pela poesia e em como as crianças brincavam e se maravilhavam com este brincar com as palavras, acabei por construir meu primeiro projeto de pesquisa pautado nesta temática.

Na rede de ensino de São Bernardo, retornei aos processos de formação continuada, momento este em que na outra municipalidade já não haviam tantos investimentos nestas ações como antes. O acompanhamento nas escolas já estava estruturado de maneira mais aproximada, foi nesta rede que passo a ter pela primeira vez a presença do coordenador pedagógico na escola, acompanhando minha prática.

Ter um coordenador pedagógico, alguém que estaria próximo ao meu trabalho educativo parecia ser uma ação que ajudaria muito para o trabalho, nessa nova rede de ensino. Assim que cheguei na escola recebi meu primeiro caderno de planejamento (padronizado) com quadros, dias e horários pré estabelecidos, (em

Diadema meu planejamento era autoral, construído por mim, com a minha organização, pautado nos eixos da proposta curricular).

Minha parceria com a coordenação pedagógica foi de prestação de contas, recebi algumas devolutivas com relação a minha organização do trabalho, hoje tenho a compreensão que minha organização não cabia nos quadradinhos que recebi naquele caderno, nem nos horários inflexíveis no cotidiano da escola, mas aos poucos fui aprendendo a viver essa nova realidade.

Por algum tempo, senti que meu desejo já não era o mesmo, que aquela minha vontade por querer mudar o mundo parecia que estava se perdendo em meio a tantas burocracias que se formavam. De acordo com Dowbor (2008), assumimos modelos na nossa prática que permeiam a relação professor-aluno, somos humanos e como tal, estamos sujeitos ao erro, sujeitos a sermos incoerentes e uma destas posturas é a do modelo autoritário que “[...] castra, limita e não delimita, impossibilita que o outro seja ele mesmo”. (DOWBOR, 2008, p. 64)

Com um sentimento de incompletude ao qual me deparei com uma vice diretora, que em parceria com a coordenadora pedagógica, me fizeram reviver, foi novamente com alguém que sentou ao meu lado, esteve comigo dentro da minha sala e me levou ao diálogo, que reencontro os caminhos que pareciam já estar perdidos com tantas incertezas. Aquele foi um ano de renovo de recomeços...

Em 2006, vou em busca de um novo desafio, em uma seleção interna no município de São Bernardo, ingresso na seção de laboratórios atuando na articulação do trabalho com jovens e adultos, a proposta me atraiu pois não era um espaço para que os estudantes aprendessem só sobre as tecnologias, mas que aprendessem como as tecnologias poderiam potencializar o dia a dia de cada um deles.

Na seção de laboratórios, fui professora e posteriormente formadora de professores, daí surge minha paixão pela formação, por querer tocar outros como muitas vezes fui tocada nesta minha trajetória pelo ato de educar.

Em Diadema, eu continuava atuando na Educação Infantil e os momentos formativos que eram realizados até então, pela direção escolar, e algumas vezes pela ATP(Assistente Técnica Pedagógica)², ora eram destinados a combinados, ora, eram para o planejamento do professor. A direção da escola em que eu atuava, observando minha inclinação para a formação me convidava então para auxiliar a direção escolar nestes momentos.

Iniciei com o grupo da escola que atuava alguns momentos de troca e de formação continuada, em 2013.

Surge então o primeiro processo seletivo interno para coordenador pedagógico em Diadema, eu não deixaria de ser professora, apenas estaria acessando uma função por um período de três anos, que poderia posteriormente ser renovado e, caso não me adaptasse à função, poderia solicitar meu retorno para a sala de aula. Com o desejo de continuar a experiência que eu havia iniciado na minha escola, faço a seleção para a coordenação pedagógica, sendo aprovada, foi preciso abrir mão da outra rede de ensino, eu estava disposta a viver este novo desafio e meu desejo era continuar na formação com minhas colegas de trabalho, no entanto, mesmo com a indicação da direção sou designada a ir para outra unidade escolar.

O coordenador pedagógico é um novo profissional na cidade e nem sempre foi fácil a nossa recepção nas escolas, afinal o grupo já está consolidado, a direção deixa de ser a responsável pela formação, e o coordenador é um profissional que continua sendo visto como parte da Secretaria Municipal de Educação como antes era o ATP(assistente técnica pedagógica).

Para que minha atuação como coordenadora pedagógica se efetivasse, foi preciso me inclinar aos estudos, uma necessidade constante e um grande desafio, já que no dia a dia da escola foi preciso constantemente me desvencilhar das demandas burocráticas.

² Profissional lotado na Secretaria de Educação, responsável pelo acompanhamento pedagógico e administrativo das escolas, atuando com visitas periódicas, cada profissional atendia em média de 7 a 10 escolas.

Por mais que existissem formações dadas pela Secretaria de Educação, era preciso olhar para o que acontecia no dia a dia da escola que eu atuava e ir constituindo meu papel de parceria com o grupo de professores.

Nem sempre foi garantida minha permanência na mesma escola, por mais que o trabalho estivesse ocorrendo de maneira satisfatória, ora por questões pessoais, como localidade da escola, ora, por necessidade da Secretaria de Educação, ocorreram mudanças de escola. Cada vez que ocorre a troca, os processos se iniciam com novos e diferentes desafios, é a rotatividade dos grupos, é o engajamento e o estabelecimento de vínculos com o grupo entre outras questões que não permitem um trabalho consolidado.

São elementos dificultadores que permeiam o recomeçar nas novas escolas, mas não posso deixar de mencionar como estas mudanças me fizeram amadurecer na função, me engajar com diferentes pessoas, conhecer diferentes realidades e ter a certeza que o trabalho não pode ser um só, focado numa mesma direção e princípios, pois cada escola é uma, cada comunidade que a rodeia é uma, cada grupo de professores é um, que atuam em contextos e realidades totalmente diferentes.

Foi com olhar de curiosidade que me vi na necessidade de desenvolvimento profissional, de buscar por ampliar meus saberes e propiciar para o meu grupo uma parceria que trouxesse novas experiências, saberes que os auxiliassem para a mudança, que viesse potencializar a todos nós a construir uma educação realmente de qualidade.

Nessa busca, em 2019, participei do encontro de Educação Infantil da UNINOVE, alí, conheci diversos profissionais que estudam e formam uma rede de professores pesquisadores em Educação Infantil, pouco a pouco vou me engajando com estes profissionais e me encantando com o ato de ser pesquisadora.

A coordenação pedagógica passa a ser não mais um espaço para a formação em HTPC, mas me vejo com um olhar mais próximo para o cotidiano da escola e observar como neste dia a dia

as práticas são potentes, revelam concepções e são fontes inesgotáveis para a formação e autoformação de professores e do próprio coordenador.

Em 2021, um novo desafio, em meio a pandemia do COVID 2019, período em que sofri grandes perdas, me vi desolada por tantas e diferentes incertezas do período, sou desafiada a escrita de uma prática sobre a escuta das crianças. E, na memória estava uma proposta que acompanhei junto com uma professora da Educação Infantil em 2019, neste momento resgato meus registros, vejo quão importante são minha memórias guardadas e os meus escritos.

Início a escrita do meu primeiro capítulo de livro. Destaco a importância, para este momento, da professora da turma “Talita” e da minha amiga coordenadora, Fernanda.

E de mãos dadas, eu e Fernanda escrevemos sobre uma prática, cujo capítulo tem por título: “Direcionamento das ações da coordenação pedagógica e da prática educativa de uma professora a partir da escuta ativa da criança na escola da primeira infância”. Neste capítulo, dialogamos sobre a importância do coordenador como articulador dos processos formativos, com foco na formação em contexto, que ocorre no dia a dia da escola.

Com o desejo de continuar no universo da pesquisa, em 2022, ingresso no Mestrado Profissional da UNINOVE, meu desejo é olhar para o papel do coordenador pedagógico, investigar sobre a atuação deste profissional na rede de Diadema, visualizar os processos de atuação e como esta atuação colabora ou não para a formação dos professores.

Início este processo de pesquisa que iria mudar significativamente meu olhar para o papel do coordenador pedagógico e principalmente para os processos formativos no contexto escolar.

Uma pesquisa que tem o intuito de tecer olhares e reflexões, que possam contribuir com gestores e professores que desejam conhecer esta trajetória de pesquisa em que me formei, fui formada, reformada, mas também formei, na perspectiva de uma educação que busca um trabalho em colaboração.

O trabalho em colaboração que compreendi com maior precisão com minha orientadora Patricia Bioto, que me apresentou inúmeros outros autores que corroboram com seus ideais, que hoje são meus também, de uma formação não centrada em uma única pessoa, mas que ocorre por todos os sujeitos que estão no contexto educacional, que colaborativamente aprendem, ensinam e vivem o processo de formação e autoformação, onde todos são pesquisadores e participantes dos processos formativos.

E assim inicio este meu novo caminho, que percorri e convivi com muitas outras pessoas, seus caminhos e suas histórias, que proporcionaram um novo processo, não só de formação e autoformação, mas de vida, com a pesquisa intitulada “O Papel do Coordenador Pedagógico na Rede de Educação de Diadema: Uma análise sobre os reflexos na formação e prática dos professores da Educação Infantil”.

Referências

ARAÚJO, Leila Cilene Silva. **O Papel do Coordenador Pedagógico na Rede de Educação de Diadema: Uma análise sobre os reflexos na formação e prática dos professores da Educação Infantil.** Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo, 2023.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro.** São Paulo: Cortez, 2008, p. 57-74.

FREIRE, Paulo. [1993]. **Professora sim, tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'água, 1998.

MINHA TRAJETÓRIA E MOTIVOS QUE ME LEVARAM À EDUCAÇÃO

(Da parte sem arte da cidade de Embu das Artes
para à Educação e Arte em todos os lugares)

Leonardo de Melo Soares¹

Este texto explicitará dificuldades, questionamentos, momentos de análise, tomadas de decisões, vitórias e revés que passei por minha vida profissional, tal qual sempre passei e tirei como experiência de minha vida pessoal, de minha história de vida. Por que não contá-la um pouco? Através dela percebermos os porquês dos caminhos que escolhi e conseqüentemente a escolha e inquietação com o tema sobre os desafios na relação entre Gestão Escolar e Conselho Tutelar.

Narrar a minha história, ajuda a explicar as dificuldades, desafios e sucessos dos caminhos que me levaram às minhas escolhas. Vivendo minha vida inteira em Embu das ARTES, não poderia fazê-la de outra forma, senão com poesia e música:

 *"Prepare o seu coração,
Pras coisas que'u vou contar
Eu venho lá do sertão, eu
venho lá do sertão...
E posso não lhe agradar..."*
 (Jair Rodrigues).

Como não falar da minha
trajetória profissional
Sem reconhecer a luta dos
meus antepassados?
Serei breve... valorizo as
matrizes africanas
E povos originários do Brasil,
Mas falarei dos mais recentes.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo. Professor/Coordenador Pedagógico na Prefeitura Municipal da Estância Turística de Embu das Artes.

Neto de nordestinos,
Meu avô paterno, mais velho
de 17 irmãos,
veio da Bahia pra São Paulo
na década de 40...

Veio enfrentar...
Uma semana de pau de Arara
até Santos, segundo ele, para
um mundo totalmente
desconhecido.

Meu avô materno, também
negro, deficiente físico.

Na mesma década, em Recife,
Deixou a esposa e minha mãe
recém-nascida,

pegou carona em um navio
mercante e veio.

Aqui, não encontrava
emprego e estadia,

Assim, nos primeiros 7 dias,
dormiu ao relento
na Ladeira da Memória, ao
lado do Vale do
Anhangabaú...

As mulheres, sempre na luta
por igual,
mas naqueles tempos, não
tinham suas histórias
contadas...

E pouco registro eu soube.

Assim... a minha luta já havia
começado há tempos.

 "Minhas irmãs, meus
irmãos

*Se assumam como realmente
são*

*Não deixem que suas
matrizes,*

*Que suas raízes, morram por
falta de irrigação.*

*Ser nortista e nordestino,
meus conterrâneos*

Num é ser seco nem litorâneo

*É ter em nossas mãos um
destino*

*Nunca clandestino para os
desfechos metropolitanos"*

 (Rapadura, part. Em "O
Rappa – Norte Nordeste).

Na década de 70... Meus pais,
do Jabaquara para Embu das
Artes...

Distância, mato, ruas de terra,
bairro em formação,

Mas o sonho da casa própria
e de um lugar para formar
uma família.

 "Nascido no subúrbio nos
melhores dias...

*Com votos da família de vida
feliz"  (João Nogueira).*

Luta após luta, muito comum
entre nós,

criança, já me vi dentro de
uma escola.

Minha mãe, servente na época, já exemplo,
Mesmo com o bico do meu pai, estudava aos domingos para concluir o 1o grau e ensino médio...

Nos intervalos entre uma vassourada e passada de pano,

Lia o que tinha na biblioteca e o diário oficial, que era impresso naquela época.

Acreditem, ela lia o diário oficial sem ninguém mandar, Pelo gosto de ler e se informar.

Foi fazendo provas e concursos, curso de datilografia e se tornou oficial de escola...

Eu, com 10 anos, sempre a acompanhando,

Modéstia à parte, inteligente, era daqueles que entendia, terminava rápido e atazanava os outros...

Uma professora falou:

"Dona Nita, já que você não tem dinheiro pra investir em uma escola particular, coloque-o em uma pública que o exija mais... o garoto tem futuro."

Mas minha mãe me aguentava no serviço e em casa,

O "trabalho" era dobrado, mãe e educadora em turno e contra turno.

Então, decidiu dividir essa tarefa com meu pai,

me matriculou no "Linneu Prestes",

no bairro de Santo Amaro, na rua do mercado municipal,

Onde meu pai trabalhou como açougueiro por mais de 40 anos...

Qualquer pisada de bola, a diretora passava a mão no telefone, e dizia:

"Seu Luiz, desce aqui, o Leonardo..."

Marginalizado em escola pública,

Pelo motivo de, assim como a maioria, não ser do bairro, Estudando de primeira com uma "prô opressora",

Dona Ana Lúcia, Esposa de um milico de patente alta, recém encostado com as consequências do fim da ditadura e movimento de "diretas já".

Ela assediava moralmente,

Ameaçava alunos,
Impunha castigos sem nexo.
Era a pedagogia da dor.
Me serviu para hoje eu não
fazer nada do que ela fazia.
Eu, sempre argumentando e
sendo punido,
Sem saber, já fazia meu
namoro com a justiça social,
Equidade e solidariedade.
Sobrevivi...
tempos depois, em uma
"excursão" ao Liceu de Artes
e ofícios,
Em um dia repleto de
gincanas e dinâmicas,
Uma coordenadora
pedagógica,
Ahhh
Um anjo chamado de ternura,
dona Deyse,
viu meu desembaraço,
minhas atitudes com a turma
e,
olhando nos meus olhos,
séria falou:
"Leonardo, sempre vi você na
direção e pela escola,
Sendo chamado a atenção
e não tinha notado que você é
uma liderança!
Tenho certeza. O tempo vai te
mostrar isso!"

Em casa, com tantos
exemplos,
com dinheiro contado para
tudo,
Ainda criança, já queria
ajudar e ter minha
autonomia,
Queria trabalhar no
caminhão do "tio da cândida"
(Chamavam-no de "tio", pois
ele parecia com meu pai)
E chorava, batia o pé, porque
meus pais não deixavam,
dizendo que ainda não era a
hora..
Chorava porque queria
trabalhar.

Um dia, aos quatorze, minha
mãe deu uma fugida do
serviço
E veio dar um recado:
"Corre menino, se arruma, vai
de ônibus até Pinheiros, de lá,
pegue o ônibus elétrico, logo.
São José de Belém,
desça na esquina da rua
Augusta com a Alameda
Santos,
que o Edenilson, filho da
Terezinha, minha comadre,
Está contratando para
pacoteiro no Sé
supermercados..."
(Lembram deste mercado?)

Fui, animado e motivado,
malandreado por já andar
sozinho de ônibus desde os
10,
mas, com a cara no vidro do
ônibus,
curioso e boquiaberto com
novos cenários, pessoas e
caminhos...
Passei do ponto, mas me
achei

 "Êêê... *vida de gado*
Povo marcado hei
Povo feliz.."  (Zé
Ramalho).

Paralelo a isso, ela me
matriculou no "colegial
técnico" de processamento de
dados...
"É o curso que o filho da
Tereza fez!!! Deu certo....
Você paga metade com seu
salário e seu pai completa"
Mas espera aí. Sem
computador, Internet
(eram luxos na época,
na periferia ninguém tinha e
quem tinha, escondia),
Conseqüentemente, sem
interesse e habilidades para
tal curso, vocês acham que eu

me sairia bem?

Eu tinha vontade de fazer
desportos,
continuar investindo no
futebol,
E caso não desse certo,
continuar trabalhando com
esportes. Não fui ouvido.
Em um ano,
percebi que não viraria.
Bati o pé,
Então redirecionei para o que
estava trabalhando,
Mudei para o técnico em
administração de empresas e
conciliei com o que fazia no
serviço.

No trabalho, em pouco
tempo, com habilidade em
leitura,
Interpretação, propor
soluções, passei para o caixa
e rapidamente ao escritório...
Enquanto isso, flutuante,
entre as descobertas
amorosas,
e as idas às livrarias com
iniciantes repertórios
culturais que a região da
Avenida Paulista
proporcionava na época,

pois tinha 2 horas de almoço para aproveitar sem celular e whatsapp...

Aos 18, já liderava a organização de muitas coisas na loja, sendo também responsável por abrir o sistema ou fechá-lo.

Estava feliz, mas não completo.

Ainda não era o que queria... Ainda tentei o futebol, treinei no clube "Pequeninos do Jockey",

mas inseguro e pouco orientado a respeito, não tive coragem de largar o trabalho e tentar mais um pouco.

Não tinha vivido experiências que me estimulassem a ousar e a não ter remorso se algo desse errado.

Se fosse hoje, o faria, daí aprendi que em diante, me arrependeria somente do que não fiz, do que não tentei, ou seja, NADA...

Enquanto isso, no bairro onde morava,

Jd. Sto. Eduardo, Embu das Artes,

Região do Capão Redondo e Valo Velho,

Vi o crime, as drogas de perto,

a vida "fácil" de perto...

Vi amigos caírem no vício e na bandidagem.

Vi vários morrerem ou serem presos.

Presenciei o assassinato de um. Ronaldo.

Sempre os respeitei, mas argumentava contra.

Ao final, já tinha medo de tudo isso,

E com tanto final triste,

Tive a certeza que não deixaria nada disso fazer parte de minha vida.

Voltando ao assunto escolar, Empolgado e seduzido por

uma professora do 3º ano,

Ingressei na faculdade de Psicologia.

Meu pai incentiva qualquer estudo:

"Enquanto você estudar, se preocupe somente com você.

Pague seus estudos, diversão e vestimentas.

Dentro de casa eu seguro".

Ao mesmo tempo, minha irmã, que fizera o CEFAM e já dava aulas, me disse:

"Leonardo, o estado está contratando professores universitários de qualquer área para

darem aula, você faz uma prova e corre a classificação".

Fiz a prova e me classifiquei bem.

Salário sedutor para um jovem inexperiente, vulgo cabaço,

que com a rescisão do Supermercado, comprou uma moto...

Pensei: "pago a faculdade, me banco, ainda me sobra...".

Em 1998, faculdade era para poucos e a R\$ 800 mensais, mais poucos ainda...

Doidão... ingressei.

Na boa, 18 anos, moto, aventuras,

uma sala com 4 homens e 60 mulheres,

mensalidade de 6 salários mínimos,

e depois mergulhando em um relacionamento apaixonado,

mas pouco construtivo,

vocês acham mesmo que ia dar certo?

Mesmo amando ler, estudar e estagiar em hospital psiquiátrico,

Não deu...

fui perdendo as aulas que dava,

pois todo ano mudava o sistema de atribuições.

Fui deixando de pagar,

perdendo o interesse,

perdendo a paixão

tranquei a matrícula e o relacionamento.

Pelo menos o tempo lecionando me serviu para me apresentar a língua portuguesa...

Comprometido, estudava mais para ensinar na escola pública

do que no curso de Psicologia.

Um dia, voltando à faculdade, já sabia onde ir.

Com dívidas, um pouco antes, dava aulas

e fazia entregas com a moto por toda região metropolitana.

 "O motoboy é da hora faz o corre

Entrega tudo na maior agilidade

Ele não deixa furo

Ele não dá mole

Ele cruza a cidade..." 🎵 (Seu Jorge).

Mais um pouco, à frente, vendi a moto.

Sem estudar, tive que largar as aulas e recomeçar.

Trabalhar como auxiliar administrativo, sem registro em uma importadora.

Uma empresa de argentinos e israelitas que pisavam, maltratavam, abusavam e subestimavam a inteligência dos brasileiros.

Meu pai, no primeiro mês, jogou a conta de água e luz no meu colo.

Me lembrando do "Combinado" que ele fez comigo, que falei há pouco, me cobrou, lembram!?

"Enquanto estudar, não ajuda em casa!"

E disse mais: "tenho o dinheiro, mas se você não pagar, deixo cortar a luz!"

Revoltado, esbravejei, gastei o que não tinha, mas paguei...

Mais tarde, mais maduro,

entendi que ele estava formando um homem para as responsabilidades.

De volta a importadora, questionador.

Vi que tinha que mexer os pauzinhos e buscar um novo emprego, pois daquele mato não

sairia coelho...

Mas com muita vontade e nome sujo, não conseguia nada legal e promissor.

Embarquei onde dava, entrei na onda do telemarketing,

Afinal, 🎵 *"nós enverga, mas não quebra, amanhã vai melhorar"...* 🎵 (Zeca

Pagodinho).

Vendendo cartão de crédito, mas educado, curioso e com criticidade,

passei a trabalhar como terceirizado na Nextel telecomunicações.

Em 6 meses, ganhando R\$ 416 na carteira, entrei na faculdade de Letras (português e espanhol), pagando R\$ 420.

Aí, aí, aí... menino louco.
Como fiz?

Vendia os passes,
economizava, andando um
trecho a pé.

Vendia o ticket e levava
marmita.

E ainda aceitava tudo que é
bico que aparecia
(atendimento no 0800 do
Habib's ou telefônica) aos fins
de semana... esse era o
dinheiro
do rolê.

Comprometido com estudo,
determinei:

Não namoro enquanto não
me formar!!!

Já tinha a convicção de querer
casar depois dos 30.

Me conhecia, e aos 22 anos, já
tendo uma experiência da
situação,

não podia me dedicar a outra
coisa, pois largaria as duas.

Durante os 4 anos não pegava
ninguém pela mão e não as
levava pra casa para
apresentar

aos pais, mas não estava
sozinho (risos).

Na Nextel: eu sac, suporte a
vendedores, atendimento vip
(grandes contas), auditoria.

Dizem que agindo certo,
Deus ajuda.

O salário foi melhorando.

A faculdade e aprendizado
fluindo.

As experiências
efervescendo.

Multinacional, benefícios e
incentivos magníficos.

Ora, ora, quem diria... o
mundo dá voltas.

Sempre crescendo, me
efetivaram e voltei a região da
Paulista.

Chefia, supervisão de
telemarketing e marketing...

A área mais criativa e a que
trazia dinheiro em novos
negócios para a empresa.

Me deram uma bolsa de 50%
e tive que fazer MBA em
gestão empresarial na FGV.

Que show!

Mas com espanhol fluente,
uma palavra inglesa me
derrubou:

"Compliance"

Um dos meus atendentes
estava fraudando,
foi descoberto e, em
multinacionais, quando isso
acontece,
por "compliance",

despedem toda a equipe por não saber quem mais está envolvido e pode estar prejudicando o sistema.

Que raiva, organizamos para lixar o Antônio.

Dar-lhe uma sova, um pau... filho da mãe.

Quebrar a cara dele como ele havia quebrado nossas dignidades e sonhos.

Afinal, nunca tinha sido mandado embora de lugar nenhum e fui quando estava na melhor empresa!?

Do bem, católico, o coração gritou e incentivei o grupo à desistência:

"Mais tem Deus pra dar que o diabo pra tirar" falei.

Ele vai pagar de outra forma... a vida cobrará.

E Deus sabe o que faz.

Ao mesmo tempo, meu pai descobriu um câncer na próstata.

As dedadas que tomava por prevenção e que eu tirava o sarro

e o tempo que agora eu tinha, "graças ao Antônio",

para poder acompanhá-lo e brigar por consultas e exames urgentes.

Adiantara a cirurgia e ajudará a lhe salvar.

Em 3 meses, voltei ao mercado de trabalho,

Analista de RH na Get Net,

Viajei o Brasil, treinando vendedores, implementando

a parceria com o Santander na captura de transações eletrônicas,

conhecendo e vivenciando culturas, por 2 anos aproveitei.

Rio Grande do Sul, São Paulo e suas regiões (olha, tem um mundo neste estado),

Rio de Janeiro, Minas, Brasília, Bahia, Recife, Ceará, Maranhão, Pará, Amazonas, Acre... e

por aí foi...

Usufri, trabalhei, aprendi e curti muito antes dos 30.

Mas não estava completo...

Agora, já noivo, distante.

O dinheiro e as viagens não eram suficientes e não eram tudo.

Trabalhava de gerente, com salário de analista!!!

Prestes a casar, pedi as contas e voltei a lecionar no estado como categoria "Ó"...

Me falavam: "prestes a casar? Você é louco, vai ganhar a metade do que ganha!?"

Respondia que também trabalharia a metade, estaria mais presente, feliz, fazendo o que gosto.

 *"Dizem que sou louco ...*

Mas louco é quem me diz, que não é feliz.. .

Não é feliz..."  (Ney Matogrosso).

Mas Deus não desampara ninguém.

Em pouco tempo, um concurso de Embu das Artes, Que prestara por curiosidade assim que saí da faculdade, Me chamou!

Fui correndo, acumulei cargo e já ganhava próximo do que ganhava antes.

Assim, dava aulas de espanhol para a Educação Infantil e Fund. I

E, Língua Portuguesa e Literatura para o Fund. II e Ensino Médio.

Atuando em todos os ciclos.

Ah... em pouco tempo, também fui efetivado por concurso no Estado.

As vivências diárias,

Os embates políticos,

As particularidades da minha vida,

que, sério, pouco falei aqui, me voltaram os olhos à gestão que trabalhei.

Notei que havia muita insatisfação,

mas pouca gente para gerir e tentar fazer para além dos alunos,

para o professorado, para nossa categoria.

Com filho novo, pagando tudo, me organizei,

 *"elaborei mais um vez meu plano santo e sem ser crucificado a plantação fui começar"*  (Legião Urbana).

Fiz a pedagogia, a duras penas,

Atrasando mensalidades, negociando,

organizando caronas, trabalhos em grupo, estágios

Ufa.. mas conclui.

Tão logo, Embu das Artes
chovia de necessidade de
gestores.

Não há concursos públicos
para gestores há anos,
assim, por estratégia ou
consequência,
sempre amarrando os
interessados politicamente a
alguém.

Eu!? Estudar e ficar com o
rabo preso!? Não senhor...

Fiz um projeto pedagógico e
o encaminhei à Secretaria de
Educação.

Explicitiei meu interesse em
ser gestor,
mas não pedi para nenhum
vereador entregar este
projeto para mim, como era
de costume na rede.

Os “amarrados”, por sua vez,
queriam uma escola sem
complexidade,
sem muitas salas, sem muitos
professores,
com pouca galera cobrando...
Assim, em vésperas de um
ano novo, quando já tinham
ajeitado a vida dos
apadrinhados,
me ligaram:

“Queremos você no nosso
time! Venha, mas vamos
conversar...”

Demorou mais um mês e
próximo do retorno às aulas,
deixaram claro que sabiam
que eu
não era governo,
mas que na função, não
poderia ser antigoverno...
me ofertaram a coordenação
da maior escola da rede,
que estava sob intervenção,
com sérios problemas de
vandalismo,
indisciplina, furtos, tráfico de
drogas,
sem gestão de pessoas e um
grupo relutante e
desmotivado com os últimos
percalços e chefias anteriores.

Confiaram no meu potencial!

Viva!!!!

Não!!!

Fui para onde ninguém quis
ir.

Mas o tempo já tinha me
ensinado que onde há
trabalho, há oportunidade,
Há aprendizagem.

E, conseqüentemente, a quem
se dedica,

O sucesso!

Lugar melhor não teria.

As coisas fluíram, com muito
trabalho e união
A escola foi melhorando.
Incorporando projetos.
Ganhando identidade.
Participando toda
comunidade.

No ano seguinte, virei vice-
diretor.
E, no outro ano, fui
convidado a ser diretor em
outra escola
que estava por intervenção da
Secretaria da Educação,
Por motivos desafiadores,
mas diferentes da anterior.
O acaso do destino, quis que
fosse a escola mais antiga do
bairro onde nasci.
Onde meus amigos
estudaram.
Onde ensaiei na bateria de
escola de samba do bairro.
Onde joguei bola na
quadra...
A via da janela do quarto de
minha mãe.
Quem me indicou, surpreso,
não sabia que eu era da
comunidade.

Alguns amigos, àqueles que
me recusei à vida bandida,

Agora confiavam seus filhos
a mim.
Ainda bem que não fui com
eles...
Agora, que moral teria?
Eles mesmos não me
aceitariam como educador.
Estaria aqui?

Olha ... Mas não acabou...
Ainda não contente em ser
Professor em função de
diretor...
Sabia que qualquer hora
colocariam a faca em meu
pescoço.
Tentaram algumas vezes,
mas sem chance...
Me mantive por segurar o
rojão onde ninguém queria
estar...
Certa vez, monitorando
editais... Concursos...
Vi um para diretor em São
Bernardo do Campo...
Rodoanel, Moto, Pouco
longe, um pouco perto...
Estabilidade sem
designação...
Fui fazer a prova no dia do
aniversário do meu filho, Em
2018.
Comprei uma briga danada...
Mas com apoio da esposa.

Ela disse: "já que vai chegar atrasado para o almoço e organização da festa, vê se passa!"...

Tive que passar... brinco que muito mais para não ouvir cobrança dela depois, do que por mérito... (risos).

Mas ao terminar a prova, tinha a certeza que havia passado.

Caiu tudo que eu estava vivendo e aprendendo.

O restante, é o que está por vir...

É o que está sendo, o que fiz ser.

Conheci a Marta, minha coordenadora,

Já iniciada engajada na educação,

já no programa de Mestrado Profissional da Uninove.

Me indicou, me deu coordenadas,

Fiz projeto, pensei, escrevi, Arguição oral, espera...

Como tudo, com muita fé, determinação.

Deu certo, entrei.

Sempre deu certo, para mim e para todos,

senão não vale!!!

Dá certo só para uma das partes não é dar certo.

Sem desistir... buscando melhorar e buscando soluções.

E daí pergunto:

Vocês acham que acabou? ...

... ..

Eu tenho certeza que não!!!!

Agora, mestrando em Educação.

 *"Subindo, descendo o morro cadente*

portando-se o máximo, o mais atraente

lá vai o malandro, o dono do mundo!"

....

"Ô vida difícil, ó vida cansada,

mas mudar de vida que nada que nada!"

....  (Zito Righi).

Em suma, em todos os momentos trabalhei junto à comunidade. Vivendo, interagindo, criando, transformando, sendo desafiado e, também, ajudada por ela. Porque não querer melhorá-la, ajudar na sua evolução frente aos desafios diários? Venci muita coisa e posso ajudar a melhorar seus resultados, seu andamento.

Na Gestão Escolar, descobri algo além de um amor à profissão, comecei a ver e a sentir os resultados benéficos do meu trabalho na vida do outro. Seja prestando uma orientação à uma estudante, uma família, um funcionário, um docente. Seja ao organizar e conduzir diretrizes democráticas que não só atinjam os Indicadores da Qualidade na Educação, mas que deem perspectivas de dias melhores à toda comunidade escolar ou com empatia, entender o outro, estudar e propor soluções diante do cotidiano, da realidade. Assim, não ganho sozinho, ganho em conjunto, ganho onde todos, inclusive eu, evoluem.

Meu estímulo com o tema desta pesquisa, intitulada “Os Desafios na Relação Entre Gestão Escolar e Conselho Tutelar”, já é inerente às minhas ações como ser humano, com pai, amigo, marido, filho, esportista de fim de semana, cidadão, mas que em um dos seus inúmeros motivos de ponto de melhoria, vejo pouco praticada e até negligenciada por gestores que não interpretam legalidade para ênfase em sua rotina, empurrando às responsabilidades sem acompanhá-las, sem ter a ciência de que toda e qualquer melhoria reflete na educação, aprendizado e desenvolvimento do estudante, ou até gestores que não se sentem estimulados a ser motivador deste processo, seja por políticas públicas, formação acadêmica, formação pessoal e social. Enfim, não é fácil provar que esta preocupação e acompanhamento social vai além das exigências legais, mas que potencializa as oportunidades e resultados de todo processo educacional e da qualidade de vidas das pessoas envolvidas.

Assim, cheio de vontade, aberto à todas as possibilidades científicas de estudo que esta pesquisa proporcionou, com o coração agradecido de que ela resultou em um trabalho com percepções agregadoras e organizadas ao bem comum.

Referências

SOARES, Leonardo de Melo. **Os Desafios na Relação entre Gestão Escolar e Conselho Tutelar**. Dissertação. (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo, 2023.

A AVALIAÇÃO ESCOLAR: HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Luciane Beck Sola¹

Sou fruto de uma história cheia de significados e como sujeito, me construo, diariamente, no cotidiano. Pensar essa apresentação que é parte da minha dissertação de mestrado intitulada “A Prova São Paulo no cotidiano de uma escola”, me proporcionou oportunidades de olhar e analisar as minhas vivências e experiências em relação à avaliação escolar em minha trajetória acadêmica e profissional. Sou filha da escola pública e de uma família em que os estudos tiveram um papel central. Meu pai concluiu o Ensino Fundamental I e minha mãe, o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos (EJA), não frequentaram o ensino superior, entretanto, sempre tiveram uma postura rígida quanto à importância da escola na educação de seus filhos.

Somos em três filhos, com a diferença de três anos entre cada, sou a do meio. A nós sempre foi dada a oportunidade de estudar no turno diurno e não precisamos conciliar trabalho e estudo. Comecei a trabalhar quando ingressei no curso pré-vestibular por opção, mas a aprovação na faculdade era uma obrigação.

Voltando um pouco no tempo, frequentei o Ensino Fundamental na Escola Estadual Paulo Cavalcante de Albuquerque, pertencente à rede pública de São Paulo. A minha chegada à instituição, aos sete anos de idade, retratou diversas dificuldades na ruptura entre o sistema familiar e escolar. Aquele novo ambiente me intimidava e me assustava com seu imenso pátio, corredores largos, salas amplas com cadeiras de madeiras

¹ Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira.

envelhecidas que faziam meus pés balançarem sem tocar o chão. Seu aspecto acinzentado era quebrado, apenas, por uma pequena área verde gramada, em um espaço isolado no terreno e pela doçura de minha professora.

Fui acolhida na 1ª série do Ensino Fundamental I pela Dona Lazara. Ela tinha cerca de 30 anos de idade, cabelos curtos, estatura mediana e uma voz tranquila. Falava baixo e sempre com atitudes muito delicadas. Não tenho nenhuma lembrança de minha professora brava ou nervosa. Lembro-me do seu caminhar entre as cadeiras da sala de aula e de seu empenho em nos guiar pelo mundo do conhecimento e da alfabetização. Uma professora com esse perfil, no início do meu processo de escolarização, foi essencial, uma vez que me conduziu, de modo amoroso, tentando minimizar minhas dificuldades de socialização.

Fui uma criança introvertida, com dificuldades de relacionamentos, tímida participação nos eventos escolares e com uma autocobrança de bom rendimento, que era intensificada pelo discurso familiar quanto à importância e relevância da escola, sobre como era bom e necessário gostar de ler e de estudar. No entendimento de meus pais, o fato de aprender e ir bem nos estudos (“tirar” boas notas), estava relacionado com a possibilidade de “ser alguém na vida”, de ter um “futuro” (leia-se ter um emprego).

Nesse período, entre o final dos anos de 1980 e 1990, a avaliação, em minha vida acadêmica, sempre veio acompanhada de um grande peso, ou seja, o de ser avaliada, analisada e julgada. A força do julgamento e de um possível fracasso eram centrais nas experiências da aluna e a avaliação a que era exposta e cobrada não era entendida como parte de um processo que resulta com e da aprendizagem, mas como uma forma de premiação ou punição, após aquisição de determinados conhecimentos para conclusão de um ciclo, assim, me eram exigidos por meus pais e professores, resultados e boas notas, com base nos discursos que exaltavam que o mérito era alcançado por vontade, dedicação e esforço pessoal. Hoje, percebo que não havia igualdades de

condições entre meus colegas de escola, uma vez que os contextos, diferenças pessoais e sociais eram desconsideradas nas práticas pedagógicas e remodeladas em desempenhos o que suscita a discussão “se a escola teve equidade ou não, se conseguiu ou não corrigir as “distorções” de origem, e se este debate altera o foco da questão da própria desigualdade social, base da construção da desigualdade de resultados”. (FREITAS, 2012, p. 383)

O ideal da produtividade era tão impregnado no imaginário de minha família, que não posso deixar de recordar as intermináveis tardes de finais de semana em que as “lições de casa” eram ampliadas por minha mãe com infinitas atividades e uma alta cobrança de bons rendimentos em provas e avaliações.

Recordo-me que vivíamos no Brasil, na década de 1990, um cenário muito delicado, com inflação crônica, altos índices de desemprego, uma severa estagnação econômica e, atualmente, consigo perceber e interpretar às amplas reformas e transformações educacionais em que as políticas neoliberais influenciavam de modo decisivo os rumos e ideologias das instituições.

Essa grande tensão proporcionada por essa instabilidade política e social se fez presente em minha casa pelo desemprego que afetou meu pai e, conseqüentemente, toda a estrutura de minha família, intensificando as cobranças quanto ao meu bom rendimento escolar e o fortalecimento de falas como “não fez nada mais que sua obrigação”, que me responsabilizavam por qualquer problema escolar ou fracasso, uma vez que em sua visão me eram oferecidos meios e me bastava um pouco de esforço.

Entendo o desespero de minha mãe, diante desse momento de insegurança familiar e sua não compreensão que as políticas públicas em educação eram ditadas “pelos organismos financeiros e econômicos internacionais que naquele momento eram produtores de um discurso de poder com um novo olhar social e político” (LAVAL, 2019, p.16), e que se baseiam em “transformações técnicas e organizacionais, ditadas pelas canetas de especialistas e de autoridades administrativas que derivam,

historicamente, dos programas políticos neoliberais que se espalham pelo mundo inteiro e formam uma doutrina mundial” (Idem, 2019, p. 123).

Minha mãe não percebia que seu discurso baseado na instabilidade financeira, reforçava os princípios presentes nas políticas públicas governamentais do período, para formação de mão de obra técnica, atendimento do mercado e da economia, logo, se eu não “tirasse boas notas”, poderia ter um futuro fadado ao fracasso e não adentraria ao mercado de trabalho.

Nesse período, estive inserida em um sistema educacional competitivo (minhas notas não poderiam ser menores do que as dos meus colegas), me era cobrado um alto desempenho (sem oferta de condições), e era responsabilizada por qualquer ação que pudesse ser entendida como fracasso, pois de acordo com falas de minha mãe “eu somente estudava”, ou seja, em parte do meu trajeto educacional, a aprendizagem foi vista como um resultado e não processo, os professores eram transformados em técnicos pedagógicos, cujo objetivo era melhorar o desempenho dos alunos nas diferentes avaliações a que estavam submetidos (LAVAL, 2019, p. 52), as notas/conceitos tirados por mim (minha responsabilização), eram “medidas para mensuração de qualidade do trabalho escolar”. (Idem, 2019, p.35)

Ao analisar esse panorama social e histórico, as minhas experiências com a avaliação escolar no Ensino Fundamental tiveram como características a produção, competição, individualismo e exclusão. Os resultados eram mais importantes. Era necessário mensurar a quantidade de tudo que eu e meus colegas havíamos aprendido e, se porventura, o resultado não fosse o planejado, a exclusão era a maior possibilidade, uma vez que se não atendêssemos a tudo que esperavam de nós, éramos responsabilizados. Foi esse cenário que fez com que muitos dos meus colegas de sala de aula fracassassem e fossem marginalizados com a justificativa de não possuir aptidão e talento para os estudos, restando-lhe a marca da exclusão e do abandono escolar.

Lembro-me de horas de dedicação para estudos e preparações mecanizadas para avaliações por meio de leituras repetidas e incansáveis, sem reflexão ou poucos questionamentos, que aceitam como respostas “para a sua necessidade, acesso à universidade ou conseguir um emprego”. Minhas memórias me levam a um sentimento de cansaço e desgaste, com o pouco espaço que havia para o conhecimento prazeroso.

Foi uma fase marcada por variados acontecimentos e situações. Recordo apenas alguns deles, uma vez que a memória opera com seleções e esquecimentos. Atualmente, tendo melhores condições de análise do vivido, percebo que tive um ensino tradicional. Era uma época em que a professora ensinava e nós aprendíamos, na qual as provas e testes iniciavam desde muito cedo e antecediam qualquer prática de reflexão, almejando, principalmente, a mensuração e quantificação de conhecimentos.

A escola possuía uma organização tradicional em que as salas eram compostas por mesas enfileiradas e as aulas, na maioria das vezes, eram expositivas. Reconheço que me era oferecido um ensino com problemas estruturais, como falta de professores sem às devidas substituições, dispensas antecipadas, atividades de repetição para fixação e memorização de conteúdos e sem desenvolvimento da capacidade de reflexão, entre outros, e um sistema avaliativo taxativo e classificatório que, muitas vezes, me despertou sensações de exaustão, fracasso e não pertencimento, intensificando um ciclo de autocobranças, resultados e culpabilização.

Com o rumo acadêmico e profissional que escolhi para vivenciar, sei que essa definição de avaliação, distanciada de uma ação metodológica humanizada, que inclui olhares, percepções, acolhimento e perfis individuais, fez com que muitos dos meus colegas de sala de aula fracassassem e fossem marginalizados com a justificativa de não possuir aptidão e talento para os estudos, restando-lhe a marca da exclusão, do abandono escolar e da responsabilização.

Hoje, tenho consciência de que essas ações reforçavam os conceitos de eficiência, tendo em vista à educação estar para o mundo do trabalho, como consequência da globalização, nova estruturação da sociedade e meios de produção, conforme a lógica presente nas políticas da década de 1990, que direcionavam uma subordinação da prática pedagógica ao mercado e às diretrizes e orientações curriculares e avaliativas, para o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitassem que os sujeitos ofertassem mão de obra especializada e se tornassem empregáveis.

Posto isto, é de fácil compreensão as concepções que propagavam o imaginário de minha família, durante a minha infância, em que estudar era fator primordial para que fôssemos “alguém na vida” e “tivéssemos um emprego”.

O Ensino Médio foi uma etapa de mudanças, uma vez que deixava a escola que cursei o Ensino Fundamental e me direcionava às novas experiências. Fui matriculada na Escola Estadual de Segundo Grau José Marquês da Cruz, que também pertencia à rede pública estadual da cidade de São Paulo e, nesse espaço, ainda que timidamente e, fortemente, acompanhada de uma prática avaliativa que me preparava ao mercado de trabalho, pude me entender como um sujeito capaz de ações e transformações na sociedade pelos movimentos estudantis e luta de professores por melhoria das condições de trabalho.

Como apontado, a continuidade dos estudos era necessidade primordial em minha família, logo, o final do Ensino Médio esteve acompanhado de variadas exigências para o preparo e ingresso no Ensino Superior. Assim, com a conclusão da Educação Básica e com a não aprovação na universidade, me matriculei no curso pré-vestibular e vivenciei uma avaliação contínua, com revisões de conteúdos programáticos, cobranças de aprovação na universidade e, mais uma vez, experimentei um imensa culpa, não tendo consciência de que estava inserida em um sistema educacional que não me oferecia meios e me pedia condutas exitosas.

Após a grande avaliação do vestibular, ingressei no curso de Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo - USP, acompanhada de experiências avaliativas que exaltavam sentimentos de inadequação e incapacidade diante das possibilidades que me eram apresentadas. Foi pela educação superior pública que uma nova realidade acadêmica me foi apresentada, vivenciei cinco anos de muitas aprendizagens essenciais ao meu desenvolvimento profissional e pessoal e tive em meu caminho grandes professores e seus vastos conhecimentos pelas análises literárias, semânticas e culturais de nossa língua. Optei por aprofundar meus estudos em língua espanhola e sua literatura, acessando as profundidades de suas obras.

O processo avaliativo não era associado à mensuração e quantificação de conteúdos, mas no aprofundamento de temas e/ou assuntos que haviam despertado o nosso interesse no decorrer da disciplina e além de um amplo conhecimento literário e linguístico, essa fase me preparou para o desenvolvimento de uma consciência crítica, em que me reconheci como sujeito histórico e agente social, por uma educação em que havia possibilidades de pensar e questionar os paradigmas vigentes.

Da universidade, ingressei no mundo do trabalho. Antes de chegar à educação pública, trabalhei em conhecidas escolas da rede particular da cidade de São Paulo, em que o ensino oferecido era tradicional, com uma avaliação classificatória e de mensuração de conhecimentos que visava à preparação do aluno para o ensino superior, com valorização e publicidade da quantidade de aprovados em grandes e conceituadas universidades, por práticas pedagógicas exaustivas, que se baseavam em índices, níveis de aprovação, proficiências, responsabilizações por rendimentos abaixo do esperado pelas famílias e membros das equipes gestoras das áreas de conhecimento.

Embora, as condições estruturais de trabalho dessas escolas fossem boas, com acesso à materiais e modernas tecnologias,

resolvi mudar o meu caminho profissional e fui ministrar aulas do componente curricular de Língua Portuguesa em uma escola da rede estadual de São Paulo.

No meu fazer profissional, a rede pública era um grande desafio e muito antagônica a realidade até o momento experimentada, sendo necessária uma reformulação da minha prática pedagógica em que meus conceitos de educação precisavam ir além de uma relação mercadológica ou de acesso ao nível superior, deveriam ser transformadores e emancipadores, em que o aprender nascesse da relação e do diálogo com o outro.

Precisei me debruçar em um importante e constante aprendizado, que necessitava, continuamente, de um olhar atencioso para a ressignificação das minhas práticas, pela identificação e transformação dos conceitos que permeavam a minha formação, uma vez que, não dialogavam com os princípios de uma educação inclusiva e de transformação social e, ainda hoje, me questiono o quanto eu trago em minhas práticas, o vivido e experimentado na década de 1990, uma vez que, enquanto estudante, nada conhecia de metodologias de ensino e sistemas de avaliação, mas, as vivências que se firmaram em minha formação, no decorrer da minha vida acadêmica não deixam de refletir na pessoa e no profissional que sou, ou que está em constante construção. No entanto, das minhas experiências como aluna, com as avaliações, posso afirmar que um sistema taxativo e classificatório deixa marcas naqueles que sofrem seus rótulos e suas deserções.

Como professora, pelos momentos de auto-observação e reflexão do meu trabalho, me indaguei, por diversas vezes, as funções das avaliações em minhas concepções e para o grupo em que, coletivamente, desenvolvia meu trabalho e compreendi que a avaliação, em consonância com Luckesi (2011, p.19), era um “ato de atribuir qualidade, tendo por base uma quantidade, o que implica ser a avaliação constitutivamente qualitativa”, não valorando conceitos classificatórios e excludentes que povoaram o meu imaginário estudantil e pude, de acordo com Gatti (2003, p.111),

entender que “o exercício da docência, com propósitos claros e consensuais, alimenta uma avaliação mais consistente e integrado na direção de uma perspectiva formativa”, ou seja, a avaliação, apesar de mensurar, não deve ser reduzida a um número/conceito final.

Em um novo contexto profissional, no ano de 2011, me efetivei na Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de São Paulo – RME/SP, por meio de concurso público de ingresso para o cargo de Professora de Ensino Fundamental e Médio do componente curricular de Língua Portuguesa e para aprimoramento, no ano de 2013, retornei aos bancos da universidade, para cursar a faculdade de Pedagogia e, em 2016, por desejo pessoal, Direito.

Acessei o cargo de diretora da Escola Azul, no ano de 2017, local que desenvolvia minha função como professora. Esperava que essa transição do cargo de professora para o de gestora fosse um processo mais tranquilo do que o cotidiano escolar me ofereceu, afinal, continuaria na mesma escola em que desenvolvia as minhas funções, como professora de Língua Portuguesa. As vantagens de iniciar meu trajeto na gestão escolar naquele lugar eram diversas, afinal, os professores eram meus colegas de sala de aula, conhecia os alunos, a comunidade escolar e o projeto pedagógico.

Minha grande preocupação, antes de ter a vivência e experiência como gestora da Escola Azul, era como lidar com as questões burocráticas do cargo, uma vez que, encerrava o ano letivo de 2016, como professora em módulo/substituição de outro regente em afastamento médico e, após quinze dias de recesso, um novo caminho profissional se formava em minha frente com uma nova rotina e exigências.

Quando me recordo do meu início no cargo, percebo que essa preocupação era um misto de inexperiência e ingenuidade, pois os maiores desafios foram com as relações humanas. Me eram exigidos novos saberes, mas naquele contexto, não eram mais importantes que conhecer o espaço por um novo olhar e em sua perspectiva social e política, com vistas ao desenvolvimento integral do aluno e suas potencialidades.

Estava envolta a situações cotidianas que me exigiam conhecer novamente àquele território, como por exemplo, uma forte cultura da punição, presente na fala de muitos professores, que gerava a exclusão do aluno, quando não se adequava ao que era esperado, situações de violência e extrema vulnerabilidade com crianças, pouca ou nula participação da comunidade escolar e um projeto pedagógico com dificuldades de consolidação, uma vez que retratava tensões, em suas ações, entre um ensino classificatório e excludente, que reforçava um habitual estado de justificação dos fazeres por responsabilizações externas, em contraste a uma perspectiva social, com valorização da formação do aluno no centro do processo pedagógico que considerasse as suas potencialidades.

Nessa fase profissional, como diretora de escola, com o acompanhamento das atividades pedagógicas, a avaliação escolar me causou diversas inquietações, uma vez que, sempre, que era abordada, principalmente, em sua perspectiva externa, identificava um contexto de responsabilizações de alunos e professores e competitividade por melhores desempenhos, surgindo indagações de como a escola conduzia suas ações, após coleta de seus resultados, ou seja, como relaciona dados da avaliação externa, políticas públicas de avaliação educacional e práticas cotidianas.

Assim, ingressei no mestrado e busco formações e reflexões, por novas leituras e conhecimentos, para aprimorar a minha prática gestora, defensora de uma educação não excludente, não classificatória e questionadora na ordem social vigente.

Referências

- GATTI, B. O professor e a avaliação em sala de aula. In: **Estudos em Avaliação Educacional**, n. 27, jan- jun/2003, p. 97-114.
- FREITAS, L. C. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 119, p. 379-404, 2012.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. 1ªed. São Paulo, Boitempo, 2019.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SOLA, Luciane Beck. **A Prova São Paulo no cotidiano de uma escola da Rede Pública**. Dissertação (Mestrado em Curso) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo, 2023.

A POTÊNCIA DA EDUCAÇÃO PARA TRANSFORMAR VIDAS¹

Maria Arivalda de Oliveira²

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.
(FREIRE, 2001, p. 30)

Dou início à minha apresentação com a frase do filósofo e educador pernambucano Paulo Freire, patrono da educação brasileira, que nos inspira a dialogar sobre a necessidade de buscarmos uma educação que respeite a história e a vivência social do sujeito, para que ele atue de forma crítica sobre essa realidade e não apenas submisso a ela, para assim criar e recriar sua realidade.

Minha família e eu chegamos na cidade de São Paulo em dezembro de 1986, e fomos morar em um quarto cedido pelo dono da metalúrgica onde meu pai trabalhava. Ele veio para São Paulo antes de nós. Lembro-me, apesar de muito pequena, da expressão de medo da minha mãe grávida e com quatro crianças, quando desembarcamos do ônibus na rodoviária do Tietê.

¹ Esta apresentação faz parte da Dissertação de Mestrado intitulada “Ler e Escrever: O estudo comparativo dos materiais didáticos das edições do programa (2008/2020)”, apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), da Universidade Nove de Julho, em março de 2023.

² Graduada em Letras. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo. É professora da rede pública de ensino, Educação Básica, São Paulo- SP.

Fomos morar no bairro São João Clímaco e lá ficamos por algum tempo. Tínhamos água encanada, banheiro, pia, uma televisão e alguns móveis essenciais. Eu não tinha mais de ajudar a minha mãe a carregar água; os banhos de bacia findaram; não era mais necessário lavar roupa no rio, nem acender o fogo a lenha, e passei a ter água quente para tomar banho. Mas continuei cuidando dos meus irmãos mais novos enquanto minha mãe trabalhava como diarista para complementar a renda da família. Às terças-feiras, o meu irmão Rivaldo, mais velho dos meninos, trabalhava na feira e voltava para casa com um carrinho cheio de verduras, ou seja, não precisávamos mais plantar. Sentia-me rica, se comparássemos com a vida no Pernambuco.

Algum tempo depois, meu pai ficou doente e foi demitido da metalúrgica; concomitantemente, fomos despejados. Minha mãe conseguiu, na subprefeitura da Mooca, dinheiro para comprar um barraco na comunidade da Vila Prudente. Lá crescemos em um quarto e cozinha. Recordo-me que nosso banheiro não tinha descarga nem piso, mas tinha água encanada. O meu pai foi recuperando a saúde, minha mãe conseguiu uma vaga como ajudante de cozinha e eu continuei cuidando da casa e dos meus irmãos. Assim, a vida foi seguindo.

Eu e meus irmãos nos adaptamos rápido e começamos a estudar na escola próximo à comunidade. Entrei no ciclo básico (CBC). Engraçado, sempre estudei nas séries C (2C, 6C, 7C, 8C). Acho que a letra C é a minha letra da sorte. Lembro-me da minha mãe comprando um bolso com o nome da escola (Escola Estadual Professora Augusta da Costa Galvão), para costurar numa camiseta branca, pois não tínhamos dinheiro para comprar o uniforme.

Meu contato com a escola não era animador. Não gostava de ir e fazia de tudo para ficar em casa com meus irmãos. Lá, me sentia sozinha e não compreendia as lições. Não gostava daquele silêncio e de copiar as tarefas do quadro. Gostava mesmo era da hora da merenda.

Somente na quarta série consegui juntar as sílabas e ainda me recordo da primeira palavra que consegui ler (leão) e do primeiro

livro lido (Cinderela). Palavras soltas dançavam em minha imaginação de criança. Elas não se conectavam com a minha realidade.

Ninguém da minha família se preocupava com estudar, devido ao fato de ter de trabalhar para garantir a sobrevivência, antes de ler e escrever.

Assim, entre a rotina doméstica e a escola, terminei o ensino fundamental sem saber produzir um texto ou apreciar uma boa leitura. Meu contato com o mundo da escrita se restringia à escola.

Nesse mesmo período eu me casei, aos 16 anos, com o pai das minhas filhas. Não sei exatamente por que me casei tão cedo. Hoje, penso que poderia ser pelo fato de ter um lugar com menos pessoas para cuidar. Não alimentava expectativas em continuar estudando, mas tinha ouvido falar de uma escola próximo de casa que oferecia curso para ser professora e ainda ganhava uma ajuda de custo, o que me deixou feliz.

Em 1996, ingressei no Curso Normal na Escola Estadual Américo de Moura. Confesso que não foi uma escolha consciente. Segui somente a possibilidade de ter uma qualificação e ainda ganhar dinheiro.

Guardo esse período com muito carinho. Aprendi tanto com os professores quanto com as colegas da turma! Digo “as colegas”, por serem somente meninas. Entre elas, muitas mulheres casadas que retomavam os estudos. Recordo-me que muitas delas estavam no magistério em busca de uma profissão que conciliasse com toda a demanda de mãe e esposa, assim como eu.

Os anos seguiram com muitas descobertas. Desfrutei de aulas transformadoras e excelentes educadores. Terminei o Magistério em 1999, já mãe de duas meninas (gêmeas), Alice e Beatriz, hoje com 24 anos.

No ano seguinte, iniciei meu trabalho como professora eventual na Escola Estadual Carolina Augusta da Costa Galvão, próximo da comunidade onde morava. Voltei como professora ao lugar onde estudei no primário, acreditando que poderia transformar a vida dos meus supostos alunos, pois compreendia

as dificuldades e facilidades que eles apresentavam em relação à vida escolar e social.

Nesse panorama, agarrei cada possibilidade de estudo e aprimoramento que a vida me possibilitou. Já havia compreendido que estudar era a única saída para melhorar a minha realidade. Para tal, contei com os incentivos da minha amiga de magistério e licenciatura, a quem sou imensamente grata, Silvanira Sorrentino. Ela me mostrou o mundo que existia fora dos becos da minha comunidade. Plantou em mim sementes de possibilidades, dividiu comigo muitos lanches e sonhos. Continuamos amigas até hoje e acho que seremos sempre!

Assim, em 2000, entrei na faculdade de Letras, com a ajuda da Silvanira. Um mundo novo se abriu. Apesar das dificuldades financeiras e das responsabilidades da maternidade, consegui finalizar minha primeira graduação. Não posso deixar de registrar o apoio da minha irmã caçula, Adriana, nesse percurso. Ela, ainda menina, cuidou das minhas filhas, para que eu estudasse à noite e, por, muitas vezes, repartiu comigo o dinheiro do seu lanche.

Cheguei à faculdade com muitas lacunas na aprendizagem, o que exigiu de mim muita transpiração para acompanhar a turma. Nesse meio tempo, meu casamento terminou.

Em 2005, com o magistério e a faculdade concluída, prestei concurso para professor de Educação Básica na rede estadual de São Paulo, no qual passei. Assumi no ano seguinte, em uma escola de Mauá e, com a remoção, consegui locar-me na Escola Estadual André Dreyfus, onde havia estudado no fundamental II.

Nesse mesmo período, eu me tornei zeladora da Escola Estadual Olga Benatti. Assim, mudei da comunidade. Na casa cedida pela escola, morei por 10 anos e contei com o apoio de inúmeros anjos. Eles cuidaram de mim e das minhas filhas.

Em 2007, assumi a função de professor coordenador da Escola Estadual de Ensino Fundamental I Prof. André Dreyfus, onde eu lecionava, experiência que oportunizou um olhar mais abrangente sobre o mundo. No ano seguinte, foi implementado

em todas as escolas dos anos iniciais de Ensino Fundamental o “Programa Ler e Escrever”, ação essa que anunciava mudanças nas práticas e metodologias para toda a rede estadual. Participei das formações iniciais do Programa, que aconteciam em efeito cascata (dirigentes, supervisores, diretores, coordenadores). Aprendi, nessa experiência, sobre a importância da leitura e da escrita para formar um cidadão.

Em 2010, deixei a função de coordenadora e voltei para a sala de aula, por ter ingressado na rede municipal de São Paulo, pois precisava melhorar minha renda e continuar buscando melhores condições de vida para minha família. Agora, dois cargos, duas redes distintas.

Após todo trâmite e adequação na minha vida profissional, constatei que as duas redes se configuravam completamente diferentes, não só em questões pedagógicas, mas também em salário, formação de professores, avaliação, plano de carreira, alunos e profissionais. Logo, as duas redes apresentavam e apresentam suas especificidades políticas e ideológicas.

O acúmulo dos cargos possibilitou o sustento da minha família, a compra da minha moradia, mas também gerou afastamento na criação das minhas filhas, desgaste físico e emocional. Eu cuidava dos filhos dos outros e os outros cuidavam das minhas filhas. Assim como acontece com muitas famílias chefiadas por mulheres que entregam seus bebês, crianças e jovens nas mãos da escola pública. E isso não chega a ser negligência da maioria das famílias em vulnerabilidade, mas necessidade de sobrevivência.

Hoje, compreendo que vivemos os velhos problemas estruturais (moradia, educação, saúde, transporte) do Brasil, maquiados nos discursos políticos do governo. Discurso esse que joga a culpa no sujeito por sua incapacidade ou insucesso. Somos envolvidos em redes de informações manipuladoras que priorizam o sistema capitalista desde sempre.

Minhas experiências de vida, aqui compartilhadas, evidenciam o quanto a educação pode transformar. Ela me

possibilitou transformar a minha realidade; muitas meninas e meninos vivem o mesmo que vivi, infelizmente.

Como professora da rede pública, busquei e busco dar sentido às minhas práticas, ampliar as possibilidades para minha vida e o desenvolvimento dos meus alunos, pois compartilhamos do mesmo quintal.

Como disse Malala Yousafzai³, em seu discurso na reunião das Nações Unidas (ONU), em 2014, conhecida mundialmente por defender o direito à educação: “uma criança, uma professora, uma caneta e um livro podem mudar o mundo”.

Em 2020, em meio à pandemia da Covid-19, doença causada pela contaminação do vírus SARS-CoV-2, que provocou muitas mortes em todo o planeta, fomos forçados a nos trancarmos em casa, comunicarmo-nos e trabalharmos remotamente. Os recursos tecnológicos passaram a ser nossa tábua de salvação para continuarmos lecionando, exigindo de todos nós um reinventar-se. A pandemia, em sua fase inicial – falo inicial, porque ainda não acabou –, gerou e tem gerado muitas angústias e incertezas para todos nós.

Na educação, muitos professores da rede pública e particular depararam-se com o desafio de dar aula a distância, pois ou não sabiam usar as ferramentas tecnológicas, ou não dispunham de recursos financeiros para investir em tecnologia. Apesar de tantos dificultadores, mais uma vez, nós nos reinventamos.

Em meio à pandemia e tantas incertezas, agarrei-me aos estudos, na tentativa de focar meus olhos em algo que amenizasse os meus medos. Foi, então, que mais um anjo me inspirou. A minha querida, Sônia Rocha, me instigou a participar do processo seletivo de bolsas do Mestrado Profissional em Gestão e Práticas

³ Matéria disponível em: https://www.google.com/search?q=primeiro+discurso+para+ONU+da+malala&rlz=1C1GCEA_enBR1003BR1003&oq=primeiro+discurso+para+ONU+da+malala&aqs=chrome..69i57j33i160.20020j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:34c7f278,vid:PLKpqajRruQ. Acesso em: 15 jun. 2022.

Educacionais (PROGEPE), da Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

Em meio aos efeitos pandêmicos que a educação vivenciava (ensino híbrido), participei de algumas aulas, *on-line*, como ouvinte, das inspiradoras professoras, Patrícia Ap. Bioto e Rosiley Ap. Teixeira. Elas e o grupo, generosamente, acolheram-me. Essa experiência foi fundamental para subsidiar o tema do meu pré-projeto e me mostrar que era possível entrar no mundo da pesquisa acadêmica.

Mais uma vez, agarrei às inspirações trazidas pelos meus anjos, certa de que teria que transpirar muito para avançar na minha vida pessoal e profissional, e aqui estou!

Em 2021, ingressei no Mestrado Profissional na UNINOVE, em meio à pandemia da Covid-19. Apesar de todo medo e angústia experienciados por todos nós, cresci muito intelectualmente e emocionalmente.

Nesse caminhar, participei, ainda, da produção do livro *Ações Docentes em tempos de Pandemia: Relatos de Experiências*, como uma das organizadoras e colaboradora na escrita de um dos capítulos, em parceria com as queridas Patrícia Bioto e Sônia Rocha. No mesmo período, fiz uma cirurgia. Tirei licença não remunerada em um dos meus empregos, adaptei tempos, espaços e materiais para conciliar com as aulas do mestrado, lutei contra os sintomas pós-Covid. Foram muitas emoções! Mas todo esse movimento tem valido a pena!

Assim, posso afirmar que todo esse caminhar despertou em mim a vontade de pesquisar e de “enxergar além do posto”, como diz minha generosa orientadora, e, conseqüentemente, uma sensação de que sou dona de minhas vontades e que, para aprender, é preciso desconstruir. “Simples assim”!

Referências

OLIVEIRA, Maria Arivalda de. Ler e Escrever: O estudo comparativo dos materiais didáticos das edições do programa (2008/2020). Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo, 2023.

AVENTURAS DE IRENE

Patrícia Ap. Bioto¹

Escrever sobre nós mesmos pode ser um grande desafio, mas é também, em igual proporção, um momento especial, único, em que podemos nos olhar, nos sentir, experimentar novamente tantas sensações, ideias, acontecimentos que há muito, ou pouco, se deram, mas que ainda tem voz dentro de nós e que por essa razão são trazidos à tona quando produzimos nossas memórias.

Já tive a oportunidade de, em outras ocasiões, escrever sobre minhas memórias escolares e as que se referem ao percurso de constituição como professora e pesquisadora. Nessa ocasião, depois de refletir sobre o que queria escrever, decidi que quero escrever sobre minha experiência como orientadora de mestrado.

Escrevendo essa frase, percebi que o refletir é mais do que o pensar e mais que o sentir, em separado, para mim. O refletir abrange, contempla, o sentir e o pensar. Com certeza existem muitas obras que tratam do refletir e de outras habilidades do pensamento, entre elas o perceber. Filósofos antigos, como Locke e Bacon se dedicaram a isso. Um mais contemporâneo, John Dewey, o faz com maestria. Na área da formação de professores temos Giroux, Alarcão, Imbernon, entre outros se exercitando em teorizar sobre o refletir docente. Paulo Freire faz isso em algumas de suas obras. E por aí vai. Mas para mim, o que importa, por agora, é

¹ Pedagoga. Pós Doutora pela PUC-SP, EHPS. Doutora em História da Educação pela PUC-SP. Professora do Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da UNINOVE-SP. Pesquisa e publica sobre formação de professores, políticas educacionais e currículo. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores: contextos, epistemologias e metodologias. Vice-líder do Grupo de Pesquisa: Infância, Escola, Formação de Professores: estudos contemporâneos. Membro da Rede Internacional de Investigação- Ação Colaborativa Estreiadialogos e da Collaborative Action Reseach Network (CARN).

deixar registrado o que percebo como sendo o refletir, a soma do pensar e do sentir.

E algo que ficou claro quando preparava essa escrita, internamente, é que ela remeteria às somas, aos compartilhamentos, aos aprendizados conjuntos, às emoções pessoais que se somaram às descobertas e elaborações teóricas.

Somaram-se também as vidas daqueles que estiveram comigo em várias passagens do percurso e que de uma maneira ou de outra ainda estão comigo. O fato de não compartilharem a vida cotidiana não quer dizer que não estão mais aqui, que não são mais sentidos, que não fazem falta. Deixaram saudades, boas lembranças, bons momentos que passaram tão rápido mas que deixaram suas marcas, que me auxiliam a olhar pra frente e para quem está ao meu lado agora, que entendo com olhos que foram acrescidos de lentes, que aprenderam, que sorriram e que choraram, que sonharam e que viram os sonhos sendo realizados. Olhos que viram as sementes brotarem, que deram mais frutos e flores do que um jardineiro poderia imaginar, usando a metáfora de Comenius sobre o professor. Olhos que se encheram de água ao ver meninas inseguras, confusas, com medo, exporem suas ideias, suas obras com tanta convicção, alegria, entusiasmo, com aquela sensação de vitória.

Defender um belo trabalho de mestrado é sim uma grande vitória, como outras tantas grandes vitórias na vida, e ela tem que ser comemorada, marcada, pois a vida também é feita de derrotas, de lágrimas que não sempre de alegria. Pela minha experiência como mestranda e como doutoranda que já fui um dia, há muitas lágrimas nas páginas das nossas dissertações e teses. Choramos por medo de não conseguir, por vergonha quando sabemos que o que fazemos não está bom, por vaidade frustrada por saber que não chegamos a nosso melhor, e por termos passado tão perto, tantas vezes, de desistir de escrever. Mas, não sei bem porque, seguimos em frente e continuamos, continuamos, continuamos, e, por fim, terminamos. Mas terminamos cheios da certeza que não chegamos ao fim, que muito ainda poderia ou deveria ser escrito. Mas o prazo acabou, o texto deve ser enviado à banca. Fechamos o texto

também porque estamos exauridos, exaustos, esvaziados. E uso o singular porque apesar de ter experimentado essas e tantas outras sensações na minha própria pele, ouvi e ouço, relatos de colegas e de mestrandas que passam pelas mesmas coisas. É, então, uma experiência coletiva.

Nunca li nada sobre as experiências no mestrado, de alunos e professores. Acho que estamos a ver, a partir de algum tempo para cá escritos nesse sentido, mas não são ainda muito difundidos. Temos muitas memórias de professores da Educação Básica e talvez uma porção de professores do Ensino Superior, mas que desconheço. Mas como não sou eu que conhece tudo, esses escritos podem existir e eu não os conhecer. Desconheço na mesma linha, memórias de professores orientadores de mestrado. Vamos partir do pressuposto que elas não existam. Nesse caso poderia dizer que elas não existem porque nós, professores orientadores de mestrados, falando especificamente de professores orientadores de mestrados profissionais em educação, que é o meu caso (nesse caso fica mais fácil eu lidar com aquele pressuposto enunciado acima, o tendo como possivelmente certo), porque somos vistos, e quem sabe se algum de nós se vê assim, como os deuses do Olimpo, como costumávamos denominar o local onde ficavam reunidos os professores orientadores dos programas em que cursávamos o mestrado e o doutorado, e o nós se refere a mim e meus colegas de turma.

O desconhecimento da personalidade dos deuses do Olimpo pode dar uma falsa ideia sobre essas “divindades”. Para nossos alunos, nós, professores orientadores, estamos acima do bem e do mal, sabemos de tudo, podemos tudo. É até estranho escrever isso. Como é impossível esses caracteres serem aplicados a seres humanos de carne e osso e a deuses também! Os deuses do Olimpo eram belicosos, vaidosos, invejosos, mentirosos, fofoqueiros, sovinas, egoístas, assassinos, levianos etc, etc, etc. Pensando bem acho que esses qualificativos se apliquem muito bem a nós, professores orientadores. Nesse ponto os alunos até que podem ter

razão (rsrs)! Mas quanto ao saber e poder tudo e ao estar acima do bem e do mal, devo discordar.

O que eu procurei e procuro como professora orientadora é desconstruir essa ideia, mostrar que não sei tudo, mas que aquilo que sei compartilharei como meus orientandos, que no caso são, na grande maioria, mulheres. Que não estou acima do bem e do mal, que sou de carne e osso, que sou um ser humano que está a caminhar com elas e que estou disposta a seguir com elas num caminho que as leve a serem a melhor versão delas como mestrandas.

E tem sido um bom caminhar, um bom compartilhar e por isso resolvi escrever sobre essa minha experiência como professora orientadora. Existiram exceções, é claro. Tive três grandes decepções nesse percurso, com mestrandos. Um deles me decepcionou porque não deu tudo que poderia dar na escrita, vai saber por qual motivo, mas essa doeu menos. Uma segunda mostrou claramente que o mestrado não era prioridade; essa me marcou muito mas depois se revelou com outras possibilidades. Mas uma terceira, que na linha do tempo foi a primeira, essa sim foi terrível. Não sei se conscientemente mas digo que os melhores dons do ser humano não me foram perceptíveis ao final da caminhada como estando presentes na referida mestranda, infelizmente. Mas foi, fez parte. Acabou, graças a Deus e, também, não se repetiu, graças a Deus. Se tivesse acontecido agora, com mais maturidade, o encaminhamento, penso seria diferente, meu e da banca.

Voltemos as aventuras e deixemos de lado as desventuras. Por sorte tive mais aventuras do que desventuras em série.

Há uns dias atrás uma de minhas orientandas atuais me disse que eu era “parteira de ideias”, que ajudava as ideias a nascerem. Achei lindo demais e me senti lisonjeada pois me lembrei da arte da maiêutica, referida por Sócrates. Sempre achei linda a forma como ele contava que andavam com os discípulos e iam conversando e as ideias iam surgindo. É uma imagem belíssima quando pensamos nas paisagens da Grécia, no tempo que se tinha para andar e conversar e ainda mais quando pensamos em quem

eram os parteiros, os filósofos. Longe de mim querer chegar a sola dos pés dos filósofos mas me reconheci nesse exercício com minhas orientandas. Vamos andando, não pela Grécia ensolarada tendo o mediterrâneo ao fundo e as oliveiras a sombrear o caminho, mas pelos caminhos da internet, pelos encontros do *Meet*, pelas mensagens do *Whatsapp*, pelas ligações telefônicas e pelas salas de aula e de orientação da universidade.

E nesse caminhar trocamos impressões, confissões, anseios, esperanças, potências e fragilidades, certezas e dúvidas e, por fim, elas sempre saem com algo para fazer (rsrs). E em suas casas, locais de trabalho, se põe a fazer, a ler, a escrever, a pesquisar, a conversar, a formar, a entrevistar, a levantar dados, a fazer relações, análises. Deixam as famílias, o trabalho, uma parte delas, de modo a atenderem, por um tempo, a essa parte tão importante delas no período do mestrado. E se formam pesquisadoras. Constroem outro olhar sobre o mundo, sobre a educação, sobre elas mesmas, sobre suas capacidades, seus limites, seus dificultadores e seus facilitadores no percurso da pesquisa e da escrita.

Para algumas eu disse que parassem de passar as camisas do marido, para outras que deixassem as férias para depois, a casa para depois, o cabeleireiro para depois, a TV para depois, pois há um tempo para tudo. E o tempo delas é curto, elas espremem o tempo, elas tiram do tempo tudo que o tempo pode lhes dar. Se deixaram de passar camisas, de fazer as unhas, de passear eu não posso afirmar com certeza, mas o que posso dizer com certeza é que fizeram trabalhos tão bons, me deixaram tão orgulhosa, tão contente pelo trabalho que realizamos juntas, pelos desafios superados, pelos aprendizados construídos. E como aprendi com cada uma delas e com todas elas. Quantos novos textos me trouxeram, quantas novas pesquisas fizeram, como foram valentes, destemidas. Quantas propostas toparam, procedimentos que eu nunca executei, mas elas sim.

Isso me diz de uma confiança em minha profissionalidade. E essa resposta me confirma o caminho a seguir. Além da confiança um outro traço que percebo no processo de pesquisa é a parceria, o

compartilhar, o construir juntos. Eu oriento sobre o que entendo que seria bom fazer, vejo as possibilidades, e elas vão lá e fazem. E fazem do jeito delas, na realidade delas, com os recursos delas e vamos conversando no caminhar das propostas, vamos acertando, redefinindo, analisando, voltando, avançando, avaliando, testando. É um bom caminhar.

Se eu sou a parceira delas, das ideias, das pesquisas delas, elas também são minhas parceiras, de quem sou em como professora orientadora. Foi por elas e com elas que me constitui quem sou hoje profissionalmente. Temas de pesquisa chegaram, propostas de intervenção foram construídas, autores foram estudados a fundo. Enfim, mil possibilidades foram construídas conjuntamente.

No mestrado profissional em que atuo a prioridade é aprovar candidatos que sejam professores e gestores da Educação Básica pública. Isso está posto desde o início do programa em 2012. Dessa forma, aqueles que chegam para nós como alunos tem um entendimento construído sobre a escola, a educação, seus alunos e pares. Em participando das discussões das disciplinas, ao fazer as leituras, compartilhando suas pesquisas em eventos e no exercício de escrita da dissertação vão, pouco a pouco, se aproximando de outras possibilidades de leitura, interpretação e entendimentos sobre o mundo, a sociedade, a escola e sobre si mesmas. Muitas remeteram, várias vezes, em diferentes espaços e ocasiões, o quanto estar no mestrado as modificou em vários sentidos. Dizem que sentem que desenvolveram uma forma mais aprofundada e crítica de ler o mundo e de se portarem frente as questões educacionais e mesmo quanto a perspectiva de vida. Contam das dificuldades iniciais de entendimento, dos choques teóricos, das dificuldades em abrir mão de pontos de vista até, por fim, entenderem como “tudo” se encaixa. Mudam o olhar sobre elas mesmas. Dizem se sentirem mais capazes, mais fortes, com uma força de vontade potencializada. Alguns trabalhos foram feitos sobre as/os colegas de mestrado, no seu percurso e nas repercussões na identidade pessoal e na profissionalidade. Afirmam, por fim, unanimemente, que cursar e concluir o mestrado reforçou percepções positivas que

os sujeitos tinham sobre si, afirmou a validade de perseguir seus sonhos e constitui novos modos de entender a vida e o mundo.

O que também tem acontecido com uma certa frequência é que as pessoas que participam das pesquisas de mestrados, seus colegas de trabalho, tem sido mobilizados e entrar no mestrado. Alguns relatam que sempre tiveram o desejo de cursar o mestrado mas nunca se acharam aptos para tal ou não sabiam como fazer para ingressar. Mas ao participarem das pesquisas das/dos colegas puderam perceber que eles poderiam também desenvolver seus projetos, realizar seus sonhos. Outros apontam que nunca sonharam em estudar em uma pós-graduação *stricto sensu*, que ao menos sabiam da sua existência e modo de funcionamento, mas ao participarem das pesquisas tomaram conhecimento e se mobilizaram para o processo seletivo.

O processo seletivo é um evento a parte que merece ser mencionado. Além de ouvirmos relatos como os descritos acima sobre o desejo ou o não desejo prévio de entrar no mestrado, nos deparamos com tantas outras circunstâncias. Como a banca do processo seletivo é coletiva, formada por ao menos dois professores da linha de pesquisa, entrevistamos candidatas/os muito interessantes, cheios de possibilidades, de compreensões, de vontade de estudar. Esses fazem nossos olhos brilharem e temos que decidir quem ficará com o aluno caso seja aprovado. Outros tem um perfil mais tímido, temas mais confusos, pouco conhecimento na área que pretende investigar, mas tem um “quê” que chama a atenção, que faz nascer um desejo de trabalhar junto, de desenvolver a pesquisa proposta ou outra. Às vezes é uma frase dita em meio a entrevista, as vezes é algo lido no projeto de entrada que desperta o interesse. O contrário também é verdadeiro. As vezes uma boa impressão na leitura de projetos e provas não é corroborada na entrevista, percebemos limites, comprometimentos. O desempenho acadêmico, o perfil do candidato e nossos interesses de pesquisa se cruzam quando estamos a selecionar os futuros mestrados e mestrandas.

Este é um momento decisivo para os candidatos e para nós professores também. Afinal de contas passaremos os próximos dois anos trabalhando bem de perto com esses orientandos, numa relação muito próxima e de compromissos mútuos. No geral, como já disse acima, tem dado muito certo. Até mesmo com aqueles que viraram meus orientandos nos 45 segundos do segundo tempo, por conta de alguma mudança de orientação. Como digo a eles/elas sempre que tenho oportunidade: sou muito abençoada por trabalhar com eles/elas.

Eles/elas tem dito ultimamente que sou muito exigente. Não ouvia isso antes. Será que pensavam assim os/as anteriores e não me falavam? Eu acho que sim, pois de maneira geral não mudei meu proceder de orientadora.

Eles/elas chegam após a aprovação no processo seletivo, cuja última palavra é da reitoria, haja vista o processo de atribuição de bolsas, já que todos os alunos dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da Uninove recebem bolsas de estudo correspondente a 100 por cento do valor da mensalidade mediante assinatura de contrato em que estão postas as condições acadêmicas de manutenção da bolsa. Nas conversas iniciais acertamos um rumo para a pesquisa, passo leituras a serem feitas, tarefas a serem cumpridas, quase sempre resenhas dos textos de modo que já possam ir se exercitando na escrita. Assim que também posso ir conhecendo como escrevem e já ir intervindo e auxiliando nesse exercício.

Com o andar da pesquisa elaboramos um projeto de intervenção a ser posto em prática, geralmente no segundo semestre do curso, pois, assim, a parte da análise pode receber a dedicação de todo o segundo ano de estudos. Tem dado muito certo esse formato. Eles leem no primeiro semestre, fazem as disciplinas, conversamos nas orientações, estabelecemos uma proposta de intervenção que vai andando conforme eles partem pra empiria. Dessa forma vão percebendo, entendendo, o que estão fazendo conforme fazem, o que os auxilia a se formarem e ao mesmo tempo cria mais um foco de proximidade com o grupo dos participantes, pois ambos estão em processo de aprendizado. Aqueles que participam das pesquisas são

os profissionais da educação que compartilham o mesmo círculo profissional dos mestrandos. Há uma relação de amizade, de cumplicidade, de busca conjunta de objetivos, um desejo conjunto de entender, enfrentar e superar desafios. Se estabelece uma troca entre a pesquisa e atuação docente ou gestora dos participantes e dos próprios pesquisadores que são professores ou gestores das redes de ensino.

Essa proximidade entre a pesquisa e a escola pode causar, num primeiro momento, algumas confusões entre o papel do pesquisador e do profissional da educação mas elas são resolvidas conforme a pesquisa vai sendo escrita, conforme o grupo vai dando a devolutiva da pesquisa formação. No segundo e terceiro semestre em que o mestrando se põe a escrever eles vão, digamos assim, “incorporando” seu papel de pesquisador. O não estar na escola, o estar sozinho com os dados, os textos e a minha voz na cabeça deles (rsrs) vai auxiliando num processo reflexivo individual, extremamente rico e importante.

Individual, nesse momento, mas que foi coletivo, colaborativo nos demais. Assim como é colaborativa a forma como trabalho com elas/elas.

Uma outra orientanda também me denominou de “orientadora colaborativa”. Gostei. É importante nomear. As palavras constroem. Obviamente tem horas que elas me dão outros nomes, mas esses eu prefiro nem saber (rsrs)!

Como apontam tantos autores como Berger e Luckman, Vigotski, Fullan e Hargreaves e Lima, aprendemos colaborativamente, junto às outras pessoas, junto à sociedade, somos alimentados e alimentamos, ao mesmo tempo.

O título desse capítulo remete a essa coletividade. Faz alusão ao título de um filme de Hollywood, “Eu, eu mesma e Irene”, uma comédia que fala, entre outras coisas das diversas possibilidades que existem na vida, das diversas facetas de uma mesma pessoa e de como tudo isso, às vezes, pode levar a uma certa dose de loucura. Ou você tinha a ilusão de que esse processo todo que descrevi acima não levasse em alguns, ou muitos, momentos de completa

insanidade (rsrs)? Há momentos em que estamos todas/os perdidos, desorientados, sem saber para onde ir. E então, paramos, respiramos, esperamos, pedimos ajuda para a banca, para Santa Catarina (padroeira dos mestrands e doutorands desesperados), conversamos e ajustamos os pontos, como podemos. E colocamos um ponto final num trabalho que sabemos claramente que não terminou, que é uma tarefa para a vida toda. Quando esse *páthos* da pesquisa, da leitura, da escrita nos afeta não temos muito como escapar. Eu pelo menos não escapei. E olha que faz 43 anos que estou nessa, isso considerando apenas essa encarnação. E meus companheiros de caminhada, mestrands e mestrands, fazem o mesmo relato, que aprenderam a gostar de estudar, de escrever, de pesquisar. Alguns voltam para os doutorados, outros seguem caminhos fora da academia. O que importa, na verdade, foi o que passamos juntos. E não foi pouca coisa. Foram belas vidas que se entrelaçaram à minha e agradeço muito a Deus por isso e espero continuar a ter mãos, mentes, olhos e corações a se entrelaçarem com as minhas mãos e com meu coração. E nisso não há loucura, há amor, alegria, paz, gratidão e felicidade.

MINHA ATUAÇÃO COMO DIRETORA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA GESTÃO COLABORATIVA: ESTRATÉGIAS EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Roberta de Freitas Theodossiou¹

É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.
(Provérbio africano)

Faz-se necessário um olhar distanciado, para entender meu encantamento pelo universo da educação e a motivação pela escolha do meu objeto de pesquisa. Após a conclusão da minha graduação em pedagogia no primeiro semestre de 2004, iniciei a trajetória na educação infantil, em um Centro de Educação Infantil, da Rede Parceira do município de São Paulo, que é administrado por uma Organização da Sociedade Civil (OSC), da qual popularmente também é citada como “instituição parceira”, ou ainda, “instituição mantenedora”, e a prefeitura municipal de São Paulo, através da Secretaria Municipal de Educação.

São mais de dezenove anos na carreira docente no segmento da educação infantil, iniciando meu percurso do magistério com a função de auxiliar de desenvolvimento infantil, em um CEI, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Após, aproximadamente um ano e meio, fui promovida à coordenadora pedagógica, e após alguns anos, promovida à diretora escolar em outra unidade de CEI, pertencente à mesma OSC, em que me encontro atualmente. Muitos caminhos foram e ainda são percorridos, com os avanços e retrocessos do sistema

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Santo André, São Paulo. É gestora da rede pública de ensino, Educação Básica, Santo André- SP.

educativo, no qual incansavelmente continuo meu percurso, através de estudos, pesquisas, diálogos, entraves, partilhas e desafios no tema que envolve o universo infantil e suas relações com os bebês, crianças, equipe de trabalho, famílias, Secretaria Municipal de Educação (SME) e OSC, formando assim a comunidade educativa do território ao qual pertencço.

Realizar a trajetória educacional da minha vida em escola pública, da pré-escola ao terceiro ano do Ensino Médio, possibilitou-me refletir, quando adulta, sobre como o sistema educativo da escola pública e os profissionais envolvidos nesse processo compreendem a infância e articulam o fazer pedagógico com a comunidade. Não poderia deixar de citar um fato que foi primordial para escolher a escola pública como trajetória profissional. No terceiro ano da universidade, tivemos que realizar estágio em escolas de ensino fundamental I, no qual escolhi a que estudei na década de 1990.

No ano de 2002, iniciou-se o estágio, e ao chegar no primeiro dia, minhas emoções foram fortemente abaladas com um misto de sentimentos. As paredes, as pinturas, o cheiro da comida, as salas de aula, a quadra, o pátio e os profissionais que ainda estavam trabalhando lá, me fizeram recordar os bons e maus momentos que vivenciei durante os oito anos que frequentei aquela escola. Claro que os bons momentos registrados em minha memória se dão pelo cheiro dos cadernos novos, das brincadeiras durante o recreio, da professora específica que me dizia que eu iria conseguir acertar a tarefa, das festas juninas, das vezes que era escolhida para levar a bolsa da professora até a sala ou apagar a lousa, do cheiro de salgados assados da cantina da escola, entre tanto outros. Os maus momentos se deram devido a minha timidez e dificuldade em mediar conflitos. Minha maior fragilidade era a dificuldade que tinha em fazer grupos de amigos, o que por consequência ocasionava de, na maioria das vezes, apresentar os trabalhos sozinha ou pedir para entrar em grupos para não ficar sem nota. Minha mãe, que me educou sozinha, sempre participou da minha vida escolar na medida do possível, indo às reuniões, aos eventos,

comprando os materiais solicitados e estudando comigo antes das provas. Porém, sobre a participação na rotina escolar, ela tinha acesso à escola, como outros responsáveis, ao pagamento do carnê da Associação de Pais e Mestres (APM), para contribuir com as melhorias da escola, reuniões bimestrais e eventos festivos.

Voltando ao meu estágio, enquanto realizava minhas observações em salas de aula de primeiro ao quarto ano do Ensino Fundamental I, me oferecia constantemente para ser voluntária na escola. Inicialmente, recusaram dizendo que não havia o que eu pudesse fazer para ajudar, e que não haveria alguém que pudesse me acompanhar nos processos, mas não me dei por vencida e a partir daquele dia, percorri cada canto da escola, participei dos intervalos, tomei café na sala dos professores, fiz amizades com os funcionários e acabei por substituir uma professora em um dia de aula para o segundo ano, pois mais da metade dos professores havia faltado, o que de fato era rotina na escola, devido a muitos problemas, como falta de materiais para os professores trabalharem, sobrecarga e salas de aula superlotadas.

Quando concluí o estágio e levei minha ficha para a direção assinar, me ofereci novamente para realizar trabalho voluntário e me dispus a tentar organizar a biblioteca que estava fechada há muitos anos. Depois de muita insistência meu pedido foi aceito, e percebi que daí em diante o amor pela educação pública seria um caminho sem volta em minha vida. Consegui realizar o trabalho voluntário, conciliando com meu emprego, pois ia na escola uma vez por semana no primeiro horário, antes da jornada do meu trabalho. A primeira tarefa foi a de realizar uma limpeza geral, pois haviam livros empoeirados e ainda nas embalagens. Eram livros de literatura e didáticos. Em seguida, separei os livros por gênero literário, e os distribuí em algumas estantes que estavam vazias. Consegui auxiliar na organização até o final daquele ano, pois no ano seguinte, início de 2004, engravidei e tive como prioridade meu bebê, o trabalho e a faculdade. Mas, antes de terminar o ano letivo, consegui organizar metade da biblioteca e deixar por escrito para as professoras do segundo ano, um projeto de incentivo à leitura.

Conforme citado no início desta apresentação, em julho de 2004, já com minha filha nascida, mais precisamente com oito meses, conclui o curso de Pedagogia e, no mês de setembro do mesmo ano, ingressei em um CEI da rede parceira do município de São Paulo, no qual iniciei minha atuação em uma sala com bebês de dois anos. A partir dessa nova jornada, realizei cursos voltados para a educação infantil, relações entre família e escola, conflitos infantis, educação moral na infância, entre muitos outros temas que contribuíram para minha bagagem profissional, na qual instantaneamente facilitou para o bom relacionamento com as crianças e as famílias. O início da minha trajetória foi difícil, pois não tinha experiência com grupos de crianças tão pequenas, salvo a minha filha que na época tinha dez meses. Mas, o desafio é o que me move, e então, entre incertezas, energia e ânimo para aprender, foi um período que me motivou a aprofundar os estudos sobre a primeira infância.

No ano de 2006, fui convidada pela diretora do CEI e o presidente da OSC a assumir a coordenação pedagógica, na qual as principais atribuições eram acompanhar a rotina das crianças, realizar reuniões de famílias e promover formação continuada para as professoras. Foi um percurso em que a experiência profissional, se deu pelo apoio da minha família, segurança que a equipe gestora da OSC me proporcionou, energia das crianças, e claro, das parceiras de trabalho e famílias.

No início de 2012, fui convidada pelo presidente da OSC a assumir a direção escolar de outra unidade de CEI, pertencente à mesma instituição, e que estou até à escrita desta pesquisa. É um lugar onde a cada dia, trabalhamos e convivemos com base nos estudos que envolvem a infância e o trabalho em comunidade. As famílias, cada qual em seu momento de vida e disponibilidade, se fazem presentes atuando nos espaços internos e externos do CEI, dialogando e compartilhando experiências, críticas e ideias para o trabalho realizado na unidade. Esse longo caminho de diálogo entre o CEI e a comunidade, dá-se continuamente através da nossa convivência diária, sendo as relações, a base que nos

alimenta para trilhar um caminho de parceria para promover o bem-estar das crianças.

No primeiro ano da minha jornada como diretora do CEI Coração de Maria, dediquei-me a observar a forma de trabalho da equipe, o contexto familiar das crianças e as expectativas da OSC com relação ao meu trabalho. Há 27 anos, a unidade já realizava um trabalho educativo, sobretudo social muito bonito e de respeito por toda a comunidade escolar e seu território. Minha observação deu-se também para as leituras das documentações do CEI, na qual em conversas individuais e em grupos, aos poucos, dialoguei com a equipe de trabalho, a fim de obter informações sobre a teoria das documentações e as práticas cotidianas, o que foi um desafio, pois assumir um cargo de gestão em um local em funcionamento há tantos anos e com grupos formados, causou um misto de sentimentos para toda a equipe, inclusive para mim. Ainda assim, prossegui com foco no estabelecimento de vínculo e observação da proposta pedagógica realizada com as crianças. Através de rodas de conversa e escutas individuais, dediquei tempo para ouvir as expectativas de cada pessoa da equipe com relação ao próprio trabalho e expectativas da minha chegada como diretora. Além disso, para acolher pessoas que se sentiam envergonhadas ou inseguras em se expressarem diretamente comigo, e também para obter registros, senti a necessidade de elaborar alguns instrumentais de pesquisas e avaliações sobre a rotina de trabalho, clima organizacional, atendimento realizado às crianças, autoavaliação de desempenho, entre outros. Com o passar do tempo, entre chegadas e partidas, a equipe que se solidificou passando a interagir mais nas rodas presenciais e coletivas, e sentindo-se à vontade para opinar, partilhar ideias, questionar, discordar e, principalmente colocar-se como parte das propostas. Esse, para mim, é um dos pontos mais importantes quando penso na minha atuação em busca de um CEI que tenha por princípio a cultura colaborativa.

O segundo ano da minha gestão no CEI Coração de Maria, se deu com a saída de alguns funcionários, transição das crianças

maiores para as Escolas Municipais de Educação Infantil, e por consequência, matrículas de novas família e a chegada da nova coordenadora pedagógica. O foco do trabalho nesse ano, deu-se para a revisão das documentações pedagógicas da unidade, iniciando-se pelo Projeto Político Pedagógico, seguido do Regimento Interno e Plano de Trabalho. Através de reuniões com a equipe de professoras, e posteriormente os outros funcionários, iniciamos a revisão dos documentos, apresentando para os funcionários novos, e revisitando com o restante da equipe. Mesmo que ainda tímidas, o espaço das reuniões promoveu entre as professoras a comunicação, partilha de ideias e aproximação do grupo de modo geral. Lembro-me que esses momentos foram significativos, mas também complexos, pois abriu espaço para discussões sobre as concepções de criança e infância e as práticas pedagógicas que o CEI Coração de Maria vivenciava na época. Meu desafio maior como diretora, foi em promover o conforto e sintonia da equipe pedagógica em relação às suas concepções de criança e infância, nos momentos de conflitos, discordâncias e desentendimentos, e ainda, o acolhimento e estabelecimento de vínculo entre a equipe e a nova coordenadora. Com a sistemática das reuniões, realizamos coletivamente a primeira revisão e reescrita do PPP, que se deu mais precisamente para a leitura, interpretação e compreensão coletiva do documento. É importante destacar que o objetivo principal das reuniões com as professoras neste ano, não foi o da revisão propriamente dita, mas o impulsionamento para o exercício do trabalho coletivo. Foi um ano intenso com a equipe de trabalho, onde houveram questionamentos sobre as propostas constadas nos documentos e a prática no cotidiano, resistências para revisar o documento e propor novas sugestões e críticas ao novo modelo de trabalho da gestão com relação a realização dos trabalhos em formato colaborativo. Considero que tais movimentos foram fundamentais para que a equipe de trabalho se reconfigurasse e a proposta pedagógica da unidade pudesse ser realinhada, a partir da composição da nova equipe pedagógica, entre professoras

ingressantes, veteranas, nova coordenação pedagógica e nova direção. Com relação ao restante da equipe de trabalho, sendo a equipe de apoio, entre elas a cozinheira, auxiliares de cozinha e limpeza, auxiliar de manutenção, auxiliar administrativo e auxiliar de berçário, o desenvolvimento do trabalho deu-se de modo linear, e o estabelecimento de vínculo deu-se de modo gradativo, nas relações do cotidiano e com mais objetividade nos processos, pois o grupo desse setor era fechado para estabelecimento de trocas e aproximações. Com relação às crianças e às famílias, a rotina deu-se tranquilamente durante este ano, e seguindo os fluxos das demandas do cotidiano.

No terceiro ano da minha gestão, mais precisamente em 2014, foi possível perceber maior amadurecimento das relações da equipe de trabalho, sobretudo das professoras, com relação à prática pedagógica. A equipe mostrou-se mais focada e empenhada em rever novamente as documentações pedagógicas como o P.P.P., e o olhar para o protagonismo infantil começou a aparecer com mais veemência. As vozes infantis começaram a ecoar com mais frequência pelo território, pois as professoras começaram a propor saídas pelo entorno para conhecer a comunidade, iniciaram a proposta de experiências infantis com o projeto chamado “Assembleias infantis”, para as crianças escolherem o tema e o sabor do bolo do aniversário do mês, locais para passeios, títulos dos livros da semana, entre outros. Nessa mesma sintonia, aos poucos, as famílias se aproximaram com mais profundidade do CEI, no interesse em auxiliar na organização dos eventos, participar das reuniões de famílias, engajar na arrecadação de alimentos e brinquedos para as festividades, opinar sobre compras de brinquedos, auxiliar as crianças e professoras nos passeios e participar de alguns momentos de rotina do CEI, o que não foi tarefa fácil e de concordância de todas as pessoas da equipe de trabalho, pois abrir os portões para as famílias adentrarem ao CEI, requer profissionalismo e preparo para o acolhimento, regulação emocional, competência pedagógica, e, sobretudo, confiança no

trabalho que é desenvolvido, pois é na convivência que aparecem nossas maiores vulnerabilidades.

A partir de 2015, aos dias atuais, o CEI e as pessoas que nela habitam percorrem caminhos entre idas e vindas de funcionários, partidas e chegadas de novas crianças e suas respectivas famílias, reconstrução de novos caminhos em que ressignificou propostas e constituiu relações de confiança e pertencimento de grupo. Quando falamos de relações e construções de vínculo, é necessário valorizar o exercício de se dar tempo para que elas se fortaleçam. Também é importante destacar que nessa trajetória de onde tem chegadas, também tem partidas, onde tem conquistas, também tem insucessos. E é nessa trama da vida, que o CEI em que atuo e que foi o primeiro espaço de acolhimento às crianças do bairro ao qual pertence, tem escrito uma história de mais de 37 anos baseada na luta pelo direito à Educação Infantil, respeito à vida e as pessoas, promovendo cada vez mais a escuta qualificada e bem-estar das crianças, e entendendo que tais ações só são possíveis de serem realizadas através de um trabalho em rede ligado à equipe de trabalho, mantenedores, Secretarias de Educação e famílias, tornando-se de fato uma comunidade educativa.

Considero o cargo de gestão escolar complexo, e muitas vezes, solitário e incompreensível. Dificilmente encontramos professores que primeiramente foram diretores e depois atuaram em sala, e sendo assim o exercício da empatia torna-se mais difícil. Por vezes, sinto-me frustrada por dois motivos, sendo o primeiro por algumas pessoas da equipe não estarem alinhadas à proposta pedagógica, e o segundo pelas condições de trabalho oferecidas em condições diferenciadas pela SME, para os funcionários da rede parceira quando comparado aos da Rede Direta, como carga horária extensa, salário inferior, ausência na oferta de premiações, entre outros benefícios. Ainda assim, com tantos desafios, como referência do espaço em qual atuo, continuamente diálogo com a equipe sobre a importância do exercício da nossa profissão para a sociedade, da importância de estudarmos para sairmos do aprisionamento da ignorância e conformismo, e sobretudo sobre as

marcas que estamos deixando nesses seres tão pequenos que são as crianças e, por consequência, suas famílias. Tenho aprendido com a comunidade educativa, que a emancipação do trabalho colaborativo acontece e é perceptível nos detalhes do cotidiano através da escuta ativa, comunicação, transparência dos processos e diálogo, e tais afirmações podem ser mais significativas, quando observamos tais ações serem multiplicadas pelas vozes das crianças, famílias, vizinhos, outros educadores e até de pessoas que pessoalmente não conhecemos.

Daí, surge minha inquietação sobre os olhares e práticas educativas do diretor escolar em espaços de educação infantil, sobretudo em Centros de Educação Infantil da Rede Parceira da qual somos regidos por duas instâncias: mantenedora e poder público, aqui representado pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo e OSC, motivando-me em realizar essa pesquisa de mestrado.

Em razão disso, em 2020, tive a oportunidade de ingressar como aluna especial no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais – PROGEPE, pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE, que devido a pandemia realizou-se de maneira remota, onde realizei as disciplinas obrigatórias: Fundamentos da Gestão Educacional; Metodologia da Pesquisa e da Intervenção Educacional; Seminário Temático "Currículo, Formação e Gestão", proficiência em inglês e módulo internacional.

No ano de 2021, ingressei como aluna efetiva no mestrado, tendo como objeto de pesquisa “a atuação do diretor escolar de CEI da rede parceira do município de São Paulo”, na qual realizei os seminários de pesquisa e intervenção, e por meio das disciplinas, textos acadêmicos para estudos e reflexões tecidas com os professores e colegas de estudos, ampliei meu olhar para os diversos segmentos relacionados ao tema da pesquisa e minha própria prática educativa, além de despertar o desejo para a investigação acadêmica.

O mestrado me trouxe profundo conhecimento e clareza sobre a importância do cargo que ocupo quanto referência educativa da

comunidade e instituição que atuo. Durante a pesquisa, minha querida orientadora, me guiou por caminhos que possibilitaram eu me redescobrir como profissional e como gente. Caminhos necessários, para que no exercício da minha função, constantemente eu pratique o exercício das reflexões sobre a minha prática e uma atuação cotidiana humanizada voltada para a colaboração e envolvimento coletivo.

Referências

THEODOSSIOU, Roberta de Freitas. **Gestão escolar colaborativa: estudo em um CEI da Rede Parceira do município de São Paulo.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo, 2023..

NARRATIVAS DE SI E DOS OUTROS: FRAGMENTOS EM PEQUENOS ENSAIOS

Rosiley A. Teixeira¹

Quando convidada por Patrícia para escrever um capítulo no livro que está organizando, pensei sobre as publicações que havia realizado, em que junto com colegas de trabalho (professores, coordenadores e gestores) narrávamos nossas memórias escolares, práticas formativas e pedagógica, trajetórias em que sempre passávamos pelas narrativas de si. Pensei o que escrever (2014), pois já havia me colocado como estudante, professora, formadora. Práticas que segundo Foucault permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, pensamentos, condutas, modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. Pensei então nas questões colocadas por Foucault e sobre o que pretendia com a organizadora do livro? Nos imortalizar ou simplesmente nos proporcionar um exercício sobre si. Pensando na possibilidade desse exercício aceitei o desafio.

Lembro-me que os primeiros movimentos teórico-metodológicos, no trabalho com as *narrativas*, foi organizado para

¹ Possui graduação em Pedagogia, Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso, Doutorado em Educação: História e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora do Departamento de Educação, Curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho /SP. Líder Grupo de Estudos e Pesquisa: Infância e Formação: Estudos Contemporâneos. Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED); Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Membro da Rede Internacional de Investigação - Ação Colaborativa Estreia diálogos e da Collaborative Action Reseach Network (CARN). Membro do Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação (FEPAE). Editora da Revista Dialogia (UNINOVE).

que professores de um curso de Pedagogia pudessem resgatar suas memórias de escolarização, que embora livres circularam por análises diversas incluindo Foucault, Bernard Llhairé, Tomaz Tadeu, Larrosa, Bourdieu, Santos, Freire, Mizukami, Certeau, Bourdieu, Dominique Julia, Weber, Habermans, Foucault, Saviani e outros. Nos textos escritos se identificam recorrências discursivas e enunciações presentes também em outras narrativas e em outros espaços, produzindo efeitos de verdade e, uma prática de subjetivação dos sujeitos tais como a importância da escola em nossas vidas. Que se traduziam em “meu mau, meu bem”.

Do mesmo modo, a medida em que os narradores apresentam suas memórias é possível tomá-las *como técnicas de si*, práticas que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (FOUCAULT; 2014a, p. 36).

Conforme Foucault (2004), a escrita de si, é um exercício praticado desde a antiguidade, e que permite a realização de um exercício sobre si, ao mesmo tempo em que exige uma relação com o outro a quem a escrita se destina. A prática da escrita de si entre os romanos dos séculos I e II, era uma técnica, um exercício sobre si que, assim como a leitura e a meditação, precisava de prática constante que, na Era Cristã, a escrita de si assume o caráter confessional.

Mas a palavra *parresía* é empregada também com um valor positivo, e nesse momento *parresía* consiste em dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascarar-la. O “dizer tudo” é nesse momento dizer a verdade sem dela nada esconder, sem escondê-la com o que quer que seja.

Na contemporaneidade, a escrita de si se expressa através de inúmeras práticas e com diferentes objetivos. Seja por meio de diários, cartas, anotações, registros, livros ou outros tipos de textos,

“o si é algo sobre o que há matéria a escrever, um tema ou um objetivo (um sujeito) da atividade de escritura” (FOUCAULT, 2014a, p. 275).

O livro *Memorias Cruzadas as implicações da escolarização na escolha da profissão docente* é um esboço acerca da escolha profissional de um grupo de professores que, ao discutirem os processos de formação continuada, na disciplina “Seminários Temáticos, Formação Continuada de Professores em Contextos Organizacionais”, no Programa de Mestrado Profissional (PROGEPE/UNINOVE), reconstruíram caminhos deixados por suas memórias de escolarização até a escolha da profissão. Deixamos claro no prefácio que a proposta surgiu após as leituras dos textos e autores que estávamos estudando na disciplina em que retomam suas memórias de escolarização e o tornar-se professor. O trabalho resultou em sete memórias as quais descreviam suas experiências escolares e as opções que fizeram ao longo de suas formações, como profissionais da Educação.

Nos textos, a escrita de si é um conceito-chave que permite a leitura das narrativas autobiográficas e a análise dos processos de subjetivação que mestrandos mostram estar produzindo. Assim, a escrita de si permite perceber tanto a relação do sujeito com os códigos morais que circulam no espaço acadêmico e fora dele quanto os processos de sujeição e subjetivação que se produzem através desse contato do sujeito consigo e com esses códigos, num processo de elaboração ética de uma pesquisa.

Nesse sentido, ou seja, concordando com Foucault no segundo livro que publiquei, agora, com Patrícia Bioto, intitulado *Memorias Cruzadas: as implicações da escolarização na escolha da profissão docente*, tratamos das implicações da escolarização na escolha da profissão, e para tanto colhemos e publicamos as experiências dos nossos orientandos, que em seus textos descrevem para o leitor as razões da escolha da profissão professor

Tendo por princípio a escrita narrativa, organizei o livro *Pesquisas sobre as Práticas escolares: experiências formativas escolares* em que orientandos narravam suas pesquisas.

A escrita de si

Escrever é, portanto, 'se mostrar', se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro.
(FOUCAULT, 2014a, p. 132)

A epígrafe escolhida para iniciar este texto se coloca como inspiração para pensar as narrativas autobiográficas que compuseram o *corpus* empírico de narrativas que tenho produzido ao longo de minha vida acadêmica. Se o ato de escrever é uma forma de inscrever-se e de posicionar-se no mundo, e tornam visíveis as subjetividades que as constituem enquanto sujeitos, a narrativa autobiográfica, deste modo, é uma prática de si que permite às autoras se relacionarem com sua própria moral e refletirem sobre as verdades que as conduzem em um processo de subjetivação em vincularmo-nos às ideologias, as lutas e posicionamentos, em que estamos engajadas. Para tanto, posicionamos este texto nas grades de inteligibilidade da governamentalidade. Entendida como “o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT, 2014a, p. 267), a governamentalidade é um dos principais conceitos desenvolvidos por Foucault. Ela permite mapear, descrever e analisar o conjunto de ações e táticas utilizadas, estratégias de governo distintos, dentre eles o das populações e os indivíduos.

Ao conduzir a conduta dos sujeitos na relação consigo e com os outros, as relações de governo (VEIGA-NETO, 2002) atuam como campos de forças que não apenas regulam, mas criam determinadas formas de ser e de estar no mundo através dos processos de subjetivação, e a pesquisa realizada por um olhar distinto daqueles que atuam no interior da comunidade pode trazer outros direcionamentos, isso é possível desde que haja uma vigilância constante para exercer o permanente questionamento sobre as diversas formas de dominação. Essa postura de crítica sobre o que se pensa e o que se produz é também um dos

ensinamentos de (FOUCAULT, 199, p. 181): “Uma crítica não consiste em dizer que as coisas não estão bem como estão. Ela consiste em ver sobre que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que se aceitam”. A crítica permanente, neste caso, inclui o cuidado de compreender as demandas evidenciadas nas narrativas das mulheres negras, mas sem permitir que sejam capturadas por essas narrativas que são tão importantes para nós, a ponto de não conseguirmos analisar essas produções em sua exterioridade. “Nestas condições, a crítica (e a crítica radical) é absolutamente indispensável para toda transformação” (FOUCAULT, 1994, p. 181). Este texto narrativo faz emergir o conjunto de experiências, em forma de imagens, lembranças de um tempo em que como professora de um curso de pedagogia era a matéria prima em que tecíamos os fios entrelaçando as vivências que começam a adquirir forma através da escrita de artigos, livros que leva tempo esse processo. Costuro, colo, descolo, altero a posição. Afasto-me, olho de longe, toco. Por vezes, gosto, outras não. Refiro-me ao efeito, não as experiências. A produção de textos que nos permitiam e permitiram o olhar sobre si a partir das práticas formativas foram publicadas no livro *Práticas Pedagógicas Formativas: Pesquisa em Ação* (2020), uma coletânea de textos. Esta tessitura, vez por outra me paralisa, pois há o *outro*. *O olhar do outro*. Então, sinto que o olho mais crítico está dentro de mim. A tarefa é quase terapêutica, como adverte Deleuze. A escrita, por vezes nos torna médicos de nós mesmos, diz o filósofo. *Vou-me reafirmando nos relatos que escrevo e compartilho*.

Segundo Benjamin (1975), a narrativa é uma forma de comunicar experiências, com a intenção de transmitir conteúdos. Assim, a narrativa é concebida não meramente como produto de um “ato de contar”, mas como ato de expressar e de revelar o modo pelo qual o(a) narrador(a) concebe e vivencia as suas experiências. O desafio posto no livro, memórias de escolarização foram as narrativas que, concomitantemente revelam vivências sentimentos, relações, atuações, ação, como também a reafirmação de

concepções, apreensão e deslocamento de saberes, questionamentos e elaborações de conclusões provisórias, na perspectiva de transformar a educação dos sujeitos envolvidos e de implicar na realidade social.

Para tanto, é necessário destacar nesse processo vivido as expressões que revelam um movimento de ação-reflexão-ação, movido por inquietações, desejos, angústias, ousadias, afetos, aprendizagens e descobertas. Assim, busco compartilhar nesta narrativa as contradições, a diversidade e as demandas geradas pelo contexto social, que, permanentemente, me provocam a refletir sobre a produção do conhecimento: como é possível fazer? Para quem e como tem sido feito? Qual o papel e o significado da universidade neste processo?

Essas questões me levaram a compreender o papel da Educação na efetivação de um projeto societário e na nossa existência enquanto ser social – o reconhecimento de nossa constituição, enquanto humanos, marcada pela inconclusão e incompletude, como também pela capacidade de ensinar e aprender com o outro. Deste modo, o movimento de superação permanente, por meio da dialética (tese-antítese-síntese) mostrou-me a possibilidade de criar o novo a partir da educação. Considerando este “novo” – o “inédito viável”, conceito, apresentado por Paulo Freire no livro *Pedagogia do oprimido*.

No que tange à educação, como uma criação coletiva, impulsionada por sujeitos, cabe aos (as) educadores (as), o papel de provocar os diálogos, ainda que por publicações de livros e artigos com os colegas, estudantes e orientandos, ou seja, no lugar em que atuamos para que possamos dialogar e construir a partir do diverso, promover o saber e a vivência coletiva e ética. No entanto, nem sempre o papel de narradores, escritores é assumido por nós estudantes e docentes no exercício do ensino na graduação, na pós-graduação, na extensão universitária, indicando que o diálogo com outros espaços e sujeitos da sociedade e pouco problematiza a concepção de educação que a fundamenta – qual é o projeto de sociedade que se tem como perspectiva e como está materializado

nas diversas ações em curso e nas práticas acadêmicas? Temos uma produção acadêmica vasta e diversa, eloquência em vários temas, mas com fragilidade na tradução dos mesmos no cotidiano pedagógico e no diálogo com a sociedade nas relações, nos procedimentos, nas posturas, nas proposições e nas ações. De modo geral, o que escrevemos, discutimos e publicamos em nossas pesquisas ficam “trancadas” em nossos espaços. Textos que são narrativas do cotidiano, das experiências de professores, orientadores, estudantes, mestres e doutores, vide o livro que publicamos como a experiência do mestrado profissional.

As leituras realizadas têm mostrado que para sairmos desse paradoxo se faz necessário romper com o paradigma positivista e/ou desenvolvimentista, e assumirmos a *filosofia da práxis*. A filosofia na compreensão de Gramsci é visão de mundo, assim, uma condição política. Como, então, entendê-la a partir da práxis? Para Gramsci (1987), a filosofia da práxis é uma atitude crítica de superação da antiga maneira de pensar, tendo como elemento importante o pensamento concreto existente (universo cultural existente). Assim, realça a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social. A cultura é compreendida como uma criação social do ser humano; ela é simultaneamente um processo e vários produtos construídos na relação entre ser humano e natureza, e com outros humanos. Assim, a cultura é ontológica à existência humana. A práxis, entendida como uma unidade dialética entre teoria e prática, não é um fator meramente mecânico, e sim o construto do devir histórico. Esse devir deve ser entendido na lógica do ser humano (ou sua natureza) como a expressão da coletividade e suas ações transformadoras de si e dos outros, cujas relações são de natureza social e histórica. Essa unidade entre teoria e ação é uma relação dialética que postula o ser histórico como político, ampliando a visão de filosofia e política como dados totalizantes: a própria condição existencial. (GRAMSCI, 1987).

A narrativa é um importante instrumento na construção do conhecimento da realidade vivida pelas pessoas e as diversas dimensões envolvidas no processo, percebo que as minhas vivências

profissionais ganham novos sentidos quando através das leituras teóricas ou que compartilham experiências, me permito sair do lugar supostamente conhecido e trânsito entre a prática e a teoria.

Experiências narrativas

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.
(LARROSA, 2002)

Seguindo o caminho da pesquisa narrativa, organizei o livro *Pesquisas sobre as práticas escolares*, no qual nove orientandos narram as práticas escolares e apresentam aspectos de pesquisas realizadas sob minha orientação. Pesquisas com impacto sobre a vida daqueles que as produziram, pois em sua totalidade os pesquisadores eram professores de escolas públicas e viram no mestrado, a possibilidade de enfrentarem seus “medos”. Para tanto, puseram-se a realizar um exercício interpretativo sobre a própria prática, o olhar atento para a escola e a busca de uma compreensão que ultrapassasse os “achismos”.

Estudos que não só permitiram um movimento sobre si, mas sobretudo dialogaram com a escola a partir dos estudantes, professores e a gestão escolar. Esses estudos evidenciam a realidade de escolas públicas estaduais e municipais, em seu cotidiano. Nesse sentido, olharam para as escolas a partir de suas singularidades e seus “que fazeres”. As discussões empreendidas pelos professores pesquisadores apontam para uma analítica na qual discursos e práticas cotidianas foram contemplados, criando reposicionamentos nos jogos de verdade que, segundo Foucault (1994 p. 12)², “[...] foram constituídos, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência [...]”.

² FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

Desse modo, pesquisados narram suas experiências e pesquisadores se formam e informam com a produção dos dados constituídos nas/com conversações e problematização de práticas singulares tecidas com os fios das experiências individuais e coletivas. Apontam que os produtos culturais usados por professores e alunos são constantemente significados e reinventados por meio de múltiplas redes de saberes, valores, afetos, afecções e poderes que são tecidos no coletivo escolar.

Por fim,

Por utopia entendo as pesquisas como mais uma, dentre as muitas possibilidades de lutar por um mundo melhor ao qual a humanidade tem direito. Santos (2003), ao citar Fourier, nos ensina que os problemas fundamentais estão na raiz de nossas instituições e das nossas práticas sociais. Para ele, ao aprofundarmos e ampliarmos as nossas questões, encontraremos soluções cada vez mais profundas e amplas. Desse modo, aponta Santos (2002), que o pensamento utópico é produzido com economia de pilares, transformando silêncios, sussurros e ressaltos insignificantes em preciosos sinais de orientações.

Percorrer as pistas, os indícios, as evidências e escutar as indicações dos protagonistas do cotidiano tem sido o nosso principal desafio. Desse modo, a ideia do “fazer-com” é o que estamos procurando praticar nas nossas pesquisas. Ao serem convidados a entrar nas escolas, pesquisadores se dedicam a estudar o cotidiano atravessado com as múltiplas redes de afetos, afecções, saberes, poderes e fazeres dos seus praticantes. Nesse sentido, o pesquisador vivenciará os processos curriculares e as práticas pedagógicas, produzindo e não coletando dados, mas “experenciando” outras formas de se formar como pesquisadores do cotidiano. O livro está organizado a partir das práticas e organização de espaços para a leitura, a arte e o teatro. Diz-nos também sobre a memória de escolarização de mulheres adultas e pela memória e a ausência dela em suas vidas. As pesquisas

dialogam com professores, gestores, estudantes. Trazem a lume a organização e uso dado aos espaços educativos.

Referências

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19. 2002.

FOUCAULT, Michel. Escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Trad. Elisa Monteiro e Inés Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Sexo, poder e indivíduo**. 2.ed. Ilha do Desterro: Nefelibata, 2005.

FOUCAULT, Michel. A Governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz & Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2014c.

TEIXEIRA, Rosiley Ap. Memórias de Escolarização e as razões improváveis de sucesso escolar. In: TEIXEIRA Rosiley A.; BERCELLI, Lígia de Carvalho Abões. **Memórias de Escolarização**

e as práticas de subjetivação dos sujeitos. São Paulo: Acadêmica, 2014, p.18-36.

TEIXEIRA Rosiley Aparecida; BIOTO-CAVALCANTI, Patrícia (org.). **Memórias cruzadas:** as implicações da escolarização na “escolha” da profissão docente. São Leopoldo: Oikos, 2015.

SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice:** O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2009.

PERCURSO FORMATIVO: SUPERAÇÃO COMO SINÔNIMO DE CONSTRUÇÃO

Sônia Rocha de Almeida Vieira¹

Início esta narrativa², confessando que não tenho muita facilidade de contar sobre minha vida, talvez por seguir o conselho de minha mãe, que dizia: “Tem coisas que não se contam nem para sua melhor amiga; nem tudo precisa ser contado”. Como filha obediente, tentarei ouvi-la. A lembrança desse conselho remeteu-me a outra situação recente, no ano de 2021. Uma criança da educação infantil se negava a comer na escola. Durante as refeições, sentava-se junto das demais, cruzava os bracinhos em cima da mesa e, como era bem determinada e falante, tomava conta do restante dos colegas. Todos os dias eu tentava persuadi-la a comer, até que, certa vez, ela me disse: “Minha mãe é que me manda”. Demorei um pouco para entender, mas confesso que tive de me afastar para que não me visse sorrindo. Garota inteligente... Quem eu pensava que era para mandar nela?

Voltando à minha narrativa, hoje eu sou uma profissional da educação formada no magistério, em pedagogia e psicopedagogia, com alguns cursos de especialização na área e, neste momento, mestranda. Contarei aqui meu percurso para esta minha formação.

Sou a sétima filha — a caçula — de uma família do Oeste do estado da Bahia, de uma cidade ribeirinha do Rio São Francisco.

¹ Atua na educação há 17 anos. Mestre em Educação pelo Programa Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), UNINOVE (2023) – pesquisa “O trabalho colaborativo na escola: o que pensa a equipe gestora das escolas públicas da rede municipal de ensino de São Paulo”. Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade da Cidade de São Paulo - UNICID. Graduada em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Este texto é parte da dissertação de mestrado acima citada, defendida em 2023 no PROGEPE/UNINOVE.

Meus pais foram criados no campo, com baixa instrução escolar, porém com grande sabedoria de vida. Mudaram-se para a cidade quando eu tinha um ano, pois meus irmãos precisavam cursar o segundo grau, e a escola no povoado onde morávamos só funcionava até a quarta série do antigo primeiro grau. As aulas eram ministradas por minha tia em classe multisseriada. Ela era a diretora, a professora e a merendeira, assim como a “dona” da escola, uma vez que o prédio tinha sido construído porque minha vó cedeu o terreno para a construção. Era tudo em família. Tive uma infância bem feliz. Os problemas eram muitos, mas, como não eram de minha responsabilidade naquele momento, não os sentia. Como irmã mais nova, seguia as regras e as brincadeiras dos meus irmãos, 5 meninos e uma menina. Meu irmão Clodoaldo, dois anos mais velho que eu, era meu espelho; onde um estava, lá estava o outro. Juntos, acho que não pesávamos 50 quilos. Brincar de escolinha era quase sempre nossa escolha, e nossa irmã assumia o papel de professora, muito séria e rígida. E foi assim que cheguei à primeira série, sabendo escrever algumas palavras, pintar dentro do pontilhado e com uma letra já firme, como dizia minha professora.

Entrar para escola foi um dia muito esperado. Presenciei, por longos anos, os meus irmãos indo e voltando daquele lugar, e isso me causava grande ansiedade. Não via a hora de chegar a minha vez. Quando o Clodoaldo se formou na primeira série, minha mãe comprou uns pirulitos, que chamávamos de “zorro”, e bolo “santista” de laranja, para a festa coletiva. Sinto até hoje o cheiro daquele bolo. Ele era comprado somente em ocasiões muito especiais, tal como a formatura da quarta série, no ano anterior, de minha irmã, e isso só aumentava minha vontade de ir à escola e, logo, ter o meu bolo.

Minha professora da primeira série tinha um nome diferente. Ela se chamava “Argentina”. É um orgulho só o fato de poder lembrar dela. Os amigos a chamavam de “Tininha”, pessoa educada e de voz doce. Lembro-me de como mostrava meus desenhos e atividades para as outras professoras, falando como eu pintava bem, dentro da linha, e como a minha letra era firme, por

já saber segurar no lápis. Nossa turminha era bem tranquila. Seguimos juntos por um bom tempo — alguns até o magistério —, não sem alguns atropelos. Ressalto que o “juntos” se refere também às brincadeiras, às peraltices e aos piolhos, praga da qual não conseguia me livrar porque vivia abraçada com os amigos, e era tarefa da minha irmã tirar. Acho que devo essa a ela. Lembro-me de um coleguinha chamado Virgílio, que descobriu que gostava do lanche colocado por minha mãe em minha merendeira, que tinha garrafinha e tudo. Um verdadeiro luxo. Na garrafinha, sempre ia chá de canela, o meu preferido; e na merendeira, bolacha. Todos os dias, Virgílio tomava meu chá. Saía correndo com a garrafa, e eu atrás dele. No final, dividíamos o lanche, e eu nunca contei para a professora. No fundo, gostava dele. Sempre tive essa coisa de gostar dos “atentados”. Até hoje me afeiçoo aos estudantes que costumo chamar de “atentados por natureza”. Eles têm um brilho diferente nos olhos; olhos de quem diz: “estou pensando um jeito de fazer arte”, e fazem. Costumam ter uma inteligência de sobrevivência, de esperteza ou algo assim.

Como nem tudo são flores, tenho algumas memórias não tão “doces” dos meus primeiros anos de escolarização. Quando passei para a segunda série, o governo da Bahia lançou um novo programa de alfabetização chamado Alfa I e Alfa II, e fomos selecionados por idade. Era tudo muito confuso. Acho que, por conta disso, cursei duas vezes a primeira série. Vale ressaltar que o programa acabou pouco tempo depois. A turma foi mudando, e alguns colegas repetentes iam compondo o nosso grupo. Na terceira série, ganhei de presente a notícia de que minha matrícula tinha sido encaminhada para outra escola. Minha mãe, sem entender direito o motivo da transferência, foi conversar com a diretora, mas sem sucesso. Fui, então, sozinha para outra escola, numa rua que chamávamos “rua de baixo”, seguindo a toponímia do lugar onde eu morava: rua de cima, rua de baixo, rua do cruzeiro e tomba surrão. Na rua de cima, estava o que a cidade considerava “elite”; na rua de baixo, concentravam-se os pescadores; um pouco além, estava a rua do cruzeiro, onde, em

tempos remotos, existia uma cancela, que dividia a zona urbana da rural, porém a cidade foi avançando; por fim, no tomba surrão, havia grande concentração de população negra, hoje reconhecida como área quilombola.

Voltando à escola para a qual fui transferida, eu a frequentei por algumas semanas. Num belo dia, resolvi, sem contar para minha mãe, voltar para minha antiga escola. Cheguei, entrei, fui para minha turma e me sentei. Quando a professora entrou na sala, perguntou-me o que eu estava fazendo ali. Acho que, naquele momento, eu decidi, pela primeira vez, o rumo da minha vida. Olhei firme para ela e, como se dissesse “Quero ver quem me tira daqui”, falei que minha escola era aquela e iria ficar. Por incrível que pareça, ela, que tinha fama de brava, foi falar com a diretora, e eu permaneci com meus amigos.

No ano seguinte, ganhei uma amiga nova, e a história dela tem me ajudado até hoje a ter mais paciência e empenho quando recebo estudantes com grandes dificuldades de serem alfabetizados. Antes, porém, de contar sobre a minha então nova amiga, retorno à escola — aquela para a qual fui encaminhada e da qual saí por conta própria aos oito anos de idade — para contar um fato que lá vivenciei. Certa vez, a professora fez uma “roda de tabuada”. Talvez o nome seja desconhecido, contudo só sabe quem viveu, ou melhor, sobreviveu àquilo. Era uma verdadeira tortura, e ousou dizer que o nome daquela atividade poderia ser trocado por “tortura da tabuada”.

Os estudantes ficavam em pé, em forma de círculo. A professora ia sabatinando um por um com a tabuada de multiplicação, e quem não acertasse o resultado ganhava um “bolo, que não era o “santista”, de laranja, comprado por minha mãe. Para facilitar o entendimento, faço uma descrição exata daquele momento: lançava-se uma pergunta a um dos estudantes; se ele acertasse, a pergunta seguia para o colega que estava à esquerda; em caso de erro, esse outro aluno bateria com uma palmatória na mão do que errou. Eis o “bolo”. A palmatória era um pedaço de madeira esculpido em formato de uma régua gigante com um

círculo na ponta. Levando em conta o peso da matéria-prima com a qual se fabricava o instrumento, é possível presumir o quanto esse momento era assustador. Não sei explicar o que era pior, mas suponho ser a espera. Ou seja, esperar até chegar minha vez, olhar para os colegas com o mesmo medo nos olhos, embora alguns estampassem o desejo de chegar a hora de se vingar de quem estava a seu lado.

A roda de tabuada tinha sido anunciada para o dia seguinte, a fim de que tivéssemos a oportunidade de estudar, afinal a professora era “uma pessoa bondosa”. Na data marcada, ela chegou, tirou a palmatória da bolsa e colocou sobre a mesa. Até hoje eu me lembro do barulho gerado pelo atrito da madeira da palmatória e da mesa. Aquilo fez com que todos dessem um sobressalto na cadeira, tamanha era a expectativa. Ninguém piscava ou falava, pois a voz, amiga traiçoeira, tinha ido embora há muito tempo, e a memória teimava em falhar. Por isso, os números eram repetidos mentalmente, a fim de que se mantivessem vivos.

Nessa sala, havia uma menina considerada “molona”, e o digo sem pretensão de fazer *bullying*, mas de apenas registrar como a chamavam na época. Era uma criança com dificuldades, na verdade. Vale ressaltar que a “roda” tinha regras: não era permitido repetir a fala da professora, nem gaguejar; caso contrário, perdia-se a vez, e o bolo corria solto. Quando chegou a minha vez — e aproveitei para esclarecer que tinha estudado e era considerada boa em matemática —, a professora perguntou quanto eram “quatro vezes oito”, e eu não soube responder. Parei para pensar, e minha vez passou. Creio que, naquele momento, meu tempo parou, e eu não percebi que a menina à minha esquerda era aquela chamada de “molona”. Surpreendentemente, ela acertou a resposta e me aplicou o bolo, que inclusive não doeu, ou talvez tenha doído menos que a cruel espera.

Voltemos à minha amiga. A mãe dela vendia um doce típico da minha região, feito com rapadura, e eu sempre era presenteada com um. Entretanto, a menina tinha muitas dificuldades de aprendizagem. Já era repetente por dois anos e não conseguia ler.

Nossa professora, da quarta série na ocasião, tinha o hábito de “tomar a leitura” ao fim do dia, e quem lesse iria embora. Apesar de ter vivido uma infância feliz, como já dito, e embora meu período escolar tenha sido de grandes diversões e amizades, aqueles momentos de esperar por minha amiga eram piores até mesmo do que a já referida “roda da tabuada”. Devido à sua dificuldade, no dia da leitura, passávamos o recreio treinando a leitura, e a colega memorizava o texto. Em alguns dias, aqueles de “bom humor”, a professora deixava passar, porém ela passou a saltar as frases do texto, e a memorização não estava pronta para aquilo. Logo, minha amiga não conseguia acertar e, a cada gaguejada, a professora desferia uma reguada em sua mão, da qual a menina não podia se livrar. A ordem era: “ESTENDA A MÃO!”. As lágrimas, em silêncio, corriam pelo seu rosto. Tal como no caso da palmatória, a espera era o pior da situação. Minha amiga era sempre a última a fazer a leitura, e íamos embora juntas. Não consigo me esquecer.

Os demais anos se passaram dentro da “normalidade”. Na quinta série, tínhamos de mudar da escola para o colégio, ambos públicos, momento também muito esperado. Alguns amigos seguiram juntos e também conquistei novos. Permaneci até o início da oitava série, mas, por problemas com a regulamentação do colégio — muitos diziam que ele não estava registrado e, por isso, corríamos o risco de não ter diploma ao fim do curso —, minha mãe resolveu me transferir para um colégio de administração mista, de ordem social, que cobrava uma mensalidade reduzida. Era o único na cidade, considerado como particular. Fui estudante do sistema de profissionalização da educação escolar, instaurado no país na década de 1980. Em minha cidade, no então segundo grau, era ofertado somente o curso de magistério. Portanto, fazer esse curso não foi uma escolha. Alguns da turma saíram da cidade em busca de outras opções, mas a maioria permaneceu. Esse foi para mim um período de grandes desafios, descobertas, amizades e boas influências, mas também marcado por um momento de despedida física do “anjo” que Deus me concedeu como mãe. E esse fato

considero ser um daqueles que ela me dizia que não precisava ser contado. Digo que sinto saudades, mas alegro-me e agradeço sempre a Deus pela oportunidade de ter sido sua filha. Sua partida não me enfraqueceu; pelo contrário, fui criada e instruída para sobreviver. E aqui estou.

Mesmo não sendo uma escolha, gostei de cursar o magistério. A “galera” era muito boa, e demos muito trabalho aos professores. Um deles nos jogava uma praga: sempre que começávamos a fazer bagunça em suas aulas, ela dizia: “Meu consolo é que todos vocês serão professores um dia”. E a direção do colégio, creio que a diretora, deve se lembrar da nossa turma até hoje, porque, entre outras tantas, escolhemos para paraninfo um candidato a prefeito da oposição — e política em cidade pequena é algo muito sério, ao menos no quesito “competição”. No dia da formatura, a composição da mesa foi tensa.

Boa parte dos garotos de minha sala tocava na filarmônica da cidade — por um bom tempo, só os meninos eram aceitos na banda —, portanto tínhamos violão, sax e outros instrumentos, muitas vezes improvisados na sala. Fizemos muitas festas para arrecadar dinheiro, com o objetivo de viajar até Salvador, coisa que fiz pela primeira vez aos dezessete anos. Enfim, diversão não faltou. O curso era distribuído em três anos, com estágios de observação semanais, distribuídos nas escolas da cidade. No último ano, assumimos uma sala por quarenta e cinco dias, período escolhido a dedo pelos professores do curso, pois todas as datas comemorativas caíram em nosso planejamento (dia da criança, dia do professor e até o dia da árvore). Logo, era preciso elaborar as festinhas e os presentinhos, cujo patrocínio e organização ficavam a nosso cargo.

Em 1993, no ano seguinte ao término do curso, mudei-me para São Paulo, para morar com meus irmãos que já estavam por aqui. Assim que cheguei, ingressei no mercado de trabalho na área atacadista de materiais para construção, onde permaneci até o ano de 2006. Passei pela função de vendedora, coordenadora e supervisora de equipes. No entanto, meus planos para a cidade

eram os estudos. Iniciei um curso pré-vestibular, onde permaneci por alguns meses, mas deixei por algum tempo por questões familiares. Quando percebi, seis, sete anos tinham se passado. Sentindo o desgaste e as cobranças do mercado de trabalho do qual fazia parte, resolvi retomar os estudos. Costumava dizer a meus clientes que não aguentava mais vender martelos e pregos, mas, quando dizia que ia fazer pedagogia, muitos falaram que eu não ia conseguir ficar e davam risadas.

Tive muitas dúvidas do que cursar. Mais uma vez, a educação veio como algo que me parecia mais viável à época. Acho que a praga daquele professor acabou por me acertar. Brincadeiras à parte, fiz inscrição no vestibular na Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie para o curso de pedagogia, ambos bem concorridos na ocasião. Na Fuvest, fiquei na segunda fase e, no Mackenzie, fui chamada para compor a turma. Assim, iniciei o curso em uma universidade particular de dimensões, para mim, gigantescas, e que, naquele momento, custava um terço do meu salário. Fui “com a cara e a coragem”. Naquele espaço tudo me assustava: desde me perder várias vezes no *campus* a não entender coisa alguma das matérias. Muitas vezes, me perguntei o que estava fazendo ali.

Como ninguém havia dito que seria fácil, fui me enturmando e, no terceiro mês, descobri a existência de um setor social de bolsas de estudos na universidade, que era, na verdade, uma instituição “filantrópica” e precisava destinar uma porcentagem de sua arrecadação para trabalhos sociais, dos quais a bolsa de estudos fazia parte. Demorei um tempo para achar o departamento, pois chegava à universidade sempre muito em cima da hora ou depois dela. Vale lembrar que as aulas iniciavam às 18h30 e, como eu tinha serviço de oito horas/dia e morava na zona leste da cidade, chegar no horário era um luxo que nem sempre foi possível.

Um dia, encontrei alguns anjos no setor de bolsa que me orientaram como conseguir uma e, dentre a imensidão de documentos que deveria apresentar, era preciso redigir uma carta à próprio punho, informando o motivo da solicitação. Fiz a carta

em uma única sentada. Creio que nem as histórias dos cantores sertanejos de Goiânia, plantadores de tomates — com todo respeito à suas histórias —, conseguiriam vencer as lamentações de meu texto. Ao terminar minha carta chorosa, eu a encaminhei ao setor. E o empreendimento funcionou, pois terminei o curso dentro do tempo estimado como bolsista.

Como já dito, tudo naquele lugar era novo para mim: encantamento, ansiedade, medo de fracassar. Eram sentimentos mistos, companheiros diários. Em minha turma, havia colegas de condições financeiras diversas. Alguns sequer conheciam a região em que eu morava, por ser considerada afastada e periférica. Entre tantos, havia funcionários da instituição, também bolsistas, que escolhiam o curso de pedagogia por seus objetivos e razões particulares; além de professores já atuantes na área da educação, que, por determinações legais da época, buscaram o curso para continuar atuando — os docentes atuantes na área compunham a maior parte da turma. O curso teve duração de quatro anos, sendo o último voltado para uma especialização. Minha opção foi "Administração escolar do ensino básico e magistério das matérias pedagógicas do ensino médio". Como Deus sempre coloca anjos em minha vida, tive como orientador de trabalho de graduação interdisciplinar (TGI) o professor Carlos Prado, pessoa magnífica que foi, além de orientador, amigo; alguém por quem tenho imenso carinho e gratidão pelos incentivos e encorajamentos, além de se dignar a compartilhar seus conhecimentos de forma tão simples e humilde. Dentro da especialização, escolhi fazer minha pesquisa voltada para o terceiro setor, e meu orientador desenvolvia um projeto social chamado "Ser Um Mano", com os meninos em regime de reclusão da Fundação Estadual do Bem-estar do Menor (Febem), unidade Tatuapé UI-19³ — que frequentei aos domingos

³ Febem – Fundação Estadual do Bem Estar do Menor, hoje conhecida como Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP). Sua função é executar as medidas socioeducativas aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos com idade de 18 anos incompletos. Na Fundação CASA, eles podem cumprir pena de

no decorrer do ano de 2004, junto ao projeto, para observação e interação com os internos. Foi uma experiência ímpar, mas confesso que fiquei sem dormir na semana que antecedeu à minha primeira visita, tamanha era minha expectativa e preocupação em adentrar um terreno até então desconhecido para mim.

Enquanto cursava Pedagogia, já no último ano, prestei um concurso público para professor de ensino básico I, da rede estadual de São Paulo e, após o processo seletivo, fui convocada ao trabalho. Aceitei-o, sem experiência alguma com a sala de aula e recheada de teorias, sem ter ideia do que fazer com elas. Ao anunciar ao meu chefe que deixaria a empresa para dar aulas, ele gentilmente — ou por não acreditar que eu fosse — me permitiu trabalhar apenas no contraturno até eu me decidir se ficaria na educação. Fiquei até o fim do ano na loja, e a decisão, a essa altura, deve parecer óbvia.

Assumi o cargo em fevereiro de 2006, com uma turma de segundo ano, em uma escola que atendia somente a estudantes até a quarta série, na qual me encontro até hoje. Nesse período, exerci a função de professor coordenador pedagógico, vice-diretor em outra unidade, e deixei o cargo de coordenação para conciliar o trabalho com um contrato pelo Serviço Social da Indústria de São Paulo (SESI/SP), como professora de educação de jovens e adultos (EJA) no noturno, em um projeto de alfabetização dentro de um canteiro de obras, durante dois anos e três meses. O projeto tinha por nome “Educação no Canteiro” e contemplava duas turmas: uma de telecurso, que correspondia ao Ensino Fundamental 2, e minha sala de alfabetização, que iniciei com quarenta e cinco estudantes, todos funcionários da obra, com mais de trinta anos, em sua maioria naturais do estado do Piauí, que nunca tinham frequentado a escola e com histórias de vida para além da imaginação. Nada supera a emoção de ver um adulto, que passou

reclusão até no máximo a idade de 21 anos completos, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_CASA. Acesso em: 18 abr. 2022.

por diversas experiências na vida — entre elas, uma reclusão de quatro anos em regime fechado, voltar do banheiro sorrindo porque conseguiu ler e entender o que estava escrito na porta do banheiro e dizendo: “Esse povo escreve cada coisa, né?”. Naquele momento, ao imaginar o quanto ele já havia visto de escrita por onde passou, não contive minhas lágrimas. Contudo, ao mesmo tempo, isso me encheu de alegria, porque ajudá-lo a enxergar o mundo da escrita foi imensamente gratificante.

Prestei novo concurso público na rede municipal de São Paulo em 2014 e, mais uma vez, após processo seletivo de provas e títulos, assumi, no ano seguinte, um cargo de professor de Educação Infantil e Fundamental I. Desde então, acumulo cargo de professor na rede estadual e municipal de São Paulo. Foi nesta última que iniciei o meu processo de ingresso para o mestrado.

Tomei conhecimento do mestrado profissional da Uninove por meio de uma colega de trabalho, por quem tenho imensa gratidão. Na ocasião, ela participava do processo seletivo de 2017 e me incentivou a fazer também, embora eu não tivesse levado a sério. Cheguei a fazer a inscrição e estive presente no dia da prova, mas não passou disso. Não acreditei ser possível e fiz só para acompanhar a colega e conhecer o processo. Ela conseguiu entrar e, em 2019, novamente me abordou com um convite para participar de um grupo de estudos com a professora Rosiley Teixeira. Os encontros aconteciam aos sábados na Unidade Vergueiro. Porém, depois do terceiro, o projeto foi suspenso por questões administrativas. Em 2020, no segundo semestre, em virtude da pandemia de Covid-19, as aulas de mestrado da Universidade estavam acontecendo *on-line*, via internet, pela plataforma Meet, e essa mesma amiga me contou acerca da possibilidade de participar das aulas como ouvinte — “sem compromisso” —, uma vez que ainda não tinha participado do processo seletivo. De imediato, eu me interessei e entrei em contato com a professora Rosiley, pedindo permissão para participar. Permissão concedida, comecei a frequentar as aulas das 14h às 18h, duas vezes por semana. Elas eram ministradas pela professora Rosiley, pela professora Patrícia

Bioto e por três mestrandos que expunham suas leituras e estudos por meio de mapas mentais elaborados sob orientação das docentes; a partir dali, abria-se para discussão do tema. O material era produzido pelos estudantes e socializados via compartilhamento de telas. Após assistir a primeira aula, estendi o convite a duas colegas que trabalhavam comigo na escola do Estado e, assim, juntamo-nos à turma. Com esse acesso às discussões, meu envolvimento foi aumentando e comecei a fazer planos para o ano seguinte, para entrar no projeto. Um dos temas discutidos nessas aulas era o trabalho colaborativo, baseado no livro *Por que é que vale a pena lutar?*, de Michel Fullan e Andy Hargreaves (2001). Nele, os autores apresentam estudos sobre as culturas escolares e, dentre outros assuntos, temas referentes à cultura do individualismo e à cultura colaborativa. Foi em meio às discussões sobre os “muros do privatismo” e como combatê-los que comecei a desenhar meu projeto de pesquisa.

Para viabilizar meu acesso ao mestrado, tive de reorganizar minha vida profissional. Naquele ano (2020), em que eu participava das aulas *on-line*, estava em sistema de trabalho remoto em minha própria residência; portanto, o tempo era viável. Todavia, a expectativa para o ano seguinte era a de que a pandemia acabaria, e voltaríamos à rotina “normal”. Com trabalho remoto ou presencial, meu primeiro objetivo era ter tempo disponível para estudar e, como se pode imaginar, trabalhando em duas escolas, não seria possível. Após fazer o planejamento financeiro — passando todos os boletos para o marido —, resolvi pedir remoção da Unidade Escolar municipal — a escola em que eu estava só atendia ao ensino fundamental no período vespertino e coincidiria com as aulas do mestrado; por isso, procurei uma unidade que tivesse a possibilidade do trabalho matutino. Da escola estadual, solicitei afastamento temporário do cargo, sem remuneração, por dois anos. Os motivos que me fizeram optar por me afastar da escola do estado, e não da prefeitura são dois: o maior salário e a possibilidade de licença, garantida pelo artigo 202 da Lei nº 10.261/68; na rede estadual, há menos burocracia para o

deferimento. Toda essa organização se deu antes do processo seletivo, mesmo sem saber se conseguiria ser aprovada. Entretanto, foi preciso arriscar. Iniciei o processo seletivo em dezembro de 2020, com a inscrição no *site* na Universidade, segui para o envio da documentação exigida em fevereiro de 2021, passei pelo envio do pré-projeto e cheguei à arguição em março de 2021. No fim de março, saiu a aprovação e, com grandes planos e expectativas, dei início ao mestrado no mês de abril.

Minha orientadora, professora Rosiley, sempre nos faz lembrar que a vida não para, a fim de que nossos planos aconteçam. É a mais pura verdade. O ano de 2021, considerando o cenário pandêmico, começou “tranquilo”. Continuava em trabalho remoto em casa, conciliado com os estudos das matérias obrigatórias do mestrado no período da tarde, que, diga-se de passagem, eram bem intensos — muitas leituras, interações e desafios a todo momento. Meus planos para esse ano era retornar à escola da qual tinha me removido para desenvolver a pesquisa, como tinha planejado inicialmente. Entretanto, não consegui vaga. Na nova escola, a pesquisa não foi rejeitada a princípio, mas, como a proposta de responder ao questionário não foi aceita pelo diretor e pelo assistente, após algumas tentativas, entendi que realizar o estudo nessa instituição não seria possível, e as intenções e planejamentos do projeto de pesquisa tiveram de ser repensados. E assim seguimos em frente.

Referências

VIEIRA, Sônia Rocha de Almeida. O trabalho colaborativo na escola: o que pensa a equipe gestora das escolas públicas da rede municipal de ensino de São Paulo. Dissertação - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LIPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro. São Paulo, 2023.

REDUZIR AS LACUNAS DAS DIFERENÇAS, TRABALHANDO A DIVERSIDADE DE MANEIRA INCLUSIVA

Tiago Benedito dos Santos¹

Os melhores professores tendem a ser aqueles que pensam sobre o que querem realizar, como vão conseguir, por que querem que os alunos aprendam e como saberão que os alunos aprenderam. Reconhecendo as muitas facetas do ensino, a reflexão crítica convida os professores a investigar o ensino e a aprendizagem com maior profundidade sem reduzir todas as questões de valor educacional a relatos técnicos de habilidade, competência e outras medidas de desempenho.

A reflexão crítica na prática docente envolve descrever e questionar sentimentos e ações tidos como certos. Não é um fim em si mesmo, mas um meio de desenvolver uma filosofia e uma estratégia de ensino. Envolve professores aprendendo sobre os outros e sobre si mesmos por meio de 'pesquisa' em sua própria prática. Tornar-se criticamente reflexivo não acontece automaticamente no ensino. Requer uma percepção consciente de compreender um processo de pensamento e utilizá-lo na prática. Mas não é só para os professores. Incentivar os alunos a serem criticamente reflexivos também aumenta seu progresso como alunos e professores.

¹ Graduado em Letras (Português e Inglês) (2017). Graduado em Pedagogia (2020). Pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão Escolar pela Faveni (2018), Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação Inclusiva (2019), pela mesma instituição. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo. É professor da rede pública de ensino, Educação Básica, Campos do Jordão - SP, 2023.

Tenho mais de 15 anos de atuação na Educação e nesse período vivenciei muitas realidades diferentes com docentes, discentes, Equipe de Assessoria Pedagógica e os demais envolvidos na área. As diferentes realidades mostraram claramente a desvalorização da educação de modo geral, mas também me deram a oportunidade e o privilégio de conhecer e conviver com pessoas que acreditam que a educação ainda é o caminho para mudança de vida, em todas as áreas e, conseqüentemente, o caminho para a construção de uma sociedade mais justa.

Primeiro dia em sala de aula, agora, na função de professor, em um ambiente repleto de criança, com idades e tamanhos diferentes, tomado por uma sensação de medo e coragem ao mesmo tempo, “um frio na barriga”. Elas me olhavam com uma certa expectativa, uma admiração, e um misto de emoções impressionante vinha em minha direção, um êxtase me invadiu naquele instante, senti no momento um amor em cada olhar. Foi aí que a emoção explodiu dentro de mim, a responsabilidade me “sinalizando” o quão era sério estar ali e o quanto eu poderia fazer a diferença na vida daqueles que estavam diante de mim e vice e versa, sem contar o tamanho da minha incumbência frente ao cargo.

Passei a entender e vivenciar tudo o que os meus grandes mestres, apaixonados professores que trabalhavam com a alma, queriam dizer e transmitir a nós, alunos na época da formação. Descobri que meus conhecimentos teóricos eram poucos diante de tudo que eu ainda precisava aprender. Quis saber mais e fui atrás de mais. Além de todos os cursos de formação oferecidos durante o ano de atuação, iniciei minha graduação em Pedagogia. Ampliei conceitos trabalhados na formação inicial e aprendi novos, que unia a teoria à prática. Parti para uma especialização em Gestão Escolar Integradora: com ênfase em Administração Escolar, Orientação, Supervisão e Inspeção, que me fez enxergar a amplitude que envolvia a educação, não apenas resumido à sala de aula, mas todo o contexto administrativo. Compreendi que ensinar era, antes de qualquer coisa, aprender.

Vivendo situações e experiências com dezenas de vidas diferentes juntas, por um curto período (apenas 4 horas por dia), buscando romper as inúmeras barreiras de convivência de maneira que fosse bom para todos, colocando em prática regras, conceitos e entendendo, ou buscando entender, tudo que era transmitido, me encontrei! Gostei, arrepiei, emocionei, meu coração pulsou e eu me apaixonei, me entreguei, me rendi, me doei. E me entrego, e me doo e me emociono até hoje!

O melhor de tudo: aprendo, sempre aprendo e aprendo a aprender. Nunca mais vivi um dia igual ao outro. Tornei-me melhor, comecei a enxergar o mundo diferente, fiquei mais forte e mais emotivo, porém mais crítico com a educação que ofertamos na era da tecnologia, onde o acesso à informação está a um dedo de “todos”.

Entretanto ainda temos que conviver com a nossa não evolução educacional, a qual passamos do “quadro e giz”, transformados em “lousa branca e caneta para quadro branco”, parecendo ser essa a maior invenção de todos os tempos nas escolas do Brasil. No mais, tudo parece preto e branco, impresso em incríveis impressoras digitais, com a mesma metodologia dos antigos mimeógrafos com o cheirinho de álcool.

Experimentei emoções na educação que nenhuma outra profissão me ofertou. Já vi a fome de perto, em estômagos que não eram o meu. Já briguei com o *Bullying*, com o preconceito, com o racismo, com o abuso sexual, com a falta de educação, com o medo, com a dor, com o desprezo. Já cheguei em uma Unidade Escolar querendo voltar. Por querer mudar essa realidade dura que já presenciei em tantos olhares, já bati na mesa, já falei mais alto, gritei, fiz greve, já me estressei de explodir no corpo, fiz de tudo um pouco, eu só não desisti.

Ainda temos uma educação ‘descrente’, inclusive para aqueles que sobrevivem dela. Profissionais que buscam cada vez mais outra profissão, (por desvalorização, talvez) outra fonte de renda e com isso descredibilizam cada vez mais o encanto do aprender juntos, ensinar o que sabemos, transmitir o que

aprendemos, dividir conhecimentos e experimentar o prazer de uma educação que faça o que o nosso eu interior anseia.

É possível vislumbrar um ensino diferente do que nos foi oferecido e o que nos foi negado, porém, nos deparamos com a dificuldade de desconstruir o que está arraigado em uma sociedade que evolui, a cada dia, sua melhor versão tecnológica e não se aprende a ensinar com a mesma evolução. Essa diferença nos remete a impressão de uma educação cada vez mais arcaica. Não adianta pensar uma educação com riquíssimos conhecimentos teóricos, porém, engavetados. As escolas públicas de hoje, que deveriam ser as escolas do futuro (já que a tecnologia está revolucionando as distâncias, as imagens, o mundo), vivem exatamente do mesmo jeito de décadas passadas, das cadeiras enfileiradas, uma atrás da outra, em salas frias, com um professor que por muitas vezes encontra-se desanimado porque na realidade nada mudou, a não ser as nomenclaturas, as normas, os pensadores e o giz.

Hoje penso que falta cada um fazer o seu papel! Falta a disponibilização de tudo que é direcionado à educação chegar até ela. Faltam professores motivados, equipados, mais bem remunerados, com salas com menos alunos, falta laço, falta espaço, falta interação, falta respeito. É preciso menos burocracia e mais ação. É preciso que o que tem valor não passe despercebido, o que é importante não deve se tornar invisível. Um professor motivado motiva toda uma turma ou a maior parte dela. Digo pelo que acontecia comigo (em sala de aula, enquanto aluna), assim como o contrário também tem a mesma potência.

Um professor que, mesmo diante de todas as dificuldades, acredita que algo de bom pode acontecer em meio ao caos, faz os alunos acreditarem assim também, e os alunos vibram quando se deparam com esse tipo de professor. Um professor assim leva os alunos a alçarem voos muito mais altos do que a imaginação é capaz de suportar. Professor marca, seja com algo que nos faz grande ou não.

Professor é o nosso primeiro exemplo de profissional na condução da trajetória na vida do cidadão frente a sociedade. Dos meus professores, a maioria eu não via só um profissional, eu via

uma explosão de coisas incríveis. Hoje quando eu estou em sala de aula eu quero fazer o melhor para tentar alcançar as pessoas, assim como eu fui alcançada.

Sala de aula foi feita para descontraír, criar laços, vivenciar novas experiências, aprender, aprender e aprender. Hoje eu percebo que a educação está “doente”, uma doença sem um diagnóstico conciso, sendo feita de cobaia com testes e mais testes para se chegar a um lugar tão simples. A aprendizagem está muito fictícia, com um roteiro muito melhor que as cenas. A escola não oferece atrativo e hoje, com a tecnologia nos acordando e nos acompanhando 24 horas, o que carecemos é dessa ascensão na educação, precisamos que ela progrida ao invés de regredir e é aí que me remete o papel das TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação –. Todo o mundo conectado, todo esse conjunto de recursos tecnológicos precisa adentrar no âmbito educacional para diluir o antigo, não que o antigo seja ruim ou negativo, mas estamos em uma nova era e precisamos utilizar desse novo conceito em favor de uma educação contemporânea.

É difícil um aluno se contentar apenas em sentar-se à frente de um quadro cheio de coisas para serem copiadas, se com um clique ele tem toda uma gama de informação necessária, inclusive muito além do que está sendo aplicado naquele instante. Assimilar essa discrepância é muito difícil. O aluno (ou uma parte significativa deles), hoje está com o mundo de informações à sua disposição, mas é necessário saber fazer uso delas, utilizando-as em seu favor, para o seu crescimento pessoal e para o bem de todos. Os alunos precisam se dar conta de que juntos com o professor e mais essa gama de informações a favor de todos, é possível derrubar grandes barreiras e se surpreender com o resultado. Educação cria o projeto, mas só o aluno, conduzido por seu professor, é capaz de fazer esse projeto funcionar, acontecer e para isso, é necessário a interação do novo.

Enfrentamos uma sociedade que finge que se importa, escolas que fingem que ensinam e alunos que fingem que aprendem. Enquanto essa realidade não for transformada, viveremos anos e anos “abortando” alunos, aprovando-os por suas notas medianas e

nada a mais que isso. Se continuarmos desse jeito vamos ficar cada dia mais tecnológicos e mais robóticos, condicionados feito máquinas, perdendo a magia da descoberta em grupo ou sozinho, tendo talento apenas para a função de dominados.

Os espaços escolares precisam de uma nova roupagem para se libertar dessa prisão de ultrapassados, impossibilitados de transformação. Precisamos de bibliotecas cheias de leitores e não de livros velhos esquecidos; precisamos de pessoas respeitando pessoas, regras, meios, animais, coisas. O que há de melhor disponível na sociedade e no âmbito educacional precisa alcançar a todos, sem distinção de cor, raça, crença, condição sexual ou qualquer outra escolha. Precisamos entender que somos um grupo cheio de individualidade; precisamos ser mais inteligentes na prática, sem falsas aparências. A educação necessita focar diretamente no ser humano e evoluir junto com o mundo.

Sou Tiago Benedito dos Santos, um menino que nasceu para sonhar, natural de Pindamonhangaba, criado na zona rural de santo Antônio do Pinhal e esse sonho que parecia ser tão distante, se tornou realidade. Filho de pai analfabeto, no início parecia uma tortura estudar, por várias vezes fiz birra para frequentar a escola, que com o tempo passei a gostar. Tive excelentes professores e com o tempo fui gostando e como toda criança passei até brincar de professor com os amiguinhos no bairro, sendo eu o professor. Fui catequista na igreja do bairro, aflorando mais a vontade de ser professor.

Apesar das dificuldades tenho um percurso escolar feliz e ao mesmo tempo sofrido pela família, que sempre prezou por eu estudar desde a educação infantil, já que meus pais não tinham estudo. Perto de onde eu morava não tinha escola de educação infantil, então minha mãe me levava da periferia para o centro da cidade, o Ensino Fundamental I, também era outra escola localizada no centro, no entanto não conseguia acompanhar a aprendizagem tinha muitas dificuldades, e por isso me interesse pelo tema da inclusão

Tive diferentes dificuldades ao longo da minha educação básica desde financeira até as de aprendizagem, mas tive professoras atenciosas, que além de me ensinar me incluíam, me faziam ter vontade de aprender, e desta forma, acabei gostando de estudar, e a cada dia que passava me dedicava mais.

Quanto a graduação parecia desejo remoto de se realizar e nem tinha passado pela minha cabeça fazer um mestrado, mas tudo mudou quando cheguei no fim do ensino médio. Gosto de lembrar que o sonho de ser professor tornou-se mais forte em 2001, quando estava formando no fundamental, e com o passar do tempo veio mais forte essa sensação de ser professor.

Neste mesmo período que queria ser professor passei também a querer ser sacerdote onde cheguei a ir para o seminário salesiano em Piracicaba - SP, a qual tive mais contato em ajudar a alfabetizar crianças carentes e com deficiência, sendo assim sai do seminário salesiano e voltei a fazer o Ensino Médio, já pensando em ir para a universidade.

Incluir, para mim devia ser natural de todos, e por isso o desejo de ser um professor. Sempre me interessei pelo assunto, mas nem sempre a inclusão ocorreu com naturalidade em todos os lugares.

Apesar do desejo de estudar e ser um professor para trabalhar com a inclusão, de início não tinha condições de fazer faculdade, então fiz concurso como Oficial de Escola, fiquei por 3 anos sendo secretário de escola, onde tive muito aprendizado com a educação, pois sabemos que parte do coração da escola tem início na secretaria, pois é lá, o ponto chave de uma escola, sem os funcionários do administrativo não somos nada, então surgiu também o desejo de ser um gestor escolar, mas seria possível ser gestor e incluir? Como eu poderia contribuir com a inclusão sendo gestor?

Seguindo em busca de crescimento acadêmico, anos se passaram eis que dou início ao nível superior. Não foram fáceis esses períodos, só eu sei o quanto foi difícil foi passar por todos os anos dentro da faculdade, pois as condições financeiras não eram boas, meus pais sem condições em ajudar a pagar a mensalidades, o baixo

salário do cargo público que ganhava não ajudava muito, o distanciamento entre Campos do Jordão até Taubaté, me faziam perder muito tempo em condução, e mesmo assim, com muita luta eu ainda não ganhava o suficiente para pagar a mensalidade, porém apesar de tudo isso fui levando até conseguindo a bolsa de estudos.

Fui aprovado pelo sistema PIBID para ser bolsista do programa, fiquei 8 meses como estagiário, e em seguida consegui o sonho esperado de todo tempo, comecei a lecionar na Escola Municipal Benedito da Costa Manso, hoje uma das escolas que faz parte da minha pesquisa, e de certa forma, da minha vida. Comecei lá, como aluno, e depois foi lá que dei início à minha carreira como professor.

Anos se passaram e formei-me em Letras, e aos poucos fui fazendo minhas especializações, sempre com aquele olhar em gestão escolar unida à inclusão, pois era e é o meu sonho, ser gestor que trabalha dentro da ótica da inclusão, fazer as coisas acontecerem da forma humana e justa. Após chegar meu primeiro certificado de pós-graduação em Gestão Escolar pela Faveni, em 2018, fiz outra em Educação Inclusiva, em 2019, pois eu queria conhecer mais a fundo a inclusão, e o meu papel nesse sistema de Educação, e me lembro dos conteúdos lidos nas apostilas.

Olhando para minha trajetória percebo que o sonho de um menino sonhador ainda não estava por completo realizado, amigos mais próximos sempre no meu pé para tentar o mestrado, anos passando e os colegas falando que eu estava perdendo tempo. Fiz a inscrição em dezembro de 2021, entrevista em janeiro de 2022, veio a resposta que eu tinha sido aprovado, lembrando que era a primeira vez que eu tinha feito o projeto e a primeira vez, num processo seletivo de mestrado.

Hoje olho as opiniões dos professores que se formaram Mestres e dos que apenas são graduados, percebo a diferença, e vejo o quanto esse processo, apesar de difícil, pode, e já vem fazendo a diferença em minha vida. Em relação aos benefícios de cursar um mestrado, entendo que aqueles que não o concluíram tem a oportunidade de expressar suas opiniões durante as dinâmicas, como neste momento,

onde tenho a liberdade de narrar minha trajetória acadêmica, unida aos interesses de uma gestão inclusiva. Resumidamente, o curso de Mestrado me agrega conhecimento, desenvolvimento profissional, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento acadêmico, mudança de emprego e oportunidades de emprego, avanço gradual, título.

Percebo que os professores que não concluíram o mestrado desejam aprender a fazer seu trabalho da melhor forma, esmiuçando os processos educacionais. Portanto, como retorno do mestrado os professores passam por um melhoramento de nível no que tange ao pensamento analítico, devido a um aumento no planejamento, a orientação acadêmica, e conseqüentemente criando, novas habilidades e competências.

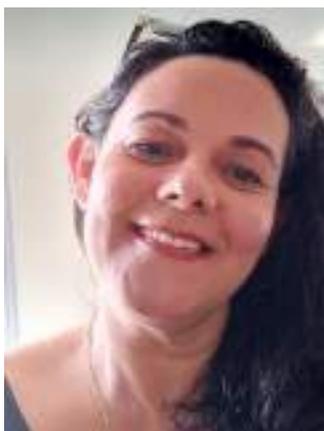
O mestrado me faz continuar na busca do atual, do moderno, do novo que se renova todos os dias. Será mais uma etapa de desafios e conhecimentos, de teorias e práticas que fazem a diferença no dia a dia escolar, e certamente ampliará minha visão para buscar resultados mais efetivos em sala de aula, com os meus alunos, para que eles possam se desenvolver como discentes, cidadãos capazes de entender e respeitar a convivência em sociedade, e também que sejam futuros profissionais qualificados para atuar na área escolhida, sabendo lidar com a tecnologia, usar seu raciocínio lógico, sua capacidade de decisão, entre outros conhecimentos.

Tenho em mente que o docente é o profissional que sempre precisa buscar aprendizado para mediar seu conhecimento em sala de aula da melhor maneira possível, para agregar novos conhecimentos e habilidades para os discentes. Com o mestrado, essa nova visão de atuação será possibilitada a mim e também é uma realidade de atuação mais ampla.

Referências

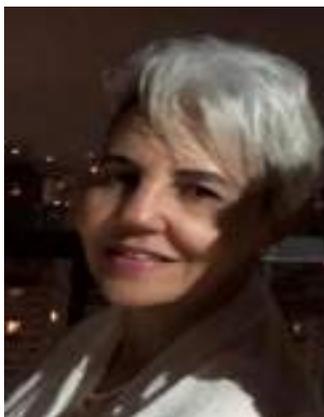
SANTOS, Tiago Benedito dos. **Gestão Inclusiva**. Dissertação (Mestrado em Curso) - Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), Linha de Pesquisa de Intervenção em Gestão e Práticas Educacionais (LPIGES). Universidade Nove de Julho, campus Vergueiro, São Paulo, 2023.

AS ORGANIZADORAS



Patrícia Ap. Bioto

Pós-Doutora em Educação pela PUCSP. Professora do Progepe-UNINOVE. Pesquisa, orienta e publica na área de formação de professores e gestores. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores: contextos, epistemologias e metodologias.



Rosiley Aparecida Teixeira

Possui Graduação em Pedagogia, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso, doutorado em Educação: História e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora do Departamento de Educação, Curso de Pedagogia e Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho/SP; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infância e Formação: Estudos Contemporâneos. Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED); Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE); Membro da Rede Internacional de Investigação-Ação Colaborativa Estreidiálogos; e da Collaborative Action Reseach Network (CARN); Membro do Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação (FEPAE).

AS AUTORAS E OS AUTORES



ANDREA DE SOUSA ARAUJO - Mestre em Gestão e Práticas Educacionais pela Universidade Nove de Julho (2022). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2010). Pós-graduada em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade de Educação São Luís (2009). Pós-graduada em Globalização e Cultura: Sociologia da Mudança pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2007). Licenciada em História pela Universidade do Grande ABC (2003). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (2000). Professora concursada na rede municipal de Santo André, desde 1995, atualmente atuando como Diretora de Unidade Escolar. Professora concursada efetiva de Educação Básica II, desde 2006, na rede estadual de São Paulo, atuando no Ensino Médio Regular e na Educação de Jovens e Adultos. Interessada em pesquisas com foco nas relações entre escola, família, sociedade e políticas educacionais. E-mail: andreas.araujo@uni9.edu.br; andreasousa.pmsa@gmail.com

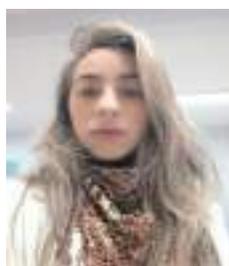


CAMILA SOARES DA SILVA - Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais na Universidade Nove de Julho/SP (2023). Especialista em Neuropsicopedagogia e em Educação Infantil pela Universidade São Luís (2019). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos/SP (2017). Pesquisa sobre políticas de integração docente. Integrante do GRUPEFP da Universidade Nove de Julho.

Atua como assistente pedagógica na rede municipal de Santo André, e na mesma rede já atuou como professora, e também na área administrativa da Secretaria de Educação. Email professoracamilasoareshasilva@gmail.com.



DÉBORA NERY CIRILO - Nasci em Santo André - SP, filha de Abílio e Ilda, que se conheceram na igreja numa fase difícil da vida deles, mas o amor entre eles foi a base forte para uma nova fase, uma nova vida. Eu sendo a caçula das três filhas, fui a única a realizar o sonho dos meus pais, que era ter uma filha com um diploma de ensino superior. Comecei com a Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Paulista (2012) e outra em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos (2014), e logo depois quis saber um pouco mais, e então vieram as Pós-graduações em Psicopedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos (2014) e em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela Universidade Cândido Mendes (2016). Para compreender mais sobre minhas inquietações acerca da formação de professores, me tornei Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (2022). Amo a educação, por isso continuo atuando e estudando sobre ela, hoje como professora concursada na rede municipal de Santo André, mas atuando como Assistente Pedagógica de Creche e com muito mais inquietações. E-mail: nerycdeb@gmail.com.



DENISE PEREIRA PEDRO SOUZA - possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Anchieta no Instituto Superior de Educação Anhanguera Educacional (2010). Especialização em educação especial: deficiência intelectual (2012) na Faculdade Claretiano. Especialização em docência do ensino superior (2015) pela Faculdade Campos Elíseos. Especialização em Alfabetização e

letramento na Faculdade Educamais UNIMAIS (2020). Graduação em Educação Física pela Faculdade Educamais UNIMAIS (2021). Mestre em Gestão e Práticas Educacionais pela universidade Nove de Julho – UNINOVE (2022). Trabalhei como Assistente Pedagógica na Prefeitura Municipal de Santo André, na área de Educação, com foco na formação de professores por 8 anos. Atualmente atuo como professora de educação infantil e ensino fundamental na rede municipal.



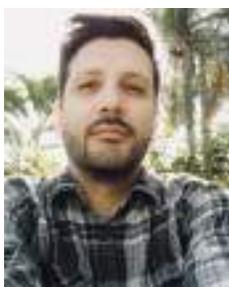
DESICLEI MARA DE OLIVEIRA BARROCAL MAPELI - Mestre em Educação,

pela Universidade Nove de Julho. Pós-graduada em Gestão e Supervisão Escolar pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Bandeirante de São Paulo, e em Artes Plásticas Pela Universidade São Judas Tadeu. Bacharel em Educação Artística pela Universidade São Judas Tadeu. Atuou como diretora de escola, coordenadora pedagógica e como professora de Ensino Fundamental na rede privada de ensino. Atuou como diretora de escola na rede estadual de São Paulo. Professora concursada na rede municipal de Santo André, SP, desde 2007 onde atuou como professora de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, Assistente Pedagógica, Diretora de Unidade Escolar, e atualmente atuando como Coordenadora de Serviço Educacional. Interessada em pesquisas com foco na formação de professores gestores escolares. E-mail: desicleimapeli@uni9.edu.br; desiclei@hotmail.com.



ELIANE DUARTE - Sou filha de Leocádia e Ramão, que se conheceram em uma fábrica de louças. Ela recém promovida para pintora de borda de penico, ele recém-chegado do interior após ter deixado a vida de cabo do exército. Casaram-se. Eu sou a sétima filha. A segunda com grau de Mestre, a primeira a ser aluna do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais na Universidade Nove

de Julho - SP (2023). Por ser curiosa me tornei Especialista em Pedagogias da Infância – Fundamentos, metodologias e procedimentos, na Universidade Nove de Julho/SP (2021). Para reparar uma graduação interrompida em 2012 me Graduei em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho/SP (2020). Por querer saber se realmente já tinham tentado tudo para melhorar o mundo me graduei em Ciências Sociais, pelo Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas (2010). Para poder ir estudar na capital e andar de metrô me formei em magistério pela Escola Estadual 1º de Maio. Pela mais pura curiosidade e encantamento pela profissão docente, pesquisei sobre formação de professores: contextos, epistemologias e metodologias. Integrante do GRUPEFP da Universidade Nove de Julho. Email: eli70duarte@gmail.com



GILSON BORSATO BATISTA - Nascido em São José do Rio Pardo, interior de São Paulo, Em 2022, recebi o título de Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho, atuando principalmente no seguinte tema: escola pública, estudantes. Possuo graduação em Desenho e Plástica pela Faculdade Euclides da Cunha (2005) e pós graduação em MBA Gestão

Empreendedora pela Universidade Federal Fluminense (2016). Atualmente sou professor de arte e coordenador de organização escolar na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Tenho

experiencia na Educação, com ênfase em administração educacional e as minhas inquietações acerca da escola pública não param, e aspergir o conhecimento adquirido com as pesquisas é essencial para uma possível mudança de olhares e posturas. Email: gilsonborsato@yahoo.com.br



JULIANE BARSSALOS DA CRUZ - Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais na Universidade Nove de Julho/SP (2023). Por ser apaixonada pela alfabetização, dediquei a maior parte dos meus estudos e pesquisa no tema de Alfabetização; me tornei Especialista na primeira especialização em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco/SP (2005) e Alfabetização e Letramento pela Faculdade de Integração São Luís (2013). Para aprimorar minha prática como professora alfabetizadora me graduei em Pedagogia no Centro Universitário de Santo André, UNIA (2005). Por querer seguir o caminho de professora, após concluir o Magistério no CEFAM (1994), conclui a minha primeira graduação em Letras (1999) no Centro Universitário de Santo André, UNIA (1999). Atualmente sou gestora de uma escola pública municipal em Santo André/SP. Email: jbarssalos@gmail.com



KARIN PEREIRA DA COSTA MAIA - Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário FIEO e Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, meus primeiros passos na docência deram-se na Educação Infantil, na rede privada de ensino, e os pequenos estudantes foram meus maiores mestres; eles ensinaram-me a cantar, dançar, resgatar o brincar, sonhar e fantasiar, descobrir o mundo pelo olhar daqueles pequenos. que mostraram que, sem amor, sem conectar-

se ao outro, não há ensino de qualidade. Atualmente, atuo com formação continuada aos gestores da rede municipal de ensino de Jandira/SP, sou concursada como Professora Coordenadora de Gestão escolar, na Secretaria Municipal da Educação. Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais na Universidade Nove de Julho (2023). Sigo meu caminhar interessada em pesquisas com abordagens no trabalho e cultura colaborativos na escola, tema da minha dissertação, que está disponível na biblioteca da UNINOVE e vale a pena conferir. E-mail: karinmaia@uni9.edu.br; karin_mai@hotmail.com.



LEILA CILENE SILVA - Sou uma mulher negra vinda de família humilde, que estudou em escola pública até o ensino médio, fui a primeira filha a concluir o nível superior, custeado com muita dificuldade, com ajuda de toda a família, motivo de orgulho para meu pai operário que sempre sonhou em ter alguém com formação na faculdade. ...Atualmente sou mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais, pela Universidade Nove de Julho, Campus Vergueiro, São Paulo. Pesquisa sobre Formação de professores: Contextos, epistemologias e metodologias. Participo do GRUPEFP da Universidade Nove de Julho. Especialista em Supervisão escolar, Educação Especial, Mídias na Educação e Psicomotricidade. Graduada em Pedagogia e Letras. Professora concursada na rede municipal de Diadema para Educação Básica, atuando como coordenadora pedagógica na Secretaria de Educação. Email: leylika1974@gmail.com.



LUCIANE BECK SOLA - Mestranda em Gestão e Práticas Educacionais pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e Bacharel em Direito pela Universidade Brasil (UB). Professora efetiva da Rede Municipal de

Ensino de São Paulo desde o ano de 2011, e atualmente atua como diretora de escola na PMSP. E-mail: lu.beck@bol.com.br.



LEONARDO DE MELO SOARES - Neto de migrantes nordestinos, filho do Sr. Luiz (O Baratão), balconista, e Dona Albanita (D. Nita), Funcionária Pública. Leonardo é pai do Bernardo e irmão da Vivian, também educadora. Todos cientes, orgulhosos, mas não conformados pelas lutas, vitórias e honras que vem perpassando por suas gerações.

Atualmente ele é Mestrando em Gestão e Práticas Educacionais pela Universidade Nove de Julho (Uninove - SP), graduado em Letras - Espanhol pelo Instituto Educacional Alvorada do Saber (2006), MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (2009) e Graduado em Pedagogia pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (2013). Atualmente é Diretor Escolar na rede municipal de São Bernardo do Campo (Ed. Infantil) e professor de Língua Portuguesa e Espanhol na rede Municipal de Embu das Artes. Em suas graduações, defendeu os trabalhos de conclusão de curso (TCC) com os temas: "*O Processo de ensino-aprendizado da língua portuguesa auxiliado pela música popular Brasileira (MPB)*" - LETRAS e "*A seriedade do brincar na educação infantil*" - PEDAGOGIA. Foi professor da rede estadual de São Paulo por 14 anos lecionando aulas Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio. Anterior à carreira pública trabalhou em empresas multinacionais na Gestão e Coordenação de

treinamentos nas áreas comerciais e de atendimento. Sempre atuou socialmente na comunidade em que nasceu e cresceu (Embu das Artes - SP), está interessado nas relações entre Gestão Escolar e Serviços Públicos parceiros. E-mail: profleonardo230911@gmail.com e melo.soares@uni9.edu.br



MARIA ARIVALDA DE OLIVEIRA - Mestre em Gestão e Práticas Educacionais pela Universidade Nove de Julho (2023). Licenciada em Letras pela Universidade do Grande ABC (2003). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Bandeirantes (2008). Pós-graduada em Educação Inclusiva (2010). Professora da Rede Pública de Ensino desde 2000. Professora concursada de Educação Básica I na Rede Municipal de São Paulo, desde 2010. Atualmente atuando, também, como Professora Formadora de Professores na Diretoria Regional de Ensino São Matheus/ZL. Interessada em pesquisas com foco na formação docente, currículo e políticas educacionais. E-mail: maria.arivalda@sme.prefeitura.sp.gov.br; mariaarivalda@hotmail.com; @mariaoliveira0878.



ROBERTA DE FREITAS THEODOSSIOU - Mestre em Gestão e Práticas Educacionais pela Universidade Nove de Julho (2023). Pós-graduada em Pedagogia de Direitos e Transformação Social pelas Faculdades Integradas Claretianas (2011). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004). Diretora escolar em um Centro de Educação Infantil do município de São Paulo (desde 2012). Tem experiência na área de Educação Infantil, com ênfase em gestão escolar e relações interpessoais no trabalho. E-mail: robertateodossiou@hotmail.com



SÔNIA ROCHA DE ALMEIDA VIEIRA -

Atua na educação há 17 anos. Mestre em educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas educacionais (PROGEPE) pela UNINOVE/2023, com a pesquisa: “O trabalho colaborativo na escola: o que pensa a equipe gestora das escolas públicas da rede municipal de ensino de São Paulo”. Pós- graduada em Psicopedagogia pela Universidade da Cidade de São Paulo - UNICID. Graduada em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Formada em magistério no colégio Cenecista Alcides de Oliveira Dourado.



TIAGO BENEDITO DOS SANTOS - casado,

mestrando em Gestão e Práticas Educacionais, pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) cujo tema de pesquisa é: A Gestão da Educação Inclusiva em Duas Escolas de Santo Antônio do Pinhal – SP. Graduado em Licenciatura em Letras (Português e Inglês), Licenciado em História e Ciências Sociais, Especialista em Gestão Escolar, Deficiência Intelectual, Linguística Aplicada e Literatura Portuguesa

A casa de chão de vermelhão a mangueira e a paineira, laços formados pelo tempo, aproveitando cada segundo de uma existência, de histórias vívidas, de histórias contadas e Estórias faladas. Bem doce como os frutos daquela mangueira e leve como as painas daquela paineira, que hoje já cumpriu seu ciclo de vida e não existe mais, isso mesmo, as painas daquela paineira não existem mais, não invadem mais a casa de chão de vermelhão no explodir do fruto, mas as lembranças são invadidas e transbordam sentimentos em cada apresentação que será por aqui lida, sentida e imaginada a voz de cada narrador de sua história.

Gilson Borsatto

